

SER E FAZER DISCÍPULO

Discipulado e Missões

Wilbur Norman Pickering, ThM PhD

© 2024

Copyright©2024 – Todos os direitos reservados por

Wilbur Norman Pickering

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Wilbur Norman Pickering, Ser e Fazer Discípulo
Discipulado e Missões - 2024.

ISBN – 978-1-7368237-6-7.

154 p.: 15 cm x 21 cm

CDD – 220

1. Bíblia

CDD– 240

2. Preceitos Bíblicos; casuística moral cristã.

Sumário

Estratégias Missionárias de Cristo	1
Rogar ao Senhor por obreiros	3
A Grande Colheita	3
Os poucos trabalhadores	4
A Estratégia Missionária	5
Alcançar simultaneamente Jerusalém. . . e os confins da Terra	7
A estratégia	8
Um apelo	9
A Segunda Vinda de Cristo	11
Conclusão	17
Fazer Discípulos, não Meramente Convertidos	21
O Sentido da Ordem	21
"Aborrecer"	23
"Levar a Cruz"	26
"Renunciar Tudo"	27
O Efeito Estratégico	28
Menor Abandonado Não é Negócio!	29
O Exemplo de Cristo, e de Paulo	31
Como Funciona	32
A Implementação da Estratégia	36
Como Ser Discípulo?	37
Fazer Discípulos de Quem?	41
Como Fazer Discípulos?	44
Implicações	49
Viver em Função do Reino, não para si	52
A Mentalidade do Reino	53
Sejamos Escravos do Soberano Jesus!	57
Somos Pobres Demais?	63

A Economia de Deus	68
A "Promessa de Fé"	72
A Prestação de Contas	76
Pregar a Cada Pessoa	81
Um Neo-universalismo Recrudescente	81
Não Há "Inocente"	82
Deus é Justo	86
A Hipótese Neo-universalista	88
Conclusão	90
Seguir o Exemplo de Jesus	94
Identificar-se	96
Procurar "Renascer"	97
Cuidado com Questões Políticas e Econômicas	99
Humilhar-se	102
Limitar-se	104
Respeitar	113
Preparar-se	116
Implicações	118
Como `ouvir` o Espírito Santo	122
Contentamento	130
Batismos na Bíblia	142
Batismos na antiga aliança	142
Batismos na transição	143
Batismos na nova aliança	145

ESTRATÉGIAS MISSIONÁRIAS DE CRISTO

Já se passaram quase dois mil anos desde que nosso Salvador e Soberano, Jesus Cristo, pouco antes de Seu retorno para o Céu, deixou certas ordens de marcha para Seus súditos: “Fazei discípulos em todas as nações étnicas”, “Pregai o Evangelho a cada pessoa”, “Sereis minhas testemunhas até os confins da terra”. Contudo, mesmo nesta altura do campeonato, os seguidores de Jesus mal conseguiram chegar a meio caminho. Provavelmente um terço das nações étnicas do mundo ainda não conheceu o seu apóstolo, e duvido que muito mais de um terço delas tenha um verdadeiro discípulo de Jesus entre os seus membros. Metade dos indivíduos no mundo, fora a membresia étnica, ainda não ouviu o Evangelho pela primeira vez. **Ouvir** – entender nem se comenta.¹

O que devemos pensar diante de tal situação?! O Senhor Jesus não esperava ser obedecido? Ele apenas gostava de conversar, gostava do som da Sua própria voz? Não. Ele estava falando sério, obviamente. Tanto assim que a primeira geração, a dos Apóstolos, praticamente alcançou o seu mundo. Eles fizeram maravilhas – e isso sem carros, aviões, rádio, TV, computadores, etc. Mesmo assim, alcançaram seu mundo, começando com um punhado de pessoas. Eles conseguiram tudo isso precisamente porque levaram a sério os mandamentos de Cristo, aparentemente compreendendo o seu efeito estratégico. Infelizmente, com o passar dos anos, a Igreja perdeu a perspectiva que os Apóstolos tinham recebido de Jesus, com a trágica consequência de que, desde então, os mandamentos de Cristo têm sido geralmente ignorados ou mal compreendidos. Sim,

¹ Em tempo: Faz muito tempo que escrevi este material, e as estatísticas devem estar defasadas. Como meu interesse agora é nos princípios envolvidos, vou deixar os dados como estão.

mal compreendidos, porque hoje há muitos que pensam estar obedecendo a uma ou outra das ordens, mas sem compreender o seu verdadeiro significado, para nem falar do seu conteúdo estratégico.

Ora então, se os Apóstolos conseguiram alcançar o seu mundo em uma geração, por que não podemos fazer o mesmo? Por que não deveríamos repetir essa conquista? Creio sinceramente que tudo o que teríamos que fazer é recuperar as estratégias missionárias de Cristo, contidas nas Suas ordens, e ordenar as nossas vidas e ministérios nessa base. Creio que poderíamos terminar de alcançar o mundo dentro da nossa geração. Na verdade, tudo me leva a crer que Jesus virá em breve, o nosso tempo está cada vez mais curto. Talvez não precisemos ir além de Lucas 21.24 – entendo que Jerusalém deixou de ser "pisada pelos gentios", no sentido profético da palavra, em 1967, quando a cidade de Jerusalém voltou ao controle da nação de Israel pela primeira vez desde que o Senhor proferiu essas palavras. E, “quando vocês virem essas coisas acontecendo, saibam que o reino de Deus está próximo. Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo se cumpra” (Lucas 21.31-32). A inter-relação entre o retorno de Cristo e as missões transculturais será discutida mais na frente.

Mais uma vez insisto: se a massa de crentes evangélicos, a partir de agora, acordar e começar a implementar as estratégias missionárias de Cristo, poderemos terminar de alcançar o mundo nesta geração. Você acha isso um absurdo? Por favor, avalie o que se segue com cuidado.

Rogar ao Senhor por obreiros

Começamos com as palavras do Senhor Jesus Cristo que encontramos em Mateus 9.37-38. "A seara é deveras grande, mas os trabalhadores são poucos. Portanto, roguem ao Senhor da seara que envie trabalhadores para a Sua seara."

A Grande Colheita

Esta palavra, dirigida aos seus discípulos, começa com a colheita que está diante de nós: é grande. Se há dois milênios era grande, imagine hoje! Em Mateus 28.19 o Senhor Jesus nos ordena a fazer discípulos em todas as "nações". A palavra "nação" é uma tradução da palavra grega da qual derivamos palavras como 'étnico' e 'etnologia'. Encontramos a mesma palavra em Apocalipse 5.9, alistada com as palavras "tribo", "língua" e "povo" (ver também Apocalipse 7.9, 11.9 e 14.6). Refere-se a um povo definido etnicamente. Qualquer povo que seja distinto de todos os outros povos do mundo em termos de língua e cultura é uma "nação" no que diz respeito à Grande Comissão dada em Mateus 28.19.

Pois então, visto que Jesus nos ordena fazer discípulos em **todas** elas, quantas existem no mundo de hoje? Depende. Fontes diferentes utilizam critérios diferentes, com resultados diferentes. O Centro para Missões Mundiais nos EUA, que tanto tem feito para desafiar o povo de Deus com os povos não alcançados do mundo, informa-nos que existem cerca de 12.000 desses povos. Esses são os não alcançados – os povos que foram "alcançados" também somam cerca de 12.000 (evidentemente há uma grande disparidade no tamanho desses povos, alguns muito grandes, alguns muito pequenos; em geral, os povos populosos estão entre os alcançados, e os pequenos grupos entre os não alcançados). Acontece que o Centro

define “povo” principalmente em termos culturais, de modo que vários desses povos podem falar a mesma língua.

Por outro lado, a Wycliffe Bible Translators prefere definir os povos em termos de idioma. A décima segunda edição do Ethnologue (1992) alista mais de 6.500 línguas faladas no mundo hoje. A política declarada dos editores é errar com cautela, usando informações que sejam consideradas razoavelmente válidas. Uma vez que existem áreas do mundo sobre as quais não temos essa informação, e uma vez que o advento de uma informação melhor geralmente acrescenta línguas à lista, pessoalmente não tenho dúvidas de que existem mais de 6.000 línguas distintas e viáveis no mundo de hoje. Concluo que para realmente cumprir Mateus 28.19 teremos que traduzir a Palavra de Deus para todas essas línguas, por causa dos termos da Comissão. Então, prefiro definir ‘nação’ em termos de **língua** e cultura. Presumo que existam pelo menos 6.000 dessas nações étnicas no mundo hoje.

Em Marcos 16.15 o Senhor Jesus nos ordenou que pregássemos o Evangelho a todas as pessoas. Em julho de 1986, os jornais declararam que em algum momento durante o mês a população mundial ultrapassaria a marca dos cinco bilhões. Hoje a população total chegou à casa de oito bilhões. Oito bilhões – é difícil imaginar tantas pessoas! Mas aí estão eles. Essa é a nossa colheita, e como é grande! Seis mil nações étnicas e oito bilhões de pessoas.

Os poucos trabalhadores

Voltando a Mateus 9.37, o Senhor Jesus então declara que os trabalhadores são poucos. Bem, diante de tal colheita pode-se concluir que os trabalhadores serão sempre muito poucos. Na verdade, parece-me que muitos crentes já desistiram – estão

resignados com a ideia de que a Igreja nunca alcançará o mundo.

O facto cruel é que neste momento da história os trabalhadores não são apenas “poucos”. Para muitos lugares e povos eles são inexistentes – simplesmente não existem! Acredito que seja verdade dizer que metade das nações étnicas no mundo de hoje, 3.000 dos 6.000, portanto, ainda não têm o seu apóstolo de Jesus Cristo.

E quanto às pessoas individualmente? É o mesmo quadro trágico. Aqueles que investigam esta questão dizem-nos que metade das pessoas no mundo, ou seja, 4 bilhões, ainda não ouviram o Evangelho de Jesus Cristo (pelo menos com alguma compreensão). Aí você tem uma calamidade de tamanho mundial. Quer medimos por indivíduo ou por nação, a imagem é esta: metade do mundo à espera de ouvir, metade das nações étnicas sem apóstolo. Isto apesar do fato de a Igreja de Cristo existir há quase 2.000 anos.

É verdade que o quadro vem melhorando. As estatísticas de 200 anos atrás eram muito piores. O esforço missionário dos últimos 200 anos fez uma tremenda diferença. Na África e na Ásia a Igreja cresce a um ritmo impressionante. Apenas os Tradutores da Bíblia Wycliffe já trabalharam com mais de 1.000 idiomas, e isso durante os últimos oitenta anos. Se o trabalho fosse iniciado com outro grupo étnico a cada dez dias, em média, a esse ritmo ainda seriam necessários 100 anos para chegar à última “nação”. Devemos melhorar, porque é pouco provável que Deus nos dê tanto tempo.

A Estratégia Missionária

A ordem, ou estratégia, que encontramos em Mateus 9.38 vai direto ao ponto: ore ao Senhor da colheita por trabalhadores.

É absolutamente necessário que haja um trabalhador para cada povo, para cada lugar, e o remédio que Jesus prescreve é orar por trabalhadores. Notar que estamos diante de uma ordem e não de uma sugestão. Jesus nos **ordena** que oremos por trabalhadores, mas será que estamos fazendo isso, você acha? Não deveríamos obedecer pelo menos a esta ordem, visto que aparentemente é algo que qualquer crente poderia fazer? E quanto à sua igreja, vocês estão obedecendo a essa ordem – digamos, todos os domingos? Se não, por que não? Por que não começar agora! E que tal na sua vida pessoal? Não poderíamos gastar um minuto por dia – digamos, enquanto você se veste ou penteia o cabelo – clamando a Deus para levantar e enviar trabalhadores para o mundo perdido, para as nações étnicas não alcançadas? Por favor, note que ninguém pode dizer que é pobre demais para orar ou que não tem instrução suficiente para orar. Qualquer crente pode orar, não importa quão humilde seja. Certo? Portanto, aqui temos pelo menos uma das ordens de Cristo que está ao alcance de todos. No entanto, parece haver alguma dificuldade, pois aparentemente poucas pessoas estão realmente obedecendo a esta ordem. Consideremos a estratégia mais de perto.

Qual poderia ser o conteúdo estratégico desta ordem? Bem, se vou orar a Deus por trabalhadores, devo ser sincero, não acha? Eu deveria ser consistente – não? Portanto, se eu, sendo sincero e consistente, clamo a Deus por trabalhadores, eu mesmo devo estar pronto para ouvir a resposta de Deus. Certamente, porque algum belo dia Deus pode me dizer: "Isso é bom, meu filho, eu ouço você em alto e bom som; agora, um dos que quero enviar é você!" Algum problema? Ou então Ele pode dizer: "Não vou mandá-lo para outra nação, mas você precisa contribuir mais do que tem contribuído para apoiar aqueles que eu envio". E certamente Deus exigirá mais

intercessão de todos nós. Aí está o efeito estratégico desta ordem: se cada crente evangélico obedecesse pelo menos a esta ordem de forma sincera e consistente, não haveria falta de trabalhadores, não faltaria dinheiro para apoiá-los e não faltaria intercessão, apoio espiritual para garantir o trabalho. Nós tomaríamos o mundo de assalto! Só que isso não está acontecendo, certo? Esse é o problema – obedecer a esta ordem requer **comprometimento**. Precisamos considerar apenas um pouco a questão para ver claramente que não podemos obedecer nem mesmo a esta ordem sem estarmos verdadeiramente comprometidos com Cristo e Seu reino.

Creio que a cada passo verificaremos que o problema essencial é este: há falta de compromisso com Jesus e com a Sua causa. A consequência trágica deste fato é que metade do mundo continua a perecer sem ter ouvido o Evangelho de Jesus Cristo. Portanto, comprometamo-nos sem reservas com o Soberano Jesus e Sua causa, real e verdadeiramente. Que tremenda é a colheita que nos espera – 4 bilhões de pessoas que não ouviram, 3.000 nações étnicas sem apóstolo. E Jesus está voltando!

Alcançar simultaneamente Jerusalém. . . e os confins da Terra

Agora consideremos as palavras do Senhor Jesus que encontramos em Atos 1.8. “Recebereis poder quando o Espírito Santo tiver vindo sobre vós; e sereis testemunhas a mim: tanto em Jerusalém, bem como em toda a Judéia e Samaria, e até a última extremidade da terra”. São as últimas palavras que Ele pronunciou aqui na terra antes de retornar para o Céu, com Seu corpo prestes a levantar-se do chão. Ele não teria escolhido essas palavras com cuidado? Sem dúvida, e sem dúvida Ele espera que prestemos muita atenção a elas. Mesmo numa

leitura superficial fica claro que Cristo se preocupa com o mundo inteiro. Mas além deste significado óbvio, as Suas palavras contêm uma estratégia, uma estratégia tremenda, uma estratégia capaz de alcançar o mundo numa geração!

A estratégia

Como muitas vezes acontece na Bíblia, o segredo está nas pequenas palavras, neste caso “tanto ... como ... e”. Observe que Jesus não disse: “Sereis minhas testemunhas **primeiro** em Jerusalém, **depois** em toda a Judéia e Samaria e, **finalmente, se eventualmente sobrar povo, tempo e dinheiro**, até os confins da terra”. (Não é essa a atitude de muitos cristãos, a julgar pelas suas ações?) Não, a declaração diz “tanto ... como ... e”, ou seja, simultaneamente. Devemos trabalhar para alcançar a nossa “Jerusalém, Judéia e Samaria” e os confins da terra **simultaneamente**. Se nossas igrejas evangélicas, de fora a fora, realmente se comprometerem com esta estratégia, terminaremos de alcançar o mundo nesta geração. Se os Apóstolos fizeram isso, por que não podemos nós?

Os Apóstolos, e presumivelmente a geração que eles discipularam, evidentemente compreenderam e obedeceram a esta estratégia. Tanto que naquela geração, começando com um punhado de gente (e sem tecnologia moderna), conseguiram praticamente alcançar o seu mundo. O Apóstolo Paulo fez planos para visitar a Península Ibérica. Se pudermos confiar na tradição da Igreja, o Apóstolo Tomé conseguiu chegar ao sul da Índia! Mas depois da era apostólica a Igreja, em geral, perdeu essa visão, e foi assim que as coisas permaneceram ao longo dos séculos até a era das missões modernas.

A consequência deplorável da perda dessa visão é que, ao longo dos séculos e até hoje, a maioria das pessoas nasce, vive

e morre sem nunca ter ouvido falar de Jesus Cristo. Essa é a maior tragédia de todos os tempos!

Por outro lado, se ao longo dos tempos a Igreja tivesse sempre seguido esta estratégia, então sem muita demora a Palavra de Deus teria sido levada a todos os povos do mundo e a partir de então cada nova geração teria tido a opção de aceitar ou rejeitar o Evangelho. Isso não teria sido maravilhoso? Ao longo dos séculos, cada povo teria tido acesso viável à Palavra de Deus, ao Evangelho de Cristo.

Um apelo

Ainda podemos fazê-lo, mesmo que seja um pouco tarde (antes tarde do que nunca!). Considerar. Se a partir de hoje a massa de seguidores de Cristo realmente levasse esta estratégia a sério, então o seguinte deveria acontecer: os muitos jovens que Deus está chamando receberão apoio espiritual e financeiro de suas igrejas. Deverão receber uma preparação adequada, incluindo as ferramentas para lidar com outras línguas e culturas (lembre-se que muitas delas nunca foram estudadas). Uma vez preparados, serão espalhados por todo o mundo, nas áreas e com os povos que não têm acesso efetivo ao Evangelho. Eles passarão cerca de dois anos adquirindo o domínio da língua e da cultura locais, ao nível que possam explicar sobre Jesus sem muito risco de inventarem heresias. A partir de então deveria haver conversões e o surgimento de novas igrejas, onde não havia nenhuma.

Ora, essas igrejas também deveriam abraçar esta estratégia missionária de Cristo e assim começarão não apenas a evangelizar a sua própria “Jerusalém”, mas também a sua “Judéia e Samaria”. Desta forma, dentro de uma geração, não restaria um único lugar ou povo sem acesso viável ao Evangelho de

Cristo. Por exemplo, há povos indígenas no Brasil que receberam a Palavra de Deus nas suas línguas (pela primeira vez) apenas há alguns anos, mas os crentes não estão apenas preocupados em alcançar o resto da sua nação étnica, a sua 'Judeia', eles também querem enviar missionários a outros povos. (Estou bem ciente de que existem sérias barreiras religiosas e políticas que podem atrapalhar nosso caminho; abordarei elas em outro ensaio, mas nosso Mestre possui a Chave de Davi – Apocalipse 3.7.)

Vamos cooperar com o Espírito Santo! Vamos levar a sério os mandamentos de Cristo. Vamos apoiar aqueles que Deus está chamando para o trabalho transcultural. Vamos motivá-los a obter uma preparação adequada e depois partir para os campos do mundo. Vamos ajudá-los a encontrar uma infraestrutura adequada com a qual possam trabalhar para serem mais eficientes. Poderá ser necessário ajudar no apoio a tais infraestruturas (missões). Em suma, façamos o que for necessário para alcançar os confins da terra na nossa geração!

Mas, só um minuto. Os duros fatos da vida nos obrigam a dizer uma palavra de cautela. Apelos emocionais não são a resposta. Ninguém deveria pensar em assumir um desafio transcultural sem se preparar adequadamente. Essa preparação deverá incluir as ferramentas técnicas para lidar com novas línguas e culturas. Mais importante ainda, absolutamente necessário, a pessoa precisa ser um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo (compromisso total) e saber conduzir a guerra espiritual. Esses dois temas ocupam os seguintes ensaios: “Faça discípulos, não apenas convertidos” (em baixo) e “Liberte as pessoas do poder de Satanás” (no meu livro, *Guerra Espiritual Bíblica*).

A Segunda Vinda de Cristo

Já dei palestras sobre missões transculturais muitas vezes. Descobri que a pergunta mais frequente feita em conexão com a volta de Cristo tem a ver com Mateus 24.14. É um lugar tão bom para começar quanto qualquer outro. “Este Evangelho do Reino será proclamado em toda a terra habitada como testemunho a todas as nações étnicas, e então virá o fim.”

A questão colocada com mais frequência é se Cristo poderá regressar antes de alcançarmos a última nação étnica. O advérbio temporal “então” indica que algo tem que acontecer primeiro, neste caso a pregação do Evangelho a cada nação étnica. Essa parte parece bastante clara. A interpretação do versículo depende do significado ou referência do “fim”. O fim do quê? Suponho que todos concordarão que este dia tem um fim, esta semana tem um fim, este mês tem um fim, este ano, esta década, etc., mas são “fins” distintos que ocorrem em datas diferentes (geralmente). Da mesma forma, na escatologia existem vários “fins”. Este mundo tem um fim; o milênio tem um fim; a grande tribulação tem um fim; esta era de graça tem um fim – no meu entendimento da Palavra de Deus esses fins são diferentes e distintos, e não coincidirão. Então, a qual desses fins Jesus se referia em Mateus 24.14?

Se Ele estava se referindo ao fim do mundo ou ao fim do milênio, então a passagem não tem relação com o retorno de Cristo, pois Ele já terá vindo. E não será problema nosso porque durante o milênio o próprio Deus fará com que todos ouçam. “Nunca mais ensinará cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: ‘Conhece ao SENHOR’, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR” (Jeremias 31.34).). “Não se fará mal nem destruição em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do

conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Isaías 11.9). Se houver alguma parte do oceano sem água, então alguém poderá sobreviver sem conhecer o Senhor. Veja também Apocalipse 21.24.

Mas se Jesus estava se referindo ao fim da grande tribulação, como fica? A volta de Cristo depende da nossa atividade missionária? Eu acho que não. Considere Apocalipse 14.6. "Então eu vi outro anjo voando em meio céu, tendo um Evangelho eterno para ser proclamado aos habitantes da terra, a saber, a cada etnia e tribo e língua e povo." Como esta atividade angélica ocorre durante a grande tribulação, antes do seu fim cada grupo étnico terá sido “evangelizado”, os falantes de cada língua conhecerão a verdade sobre Deus e o Seu Reino. Assim, Cristo estará livre para vir e estabelecer o Seu Reino Messiânico (milênar).

Somente se Jesus estivesse se referindo ao fim desta era da graça, a era da Igreja, e se a posição pré-tribulação, ou pré-ira, do arrebatamento for a correta, teremos um problema - somente nesse caso o retorno de Cristo depende de nossos esforços missionários. Se o arrebatamento da Igreja precede a grande tribulação e se a última nação étnica deve ouvir o Evangelho antes que o arrebatamento possa ocorrer, então estamos em maus lençóis! Visto que talvez cerca de 2.000 nações étnicas ainda não ouviram o Evangelho, chegou a hora de todos os verdadeiros crentes arregaçarem as mangas e fazerem o que pode ser feito para alcançar essas nações! Muitos dos missionários transculturais que trabalham em todo o mundo têm precisamente esse entendimento, e é por isso que são missionários – estão empenhando as suas vidas no esforço de ver a última nação étnica alcançada para que Jesus possa voltar! Desejo que todos se sintam assim e invistam suas vidas

para ver o cumprimento da grande comissão de Cristo. Oxalá fosse assim!

Há uma interpretação de Atos 1.8 que deve ser mencionada aqui. Esta palavra de nosso Senhor é geralmente considerada uma declaração com efeito prático de uma ordem. Contudo, há quem diga que a declaração de Jesus é uma profecia. A frase “até a última extremidade da terra” é realmente singular e pode ser entendida como se referindo ao último lugar, ou talvez até ao último grupo étnico, na terra. Eles argumentam que Jesus estava se dirigindo aos Seus discípulos, de sorte que se Suas palavras foram proféticas, então são Seus discípulos que devem chegar ao “último lugar”. Se a posição deles estiver correta, então pareceria que é a Igreja que deve terminar de alcançar o mundo – não podemos passar a responsabilidade para o anjo de Apocalipse 14.6.

Contudo, eu mesmo não compreendo o Texto Sagrado das formas acima mencionadas. Minha formação teológica foi fortemente pré-tribulacionista, mas já migrei para uma posição meso-tribulacionista – entendo que a interpretação que faz o melhor trabalho de acomodar **todas** as passagens relevantes (construir uma posição sobre apenas uma ou duas delas é ilícito) é aquele que vê o arrebatamento da Igreja precedendo o derramamento da ira de Deus.¹ **Contudo**, o Texto apresenta-

¹ “Antes ou depois? – 2 Tessalonicenses 2.2 X 2.7-8” – Em Mateus 24.44 o Senhor Jesus disse: "Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis". Parece-me que para que haja o fator 'surpresa' o arrebatamento da Igreja terá de acontecer antes da 'abominação da desolação' (Mateus 24.15). Quando o anticristo tomar seu lugar no Santo dos Santos e se autodeclarar como deus, então haverá precisamente 1.290 dias até o retorno de Cristo à terra. "À hora em que não penseis" presumivelmente exige um arrebatamento 'pré-abominação' — se for 'pré-ira' mas 'pós-abominação', só

um tolo pode ser tomado de surpresa, a não ser que o arrebatamento ocorra imediatamente após a 'abominação' (2 Tessalonicenses 2.3-4).

Vamos começar com 2 Tessalonicenses 2.2. Uns 15% dos manuscritos gregos trazem 'dia do Senhor' (como em NVI, LH, Atual, etc.); os 85% que trazem 'dia de Cristo', que inclui a melhor linha de transmissão, certamente estão corretos (como em Fiel e Cont). A diferença entre as leituras tem reflexo escatológico. O 'dia de Cristo' é geralmente associado com o arrebatamento e benção para os santos, ao passo que o 'dia do Senhor' é geralmente associado com juízo pesado sobre o mundo e Israel não-arrepentido; o que inclui o derramar de ira logo antes e depois da segunda vinda de Cristo, quando retorna em glória para estabelecer o Seu Reino Milenar.

A dificuldade aparente aqui é que ao passo que os versos 1, 6 e 7 dizem respeito ao arrebatamento, tudo indica, os versos 3-4 e 8-10 dizem respeito à Grande Tribulação e a Segunda Vinda. Que fazer? Atentar para o Texto. No verso 2, porque estariam os crentes da Tessalônica 'perturbados'? É que alguém estava ensinando que o arrebatamento já tinha acontecido e que eles ficaram para trás — eu também estaria perturbado! Pois então, 'dia de Cristo' é precisamente correto no que diz respeito ao conteúdo dos versos 1 e 2. É o verso 3 que traz problema, pois uma cláusula foi elidida; é por isso que as traduções, para ajudar o leitor, comumente acrescentam uma cláusula, de preferência em letra itálica, para indicar que é um acréscimo, como na Fiel — "*não será assim*". Só que isso colocaria o arrebatamento depois da revelação do homem do pecado e a 'abominação da desolação' — certamente não compatível com certos esquemas escatológicos. Uma 'solução' fácil seria alterar 'Cristo' para 'Senhor' no verso 2, só que isso colocaria o arrebatamento dentro do 'dia do Senhor' — também não compatível. Eu gostaria de propor que dar uns pequenos retoques a nossa posição escatológica é preferível a mexer no Texto.

Se 'o que detém' nos versos 6-8 é o Espírito Santo (o que me parece ser a única identificação adequada) então o arrebatamento acontece antes da 'abominação', e pode até ser visto como 'gatilho'. Mas, se o 'dia de Cristo' inclui o arrebatamento, então verso 3 pareceria colocar o arrebatamento depois da 'abominação'. E agora, como fica? Embora minha própria formação tenha sido fortemente 'pré-tribulacionista', já migrei para uma posição 'meso-tribulacionista'. Se o arrebatamento seguir imediatamente à 'abominação', então o fator 'surpresa' permanece em

nos alguma ambiguidade; sim, apresenta mesmo, e é por isso que ninguém deve tentar declarar o assunto encerrado, muito menos excomungar quem discorda.

Voltando a Mateus 24.14, entendo que “o fim” ao qual Jesus se refere é o da grande tribulação, porque imediatamente, no versículo seguinte, Ele fala da “abominação da desolação”, que acontecerá nesse período. Nesse caso, aquele anjo em Apocalipse 14.6 nos tirará da nossa situação difícil. Tudo o que for deixado por fazer pela Igreja, esse bendito anjo completará. Ah, anjo abençoado! Mas espere só um minuto! Que ninguém cruze os braços e diga: "Bem, já que aquele anjo vai resolver o nosso problema, podemos parar de nos preocupar com isso e fazer a nossa própria coisa; esses povos não alcançados já esperaram por todo esse tempo e não saberão a diferença se eles tiverem que esperar mais um pouco; é problema deles." Quem quer que pense e aja dessa maneira será severamente punido no tribunal de Cristo! Precisamos desenvolver mais respeito pela prestação de contas final – não será coisa fácil!

Suponhamos que estamos observando quando chega a vez de um crente negligente; ele está diante do Tribunal. Então Jesus lhe pergunta de que maneira ele se esforçava para ver Seus mandamentos cumpridos. Então o crente egocêntrico começa a gaguejar: "Bem, hum, quer dizer, sabe, Senhor; aquele anjo, em algum lugar do Apocalipse, não diz algo sobre um anjo...?" Alguém realmente imagina que Jesus aceitará um argumento

pé. Se a 'abominação' e o arrebatamento acontecerem, ambos, dentro de poucos minutos, então do ponto de vista de Deus formariam um só 'pacote', e a exata seqüência deixa de ser importante — para todo efeito prático acontecem ao mesmo tempo.

tão monstruosamente estúpido? Não se engane! Jesus exigirá saber o que fizemos em relação às Suas **ordens!**

Realmente, pessoal, duvido muito que Jesus insistirá que estivéssemos precisamente corretos sobre cada detalhe na cronologia do fim dos tempos. Para quê? Se estou efetivamente vivendo como um discípulo, como Seu escravo, se estou fazendo o meu melhor para agradá-Lo, se estou empenhando todas as minhas energias em prol do Seu Reino, que diferença faz se eu estiver enganado sobre o tempo do Arrebatamento? **Porém**, se a minha visão das coisas me leva a ser descuidado, a ser negligente, então é diferente. Infelizmente, muitos dos que defendem a visão pré-tribulacionista, em vez de se gastarem para “trazer de volta o Rei”, estão sentados à espera do arrebatamento. Se os meios de comunicação relatam tragédias cada vez maiores, ficam satisfeitos, porque isso significa que o arrebatamento deve estar se aproximando – tal atitude é uma aberração que não deriva da própria doutrina. Por estranho que pareça, muitos dos que criticam esses pré-tribulacionistas estão eles próprios fazendo pouco, ou nada, para cumprir a Grande Comissão. Qual é o nosso problema?

Queridos irmãos, vamos reduzir nossas perdas. Vamos dar tudo o que temos. Se Cristo retornar antes de chegarmos à última nação étnica, amém! Se Ele vier quando chegarmos a esse último, aleluia! Se terminarmos o trabalho e Ele ainda não vier, pelo menos podemos esperar ouvir Seu “Muito bem, servo bom e fiel!” (Mateus 25.21). Espero que ninguém queira ouvi-Lo dizer: “Servo mau e preguiçoso!” (Mateus 25.26). Qualquer coisa menos isso!

Desejo terminar insistindo novamente na absoluta necessidade de levarmos a sério os mandamentos de Cristo. Podemos estar completamente certos; dentre todas as coisas que serão

exigidas de nós quando estivermos perante o Tribunal de Cristo, nenhuma será mais importante do que **Suas ordens**. Portanto, seja qual for a tua posição escatológica, continuemos obedecendo a esses mandamentos. Vamos em frente? Que Deus nos ajude!

Conclusão

Já fiz exposição de sete estratégias missionárias de Cristo. Pode haver outras, é claro, mas estas são as que Deus me motivou a apresentar. As sete são:

- 1) Rogar ao Senhor da seara por trabalhadores – sendo consistente.
- 2) Alcançar simultaneamente a nossa Jerusalém, a nossa Judéia e Samaria e os confins da terra.
- 3) Pregar o Evangelho a todas as pessoas – pois ninguém é inocente.
- 4) Fazer **discípulos**, não meramente convertidos.
- 5) Viver para o Reino de Deus, não para você mesmo.
- 6) Libertar as pessoas do poder de Satanás.
- 7) Seguir o exemplo de Jesus.¹

Reconheço que meu foco é transcultural, mas os mandamentos de Cristo e o coração de Deus abrangem o mundo. Se tudo estivesse progredindo bem, se estivéssemos acertando no alvo do plano de Deus, não haveria necessidade deste livro; poderíamos simplesmente continuar continuando. Mas uma vez que a nossa maior omissão envolve os confins da terra, as nações étnicas perdidas do mundo, uma vez que é este aspecto dos mandamentos de Cristo que tem sido geralmente mais ignorado, este é o lado que enfatizei. Contudo, não terão

¹ Em tempo: as estratégias 3 a 7 serão tratadas a seguir, neste livro. Aliás, o número 6 é tratado no meu livro, *Guerra Espiritual Bíblica*.

estas estratégias implicações e aplicações diretas para as nossas igrejas, para a nossa vida quotidiana, para o evangelismo e ministério local? Acho que é óbvio que sim. Mais uma vez digo, estas verdades têm o potencial e a capacidade de transformar as nossas vidas, os nossos lares, as nossas igrejas, a nossa sociedade, talvez até o nosso mundo!

Francamente, se de fora a fora levássemos a sério apenas uma, qualquer uma, seria necessária apenas uma, dessas estratégias, nada poderia deter a Igreja. Mas se levarmos a sério dois, três ou todos (por que não todos?) delas, então certamente poderemos terminar de alcançar o mundo nesta geração.

Valerá a pena deixar de lado o nosso egoísmo, a nossa mesquinhhez, o nosso provincianismo, o nosso etnocentrismo, as nossas ambições meramente pessoais, o nosso denominacionalismo, em suma, a nossa pequenez de espírito – coisas todas que Satanás explora para neutralizar o nosso potencial – valerá a pena deixar essas coisas de lado e unir forças para alcançar o nosso objetivo comum. Vamos aprender uns com os outros. O tempo é curto; não podemos mais nos dar ao luxo de aprender tudo sozinhos, repetindo sempre os mesmos erros.

Uma certa análise da história missionária na América Central, que considero altamente significativa, distinguiu três fases na relação entre os missionários estrangeiros e as lideranças nacionais que surgiram como resultado da atividade missionária. A primeira fase é caracterizada pelo paternalismo: os missionários tendem a menosprezar a opinião dos fiéis locais, impondo as suas próprias ideias e a cultura religiosa do seu país de origem. A segunda fase é caracterizada por uma reação nacionalista: a liderança local retribui em espécie, rejeitando as ideias (e por vezes a participação) dos missionários. Na terceira fase, atinge-se um nível de maturidade espiritual e

emocional tal que todos os envolvidos possam trabalhar juntos numa atmosfera de respeito mútuo, cada um contribuindo com o que pode fazer melhor. É natural que uma vítima do paternalismo queira vingar-se e, de fato, alguns paternalistas intransigentes podem exigir um tratamento duro, mas temos realmente de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para chegar à fase três o mais rapidamente possível. O desafio que enfrentamos exige um esforço conjunto; exige o melhor que cada um pode dar.

Proponho o seguinte. Devemos humilhar-nos diante de Deus e da Sua Palavra, fazendo o nosso melhor para distinguir entre os verdadeiros valores do Reino e os valores da nossa própria cultura religiosa e nacional. Queridos amigos, precisamos chegar ao ponto de dar prioridade aos valores do Reino de Deus – sempre que houver um conflito entre algum valor do Reino e algum valor da nossa cultura (seja ela nacional ou religiosa), **o valor do Reino deve prevalecer**. Por favor, pessoal, elevar nossos valores acima dos valores de Deus é uma forma de idolatria! Que Deus nos ajude a parar com isso! Considere: se procedermos dessa forma, teremos um terreno comum onde nenhuma cultura humana é considerada melhor do que qualquer outra e, portanto, deverá ser possível trabalhar juntos em harmonia. O que você acha, não valerá a pena?

Existem outras coisas que nos dividem; existem polarizações que podem ir além do que o Texto Sagrado ensina. Quando impomos as nossas ideias ao Texto e assumimos posições radicais com base nessas ideias, damos muito espaço a Satanás para trabalhar no nosso meio e ficamos indispostos a respeitar uns aos outros ou a trabalhar em conjunto. Dito isso, contudo, deveríamos insistir na autoridade objetiva do Texto Bíblico. Precisamos cerrar fileiras em torno das verdades fundamentais que definem a nossa Fé.

Para finalizar, convido a atenção do leitor para um detalhe interessante. É isto: em cada versão da Grande Comissão que encontramos nos Evangelhos e Atos há uma declaração de **poder**. “Foi me dado todo o poder (autoridade) no céu e sobre a terra” (Mateus 28.18). “Estes sinais acompanharão os que crerem:” (Marcos 16.17). “... até serem revestidos de poder do Alto” (Lucas 24.49). “Recebam o Espírito Santo!” (João 20.22). “Recebereis poder” (Atos 1.8). A mola mestra é o poder que o Espírito Santo nos dá. Sem o Seu poder não conseguiremos. Portanto, meus conservos, submetamo-nos conscientemente ao Espírito Santo para caminhar cheios de Seu poder, porque assim poderemos cumprir os mandamentos de nosso Mestre – até mesmo o ponto de terminar de alcançar o mundo nesta geração.

FAZER DISCÍPULOS, NÃO MERAMENTE CONVERTIDOS

Agora vamos atentar para as palavras do Senhor Jesus que encontramos em Mateus 28.18-20, a chamada Grande Comissão de Cristo. A primeira coisa que nos chama a atenção é a declaração feita no verso 18: "É-me dado todo o poder no céu e na terra." (Outra versão diz "autoridade" que resulta na mesma coisa, pois não há autoridade sem poder.) Em outras palavras, Jesus se declara como O Maior, o Soberano do universo,. Esta declaração tem pelo menos dois reflexos para os seguidores de Cristo.

Primeiro, é condição básica de êxito sabermos que nosso Chefe é o Maior. É esta certeza inabalável que nos dará as condições de enfrentar o inimigo e as circunstâncias adversas sem temer e sem vacilar.

Segundo, qualquer ordem dada pela Autoridade Máxima do universo exige atenção e respeito total. Para começar, tal atenção e respeito tem que se manifestar numa exata atenção prestada ao exato sentido da ordem. Precisamos definir o conteúdo semântico da ordem de forma completa e perfeita, se possível. Pois ao proferir uma ordem nosso Chefe obviamente quer ser obedecido, e de forma certa e completa. Então, vejamos agora o conteúdo semântico da ordem.

O Sentido da Ordem

Uma tradução rigorosa seria mais ou menos a seguinte: "Ao irem, discipulai todas as etnias, batizando-os no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado." (Também poderíamos traduzir "fazei discípulos em todas as etnias".)

Constatamos que só tem um verbo no imperativo, a saber "discipulai". Daí se vê que teremos que procurar a essência da ordem nesse verbo. Sei que nossas principais versões traduzem o verbo "ir" como se também estivesse no imperativo, mas não está – está no particípio passado. Portanto não pode representar a ação principal; é uma circunstância. Creio que pensando um pouco fica claro que o ir não passa de circunstância. A gente "vai" para chegar ao lugar onde deve trabalhar. Alguém poderia passar o tempo todo indo e nada fazer, um eterno turista. O Senhor Jesus faz de conta que já estaremos indo, ou já teremos ido (ao pé da letra a tradução seria "tendo ido"). Em outras palavras, onde quer que cada um esteja, conforme a vontade de Deus para cada qual, a ordem é fazer discípulos.

A ordem é, fazer **discípulos**. Infelizmente a versão "Corrigida" nos despista ao traduzir "ensinai" — o verbo ensinar está, sim, no começo do verso seguinte, mas não no verso 19. (Observe-se de passagem que a maioria esmagadora dos manuscritos gregos que contêm este trecho [95%] não tem a palavra "portanto", razão porque não coloquei na minha tradução.) Já que a ordem é fazer discípulos, antes de mais nada precisamos entender a acepção exata que Jesus tinha do vocábulo "discípulo", pois aí está o cerne da ordem. Pois então, que entendia **Jesus** por "discípulo"? O contexto imediato fornece um bom subsídio, pois o verso 20 diz: "ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado". Quer dizer que fazer discípulo implica em **ensinar** (não meramente pregar). Mas ensinar o quê? Ensinar a guardar, isto é, obedecer todas as coisas que Jesus mandou. Mas obviamente ninguém pode obedecer coisa que ignora; daí teremos que ensinar as próprias

coisas que Jesus mandou, e todas elas. Seria exatamente isso que estamos fazendo nas nossas igrejas?

Convido a atenção do leitor para Lucas 14.25-33, única passagem onde se preserva nas próprias palavras de Jesus uma definição de discípulo, e onde Ele emprega a palavra "discípulo", de sorte que não há como não entender (é claro que discipulado é abordado em outras passagens, mas como a palavra "discípulo" não se encontra poderia haver discussão a respeito). Três vezes encontramos a frase "não poderei ser meu discípulo". A expressão é enfática, principalmente no Texto original. Trata-se de condições absolutas que o Senhor coloca — quem não preencher não tem jeito. Vamos, pois, às condições.

"Aborrecer"

A primeira se encontra no verso 26. "Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo." Mas que palavra difícil! Será que tenho mesmo é de aborrecer (o verbo grego é "odiar"), inclusive aos entes mais queridos? Como pode? Deus não manda amar as pessoas? Que será que Jesus quer com essa palavra tão dura? Deve ser entendida de forma comparativa, assim como está na passagem paralela, Mateus 10.37: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim". Em outras palavras, Jesus exige de mim, caso me proponha segui-lo como discípulo, que eu coloque meu relacionamento com Ele acima de todos os demais relacionamentos na vida, quer seja com pai, com mãe, com mulher, com filhos ou com o próprio "eu". Jesus exige o primeiro lugar, sem concorrência. Agora, quem sustentar um relacionamento assim com o Senhor Jesus se verá, vez

por outra, obrigado (pelo próprio Jesus) a se comportar de uma maneira que as pessoas que estão do lado de fora de um tal relacionamento com Jesus não irão entender. Não saberão interpretar corretamente. Vão interpretar como descaso, desprezo, aborrecimento, ódio até. Senão, vejamos.

Mais de uma vez já houve quem me dissesse bem objetivamente, bem "na cara", que eu certamente aborrecia minha esposa e minhas filhinhas por carregá-las selva adentro a fim de morarmos em plena aldeia de índios, como fiz, com efeito. Pois tais pessoas não conseguiam entender meu comportamento. Não dava para entender que um chefe de família com as minhas condições iria expor essa família à vida difícil, primitiva, até perigosa de plena selva amazônica, inclusive dentro de aldeia indígena, privando-a assim do conforto e das vantagens da cidade. Só podiam interpretar meu procedimento como falta de responsabilidade, no mínimo.

E quantos missionários, cujos pais não compartilhavam o ideal do filho, na hora difícil da despedida, prestes a zarpar para outra terra, não têm ouvido dos lábios dos próprios pais palavras mais ou menos assim: "Mas meu filho, você odeia a gente, você vai abandonar a gente, vai se lascar sabe lá aonde, não faça isso meu filho!". Naquela hora de angústia os pais lançam mão de exatamente esse tipo de linguagem — interpretam o procedimento do filho como descaso, desprezo, ódio até. Daí se vê que ao fazer uso da palavra "aborrecer" Jesus não estava exagerando, não estava sendo ridículo. É isso mesmo — aborrecer.

No entanto, gostaria de avaliar a questão da responsabili-

dade. Será que agi de forma irresponsável ao levar minha família selva adentro morar com índio? Qual seria melhor, a selva com Jesus ou a cidade sem Ele? Se levo a família para a selva obedecendo a ordem de Jesus, quem responde pelas conseqüências é Ele. Se permaneço na cidade contra Sua vontade, aí quem responde sou eu. Sei que a questão é tanto séria como prática, pois conheço homens que sabiam perfeitamente ter um chamado missionário mas não atenderam, alegando a esposa — não poderia expor a mulher a esse tipo de vida.

Aliás, o Antigo Testamento nos traz o relato de certos homens que fizeram opção semelhante — refiro-me aos guerreiros de Israel em Cades-Barnéia. No cronograma de Deus estava na hora de invadir a terra prometida, mas dez dos doze espias desanimaram a turma e se rebelaram contra a ordem de Deus, ordem já dada e conhecida. Como justificativa alegaram que se obedecessem seriam mortos e aí como seria o caso das mulheres e das crianças. Não bastasse, ainda fizeram uma contraproposta a Deus — seria até melhor morrer por ali. (É muito perigoso fazer contraproposta a Deus, pois Ele é capaz de aceitá-la, como no caso em pauta.) Como resultado passaram mais 38 anos vagando no deserto (ver Deut. 2.14), até que todos os homens que votaram contra Deus em Cades-Barnéia morressem. Não ficou um sequer para atravessar o Rio Jordão. Já as mulheres e crianças, a suposta justificativa pela desobediência, Deus fez entrar na terra prometida.

Meus irmãos, enfrentemos qualquer perigo menos desobedecer a vontade conhecida de Deus. Fazer contraproposta nem se pense! Nosso Chefe se responsabiliza pelas conseqüências das suas ordens, quando obedecidas. Privar

a família da proteção de Deus, expondo-a às conseqüências da nossa desobediência — isso sim é ser irresponsável. Discípulo verdadeiro de Cristo deve sempre preferir "aborrecer" a família, e sua própria pessoa, antes de desobedecer. É isso mesmo.

"Levar a Cruz"

A segunda condição se encontra no verso 27 (Lucas 14). "Qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo." Que será que o Senhor entende pela palavra "cruz"? Seria o adorno que alguém leva no pescoço? Algum problema na vida ou aquele vizinho que você não agüenta? Não. Há dois mil anos cruz significava uma só coisa — morte. Representava maneira de matar, aliás a mais melindrosa da época. Creio que em Lucas 9.23 temos uma palavra que versa sobre o mesmo assunto. "Jesus disse a todos: 'Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e siga-me'." O próprio conteúdo semântico do verbo "levar" (Lucas 14.27) dá a idéia de uma ação contínua. Já aqui em Lucas 9.23 temos que "tomar cada dia" a nossa cruz — parece ser uma morte diária.

Aliás, o Apóstolo Paulo usa exatamente essa expressão em 1 Coríntios 15.31, dizendo que ele morria cada dia. Mas como entender essa expressão? Obviamente não se trata de morte física. Como então? Creio que o "negar-se a si mesmo" (Lucas 9.23) nos aponta o caminho certo. É uma morte para si, para as próprias idéias, ambições, desejos e querereres; é um abrir mão do meu suposto direito de mandar na própria vida. E esta atitude tem que ser renovada cada dia, e quem sabe cada hora. Parece-me ser o efeito da expressão que achamos em Romanos 12.1 onde fala em

apresentarmos os nossos corpos em "sacrifício vivo". Mas essa expressão não lhe parece um pouco estranha? No Antigo Testamento, no meio de tantos animais sacrificados, tantos holocaustos, houve alguma vez sacrifício vivo? Como e quando passava um animal a ser sacrifício? Não era no momento da degola, vertendo seu sangue? Logo, só teria sacrifícios mortos. Mas Paulo fala de sacrifício "vivo". Creio ser exatamente o "levar da cruz" que já notamos — é uma morte contínua, viver morrendo. É negar-se a si mesmo a cada passo. E Jesus declara que sem esta disposição é impossível ser discípulo dEle.

"Renunciar Tudo"

A terceira condição se encontra no verso 33 (Lucas 14). "Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo." O "assim pois" liga este verso às duas ilustrações dadas nos versos 28 a 32. Creio que essas ilustrações dizem mais respeito ao ato de entrar na condição de discípulo, que iremos examinar daqui a pouco, mas interessa observar aqui que se trata de uma decisão consciente e estudada, um ato do arbítrio. E não pode ser diferente, pois aqui Jesus exige uma renúncia completa, uma entrega sem reservas — enfim, "tudo quanto tem".

Avaliando as três condições juntas, podemos constatar que de certa forma são três maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. Embora uma condição focalize os relacionamentos, outra as ambições e a terceira as coisas, são expressões de uma realidade básica. Nosso Senhor Jesus Cristo exige compromisso total! Agora podemos afirmar a definição que o Senhor deu à idéia de "discípulo". Para Jesus, discípulo é alguém que tem (e mantém) compromisso total

com Ele.

Voltando a Mateus 28.19, vamos ver se entendemos melhor **a ordem**. A ordem é, fazer discípulos — **discípulos**, não meramente "crentes" ou convertidos — discípulos, na acepção da palavra que o Senhor Jesus tinha, e tem — **discípulos**, pessoas cujas vidas efetivamente giram em torno da Causa e da Vontade de Cristo, pessoas que vivem em função do Reino, no duro, para valer!

O Efeito Estratégico

Que estão as nossas igrejas fazendo, em geral? O enfoque, quase exclusivo, é no evangelismo — será que não? Estamos a fim de "ganhar almas", de ver as pessoas convertidas. (Isso nas igrejas que ainda têm compromisso com a Bíblia; certas outras não passam de clubes sociais e já estão nas mãos do inimigo.) Nas igrejas "tradicionais" ou "históricas" o novo convertido deve freqüentar os cultos e participar da vida da igreja; querendo ser bom mesmo, passa a ser dizimista. Já nas igrejas "pentecostais" ou "renovadas" o novo convertido deve também procurar "a segunda bênção"; sendo "batizado no Espírito" aí chegou mesmo. Mas quem está fazendo discípulos no sentido que Jesus mandou? Qual será o resultado prático desse enfoque nosso? É exatamente aquele quadro calamitoso que já comentamos: meio mundo sem ouvir uma vez o Evangelho de Cristo; um terço das etnias sequer tem porta-voz de Cristo ainda. É claro. O enfoque de apenas ganhar almas enche as igrejas de crianças, crianças espirituais (não tem nada a ver com a faixa etária da pessoa). Pois bem, e daí? Daí, criança trabalha? Criança não trabalha, **dá trabalho** (e como!). Amados irmãos, estamos diante de uma questão do tamanho do mundo, literalmente. Embora possa doer,

precisamos avaliar objetiva e corajosamente este assunto — o destino eterno do mundo está em jogo.

Menor Abandonado Não é Negócio!

Que devemos pensar de um homem que no âmbito físico anda gerando filhos sem ter a menor preocupação com a alimentação, o abrigo, a educação, enfim o cuidado desses filhos? Com toda justiça tacharemos esse homem de irresponsável, de inimigo da nossa sociedade. Sim, porque ele está introduzindo menores abandonados na sociedade, e estatisticamente muitos deles (provavelmente a maioria) passarão a ser marginais e criminosos. Menor abandonado não é negócio! Gostaria de sugerir para a reflexão cuidadosa do leitor que existe uma analogia quase perfeita entre o âmbito físico e o âmbito espiritual nesta área.

Quando trazemos à luz filhos espirituais (por assim falar), mas não os discipulamos, não os levamos a fazer uma entrega sem reservas a Jesus, não os levamos à condição de adultos na fé, então acarretamos uma série de consequências negativas. Que é que mais faz pastor envelhecer antes da hora? São os incrédulos lá fora, ou é a criancice dentro da igreja? É claro que é a criancice espiritual na igreja. (Observar de passagem que às vezes a justiça se faz, pois quando o pastor só prega mensagens evangelísticas o maior culpado é ele mesmo, pois não apascenta as ovelhas. Comida de bode não serve para ovelha.) Ao fazer evangelismo pessoal, qual a desculpa que mais se ouve quando alguém quer se livrar? Ele não apela para a vida de crente Fulano, Beltrano ou Cicrano? É a criancice espiritual na igreja.

E depois tem os "gatos escaldados" — são aqueles que dizem, "já fui crente". Que será que aconteceu com ele? Presumivelmente ouviu a pregação, atendeu ao apelo, seguiu

as instruções dadas e deu sinais de vida, participando nas atividades da igreja. Mas aí Satanás deu em cima dele, a vida de crente não foi aquele "mar de rosas", houve mais problemas do que bênçãos. E como ninguém explicou a razão das coisas, como ninguém o discipulou, aí ele começou a desanimar, ficar perplexo, se sentir iludido e abandonado. Daí ele vai se distanciando e quando menos espera já está longe. Agora é "gato escaldado", pois já foi vacinado. Reconquistar uma pessoa assim dá mão de obra, sem comentar todos os reflexos negativos que se espalham pela vizinhança.

Quando pensamos nos povos não alcançados o problema da criança espiritual nas igrejas se faz sentir de forma bem aguda. Precisamos de soldados, e para tanto criança não serve. Via de regra nem vai se oferecer (ainda bem). Mas acontece que nem todos os que se apresentam, e que acabam sendo enviados aos campos missionários, são discípulos — alguns deles pouco passam de criança. E se criança pega em serviço de homem, por acaso o serviço vai sair bem feito? Dificilmente. A criança, coitada, está fazendo por onde, mas não tem a força, o saber, a experiência e a capacidade de um homem. É criança. O mundo perdido está à espera de adultos, gente grande, discípulos.

Amados irmãos, sejamos pais responsáveis! é simplesmente uma falta de responsabilidade terrível trazer à luz filhos (no âmbito espiritual também) sem assumir as consequências naturais e necessárias — alimentar, proteger, educar e levar os mesmos à condição de adulto. **Menor abandonado não é negócio.** Creio que vem muito ao caso o exemplo do nosso Mestre.

O Exemplo de Cristo, e de Paulo

Como fez o Senhor Jesus durante seus três anos de ministério público aqui na terra? Com quem Ele gastou a maior parte do tempo? Não foi com doze homens? Andaram juntos, comeram juntos, dormiram no mesmo lugar, e estavam a ouvir e observar tudo que o Mestre fazia, durante uns dois anos. E Jesus jogou tudo naquele "time", naqueles homens. Quando Ele voltou para o Céu o futuro da Igreja estava nas mãos deles. Se tivessem fracassado de uma vez, a Igreja acabava por lá mesmo, logo no início. Mesmo quando Jesus lidava com o povo, como fazia? Ele promovia campanha evangelística? Não consta. O que o Texto Sagrado registra é que o que Ele fazia mais era ensinar o povo, às vezes o dia inteiro. Pois Jesus queria discípulos. Em qualquer época o bemestar da Igreja depende dos discípulos que existirem.

Parece que o Apóstolo Paulo, pelo menos, entendeu o exemplo e a estratégia de Cristo, pois também cuidou de fazer discípulos. Ao despedir-se da igreja de Éfeso ele afirmou, "nada que útil seja deixei de vos anunciar e ensinar, publicamente e de casa em casa" (Atos 20.20), e novamente, "nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus" (Atos 20.27). Paulo não se detinha numa mensagem meramente evangelística — queria discípulos. Tudo indica que a motivação maior ao escrever suas cartas era levar os convertidos à condição de discípulos. Só para exemplificar podemos citar Colossenses 1.28. Falando de Cristo, Paulo escreve: "A quem anunciamos, admoestando a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo."

Efésios 4.12-13 é ainda mais interessante nesse sentido, pois Paulo atribui o intuito ao próprio Cristo. Foi Ele mesmo que deu apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres à Igreja, "visando o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo." Em outras palavras, Cristo quer **discípulos**, na acepção da palavra que já explicamos. Em 2 Timóteo 2.2 Paulo deixa claro que devem surgir gerações sucessivas de discípulos, presumivelmente até a volta de Cristo.

E qual foi o resultado da aplicação desta estratégia pelos Apóstolos? Alcançaram seu mundo nasua geração. E se recuperarmos o mesmo enfoque, será que não podemos também alcançar o nosso mundo nesta geração? Creio que sim. Senão, vejamos.

Como Funciona

Fazer discípulo leva tempo e pode ser incômodo, mas é a maneira mais rápida, certa e segura de efetivamente alcançarmos o mundo. À primeira vista, pensando superficialmente, pode parecer que não. Aliás, a visão que parece prevalecer no mundo evangélico atual é de evangelismo em massa — temos de ganhar almas e em número maior possível. Quanto mais almas em quanto menos tempo, melhor. Só que não resolve. Pode dar um crescimento rápido aparente a curto prazo, mas acaba ruindo por não existir o alicerce e a infra-estrutura para agüentar tamanho peso. Criança não trabalha; dá trabalho.

Para fazer discípulo é preciso gastar tempo com ele, assim

como fez Jesus. E é preciso "abrir o jogo"; não pode fingir ser um super-crente que não tem problemas, nunca peca, nunca é atacado por Satanás, etc. (É possível chegar a ser um discípulo sozinho, mas costuma ser um processo demorado e dolorido, exatamente por falta de assessoria.) É preciso explicar a razão das coisas, dar assessoria efetiva, fundamentar mesmo. Parece ser demorado, mas acaba sendo mais rápido. Imaginemos que eu seja o único discípulo verdadeiro de Cristo no mundo hoje [é claro que não é verdade, e graças a Deus por isso], só para efeito de raciocínio, só para ver até onde a brincadeira leva. Digamos que neste ano eu consiga fazer mais um discípulo — não somente ganho a alma, mas seguro, fundamento, doutrina, levo a uma entrega sem reservas a Jesus, enfim discípulo. Aí no final do ano seremos dois. Certo?

(Talvez alguém esteja duvidando da possibilidade de fazer um discípulo dentro de um ano. O segredo maior está na entrega sem reservas a Jesus. Enquanto alguém não fizer essa entrega, seu crescimento espiritual será paulatino, quando tem. É aquele quadro tão costumeiro — três passos para frente e dois e meio para trás, quando não são três ou três e meio para trás. A entrega total dá ao Espírito Santo o direito de agir livremente na vida da pessoa e com isso ela pode crescer rapidamente, alcançando patamares espirituais que a maioria dos crentes sequer chega a vislumbrar.)

Muito bem. Durante o próximo ano cada um faz mais um discípulo — ganha e segura, fundamenta, doutrina, enfim discipula. Aí seremos quatro (dois mais dois). Certo? Durante o terceiro ano repetimos a façanha — cada um ganha mais um, e **discipula**. Aí seremos oito. (Você não tem que

ser um evangelista de renome internacional; você não tem que ganhar 300 almas por ano; basta ganhar uma, desde que segure, discipule mesmo.) Durante o quarto ano dobramos de novo e aí seremos 16. Repetindo a dose, ano por ano, chegaremos ao final do décimo ano com nada menos que 1.024 discípulos! Já pensou? Haverá algum pastor que não se daria por satisfeito se durante dez anos de ministério conseguisse criar uma igreja com 1.000 membros? Mas vamos em frente, vamos ver a segunda década.

Prosseguindo no mesmo ritmo, terminaríamos o décimo primeiro ano com 2.048 discípulos. Dobrando cada ano terminaríamos a segunda década com nada menos que 1.048.576 discípulos! Pois bem, aí terminaríamos o vigésimo primeiro ano com 2.097.152 discípulos, e assim por diante até completar a terceira década com 1.073.741.824 discípulos. É isso mesmo, mais de um **bilhão** como resultado de apenas trinta anos de fazer discípulos, na base de um por ano! Se continuássemos assim por mais quatro anos, alcançaríamos a cifra de mais de 17 bilhões de discípulos. Sucede que só (?) temos 8 bilhões de pessoas no mundo hoje, de sorte que poderíamos perder a metade a caminho e ainda alcançar o mundo inteiro dentro de 34 anos! Que tal, vamos lá?

Mas, espera aí. Isso tudo começando com apenas um; mas não sou o único. Será que existem um milhão de discípulos verdadeiros (não meros crentes) no mundo hoje? Creio que sim, e até mais. Muito bem, nesse caso podemos subtrair vinte anos dos 34 que seriam necessários para alcançar o mundo. É claro, pois segundo o modelo sugerido levaria vinte anos para chegar à casa de um milhão. Se já somos mais de um milhão poderemos terminar de alcançar o

mundo **dentro de 14 anos!** Será que não?

Sei que várias objeções já se apresentaram a seu pensamento. Esse quadro é muito idealizado; não leva em conta as barreiras diversas que existem: barreiras ideológicas, políticas e religiosas, barreiras geográficas e de língua e cultura, a barreira da fraqueza humana com manifestações várias, e principalmente a barreira da atuação satânica e demoníaca no mundo. E agora, "José", como fica? Bem, reconheço existirem todas essas barreiras, e de fato são grandes, mas nosso Chefe é maior. As barreiras de ideologia, política e religião poderemos destruir usando as armas segundo 2 Coríntios 10.4-5, ao passo que a atuação de Satanás e os demônios poderemos vencer fazendo uso dessas e das outras armas espirituais que o Senhor Jesus coloca à nossa disposição (ver meu livro, *Guerra Espiritual Bíblica*). Não esquecer também da "chave de Davi" (Apocalipse 3.7).

Já as barreiras de geografia, língua e cultura deverão ceder diante da tecnologia moderna—temos ferramentas cada vez melhores para fazer frente a esses problemas. E as fraquezas humanas? Bem, aí vem ao caso exatamente o discipulado e o poder e a capacitação do Espírito de Deus. Um alerta se faz necessário aqui: por "discipulado" refiro-me ao processo de sermos e fazermos discípulos de Jesus, não de nós mesmos. Muitas vezes os "grilos" de um discipulador ou do fundador de um movimento passam a ser "doutrina" para os seguidores, e com isso vão parar no "brejo", mais dia menos dia. Façamos discípulos de **Jesus**; levemos as pessoas a dependerem diretamente do Espírito Santo e da Palavra de Deus, e não de nós; com isso os nossos discipulandos poderão se livrar dos nossos erros,

pois todos os temos.

E ainda há algumas outras considerações que merecem menção. Por exemplo, o modelo visa fazer só um discípulo por ano, mas de fato podemos fazer mais — pensamos imediatamente nos muitos milhões de crentes que poderiam ser discipulados com alguma rapidez. A estratégia apresentada em Atos 1.8 vai ao encontro da má distribuição geográfica dos discípulos atuais. É bom lembrar também que nunca iremos ganhar todo mundo — sempre existirão as pessoas que conscientemente rejeitam o Evangelho de Jesus Cristo. Jesus não manda ganhar todo mundo (seria violar o arbítrio das pessoas), e sim garantir que cada um ouça e tenha opção consciente. O modelo falou em ganhar o mundo inteiro dentro de 14 anos, o que não será o caso. Segundo as ordens em Mateus 28.19 e Marcos 16.15 o alvo é ver discípulo verdadeiro em cada etnia e cada pessoa com a opção consciente de abraçar o Evangelho. Então, com essas ressalvas todas será que não podemos assumir o desafio de fazer por onde cumprir as ordens do nosso Mestre dentro de poucos anos? Vamos que vamos!

A Implementação da Estratégia

Agora vamos atentar para a implementação da estratégia. Existem pelo menos três questões que devem ser consideradas, mas primeiro quero voltar à ordem em Mateus 28.19: "Fazei discípulos em todas as etnias". A partir do que constatamos ao considerar o exato sentido da ordem, entendo duas coisas. Primeiro, a ordem é fazer discípulos, nada mais e nada menos. Segundo, parece-me óbvio que para poder fazer discípulo é necessário primeiro ser discípulo (ou será que não?). Acaso eu teria condições de levar

outrem a entregar-se sem reservas a Jesus se eu me recuso a fazê-lo? E como poderei assessorar alguém no discipulado se nunca andei por lá? Assim sendo, enquanto eu não for discípulo fico marginalizado — dificilmente poderei ter ação efetiva no cumprir da Grande Comissão de Cristo. E você também. Daí a primeira coisa que devemos verificar é se somos de fato discípulos. E isso nos leva à primeira questão: como ser discípulo?

Como Ser Discípulo?

A questão se divide naturalmente em duas partes: como ingressar na condição de discípulo e como manter em pé essa condição. Como, então, ingressar na condição de discípulo? Se podemos comparar o discipulado a um caminho a ser trilhado (diariamente) então ingressar seria como que passar pelo portão que dá acesso ao caminho.

Entendo que ingressar na condição de discípulo depende de uma entrega deliberada, um ato do arbítrio. Imagino ser possível alguém se converter quase por impulso, tipo pulo no escuro. Está desesperado; alguém chega perto e explica por alto o plano da salvação e ele aceita, sem entender muito. Já ingressar na condição de discípulo é diferente. Creio que as duas ilustrações que estão em Lucas 14.28-32 vêm ao caso. Lembrem-se que no verso 33, dando início à terceira condição, Jesus disse, "assim, pois". Ele referia-se aos dois casos que acabava de relatar. Uma pessoa queria construir uma torre. Um rei ouviu dizer que o vizinho já vinha contra ele com 20 mil soldados e ele só tinha 10 mil. Que fizeram os dois? Em ambos os casos a pessoa estuda a situação, avalia suas próprias condições, calcula quanto deverá custar, procura antever as prováveis conseqüências. Feito tudo, toma sua decisão; finca o pé. Ou vai construir,

ou não vai; ou vai guerrear, ou não vai. Em qualquer das hipóteses ele tem que arcar com as conseqüências da sua decisão. É assim com o discipulado — o ingresso tem que ser um ato pensado, uma tomada de posição. Creio que é disso que Paulo escreve em Romanos 12.1 quando fala em apresentar os nossos corpos em sacrifício vivo. A palavra "corpos" deve ser um caso de sinédoque, onde o corpo representa a vida (se dou o corpo acaso a alma pode ficar para trás?). O "apresentar" deve ser a entrega consciente, sem reservas. Meu irmão, você já se entregou sem reservas a Jesus? Senão, não é discípulo dEle, e nem pode fazer discípulo.

Sei que esta discussão pode suscitar alguma inquietação no leitor. Parece que estou sendo um tanto radical. Reconheço. É que estou partindo de uma definição radical de "discípulo", exatamente a definição dada pelo Senhor Jesus conforme constatamos em Lucas 14.25-33. "Discípulo" tem compromisso total com Ele. Gostaria de enfatizar novamente que a entrega absoluta é a chave do crescimento espiritual. Sem essa entrega o crente permanece criança (espiritualmente) e tem um crescimento paulatino (se é que tem). A entrega, que deve ser renovada cada dia, permite ao Espírito Santo ação livre na sua vida, e com isso ele pode crescer rapidamente. Tudo depende da entrega, pois Deus respeita o nosso arbítrio. Essa entrega sem reservas é também o fator principal no enchimento e na capacitação do Espírito, indispensáveis para que possamos efetivamente alcançar o mundo perdido.

Ingressar na condição de discípulo é uma coisa, mantê-la em pé é outra. Não é nada automático. Nem o "batismo no Espírito" garante. Já comentamos o tomar da cruz cada dia

e o sacrifício vivo. É totalmente necessário renovarmos cada dia nossa disposição de abraçar a vontade de Deus em tudo. É uma atitude a ser renovada cada hora — enfim, sempre que preciso. Agora, escrever estas palavras é fácil, mas fazer é outra coisa! A luta diária do discípulo está justamente aí, manter em pé o relacionamento. O fato é que a gente precisa de ajuda. Um dos maiores benefícios de compartilhar o discipulado com outros é o exemplo e estímulo que os participantes recebem mutuamente. O compartilhar tem um efeito fiscalizador que ajuda. E quando "abrimos o jogo" os outros podem interceder especificamente pela gente — outra ajuda importante. Ser discípulo sozinho é possível, mas é difícil. Contudo, além dos benefícios do compartilhar, existe um ingrediente indispensável ao discipulado.

Em João 8.31 Jesus disse a uns que haviam crido nEle: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos." E se não permanecer? (E como permanecer se não existe, na língua da gente?) Em 2 Timóteo 3.16-17 lemos assim: "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra." Um homem de Deus perfeito e perfeitamente habilitado só pode ser um discípulo que está levando a sério mesmo. A expressão "a fim de que" nos faz entender que é o uso da Escritura Sagrada que leva a essa condição. 1 Pedro 2.2 nos ensina que a Palavra é nosso alimento; precisamos dela assim como nenê precisa de leite. Salmo 1.2-3 deixa claro que nossa saúde espiritual depende da "lei do SENHOR"; é nossa água espiritual e necessitamos dela todos os dias. Aliás, devemos mesmo é meditar nela.

Em Josué 1.8 o próprio Deus recomenda a Josué meditar no livro da lei dia e noite, e promete o resultado seguinte: "então farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido". Enfim, **é impossível ser discípulo de Cristo sem acesso efetivo à Palavra de Deus.**

Novamente estou sendo radical; por "ser discípulo" refiro-me ao manter em pé da condição. Mas será mesmo necessário meditar na Palavra cada dia? Bem, aí estão vários textos relevantes, entre outros. Se devemos nos exortar cada dia, "por causa do pecado que engana" (Hebreus 3.13), quanto mais não devemos olhar em nosso "espelho" (Tiago 1.22-25) e nos expor à "espada do Espírito" (Hebreus 4.12, Efésios 6.17) cada dia? Mas como poderia o Apóstolo Paulo discipular, e como ficaria a situação dos justos do Antigo Testamento? Devemos lembrar que Salmo 1.2-3 e Josué 1.8 (e Deut. 32.47) são do Antigo Testamento, mas creio que as "regras do jogo" mudam um pouco com a progressão da Revelação. Temos mais do que os justos do Antigo Testamento, e certamente Deus vai nos cobrar mais. Para exemplificar, o padrão da graça é mais elevado do que o padrão da lei. A lei exigia o dízimo, a graça exige 100% (Lucas 14.33). A Lei exigia amar ao próximo como a si mesmo, a graça exige amar ao irmão assim como o Pai ama o Filho (João 13.34 e 15.9)! E temos o Espírito Santo que habita em nós. Creio também que a geração dos Apóstolos foi de certa forma uma época de transição. Mesmo assim, Paulo se empenhou no sentido de escrever o que faltava, complementando o material neotestamentário que já existia e que vinha aparecendo. Despedindo-se dos efésios ele não deixou por menos, dizendo: "encomendo-vos a Deus e **à palavra da sua graça** que é poderosa para vos edificar e

dar herança entre todos os santificados" (Atos 20.32). Sei que embora os padrões que a Bíblia coloca sejam absolutos, ou pelo menos apresentados em termos absolutos, o nosso viver não é absoluto. Sei. Mas o alvo aí está e não me atrevo a diminuí-lo. Vamos agora à segunda questão.

Fazer Discípulos de Quem?

Para começar, toda e qualquer pessoa se enquadra no âmbito das ordens de Cristo, e portanto é alvo legítimo da tentativa de discipular. Claro. Isto posto, no entanto, gostaria de voltar à ordem em Mateus 28.19, "fazei discípulos em todas as etnias". Através dos séculos e milênios Deus tem demonstrado sua preocupação com o bemestar de todas as etnias do mundo. A primeira declaração aberta dessa preocupação está na aliança abraâmica: "em Ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gen. 12:3). Podemos vislumbrar a importância que Deus dá ao assunto pelo fato inédito de Ele repetir essa afirmação quatro vezes mais, a saber em Gênesis 18.18, 22.18, 26.4 e 28.14! Hebreus 6.13-18 explica que ao jurar por si mesmo (ver Gênesis 22.16-18) Deus deu a garantia máxima ao propósito declarado. Todas as famílias da terra terão que ser abençoadas. Tanto Pedro (ver Atos 3.25) como Paulo (ver Gálatas 3.8) ligam o Evangelho de Cristo à promessa divina de abençoar todas as famílias da terra. No Novo Testamento várias passagens reafirmam esse propósito de Deus: Mateus 12.21 e 24.14, Marcos 13.10, Lucas 2.32 e 24.47. Grande parte de Atos e do ministério de Paulo, de forma geral, tem a ver com as nações. Apocalipse 5.9 (onde todos os manuscritos gregos menos um dizem: "com o teu sangue **nos** compraste para Deus de toda a tribo, e língua, e povo, e etnia"), 7.9 e 14.6 são enfáticos, e para terminar, Apocalipse 22.2.

Muito bem, o Senhor Jesus quer discípulos em cada etnia. Já no primeiro capítulo explicamos que devem existir pelo menos 6.000 etnias no mundo, das quais umas 200 no Brasil. E boa parte delas, tanto no Brasil como no mundo, não tem porta-voz de Cristo ainda. Pior ainda, dois terços das etnias do mundo (e do Brasil) não têm sequer um versículo da Palavra de Deus na sua língua. Como já demonstramos, sem a Palavra é impossível manter em pé a condição de discípulo; de modo que, no momento, estamos sem jeito de fazer discípulos junto a 4.000 etnias.¹ Dá para agüentar isso?

Quando falamos em 2.000 etnias sem obreiro, ou 4.000 etnias sem Escritura, creio que devemos esclarecer um detalhe. As etnias ainda não alcançadas são povos minoritários. Embora a maioria dessas etnias sejam compostas por milhares e dezenas de milhares de pessoas (e até centenas de milhares), existem etnias com menos de mil pessoas. No Brasil (e na Austrália) têm muitas etnias bem reduzidas, às vezes com menos de cem pessoas. Imediatamente uma indagação invade a mente. Será que vale a pena tentar alcançar um povo assim? (Lembrar que trabalho transcultural pioneiro é pelo menos dez vezes mais difícil do que evangelismo na sua própria língua e cultura — pode levar anos para conseguir discípulo.)

Tamanho importa? Jesus mandou fazer discípulo só nas etnias com pelo menos mil pessoas, ou dez mil? Jesus não mandou pregar a cada pessoa? (Uma etnia reduzida a um único sobrevivente ainda estaria dentro do âmbito da

¹ Como escrevi este material há muitos anos, os números devem estar desatualizados.

ordem.) Aqui eu gostaria de fazer umas perguntas aparentemente simplórias. Alguém escolheu quem viria a ser seu pai ou sua mãe, aonde viria nascer, de que cultura viria fazer parte? Eu não escolhi nascer de pais seguidores do Senhor Jesus, para uma língua que tem a Bíblia há séculos, numa cultura que me permite escolher qualquer carreira que o mundo atual oferece. Não escolhi, nem mereci; Deus me deu. De igual modo, nenhum índio catauixi escolheu nascer em plena selva amazônica, para um povo reduzido, desprezado, perseguido, explorado e quase acabado, com uma língua que sequer tem forma escrita (ainda), numa cultura que o condena a morrer na selva sem nenhum conhecimento do Evangelho após uma vida de luta contra os demônios e o "inferno verde" (quem chamou a selva de "inferno verde" certamente andou por lá uma vez, pois acertou). Também ele não escolheu.

Agora eu gostaria que você pensasse em tudo quanto Jesus representa na tua vida, não só agora mas no porvir. Pronto? Agora vou pedir uma ginástica da imaginação. Procure imaginar que nada disso você tem, que de repente você trocou lugar com um catauixi e você está lá sem Cristo, sem esperança e sem saída, e é ele que está aqui. Nessa hipótese, você não gostaria que alguém achasse que valesse a pena chegar até você com a luz do Evangelho? Dito isso, quero deixar bem claro que não estou aqui para fazer um apelo emocionante. Não quero que todo mundo saia correndo selva adentro para ver se acha um índio para evangelizar. Antes, eu diria "não vá!", a não ser que tenha certeza de que é a vontade de Deus para sua vida. Trabalho transcultural é muito difícil e não se faz na base de apelo emocionante, e nem na base de romantismo, mas sim na certeza inabalável da vontade específica de Deus para sua

vida. Não há emoção nem idéia romântica que agüente a realidade.

Irmãos, temos que levar a sério o desafio das etnias não alcançadas. No momento que assim fizermos vamos enfrentar várias implicações, mas antes de comentá-las vejamos a terceira questão.

Como Fazer Discípulos?

O primeiro passo é ser discípulo. Vem ao caso tudo que já se expôs a esse respeito. Tudo o mais está resumido em Mateus 28.20: "ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado". Discipular implica em **ensinar**. Ensinar o quê? Ensinar a guardar, isto é, **obedecer**. Obedecer o quê? Obedecer **todas as coisas** que Jesus ordenou. Como ninguém vai obedecer coisa que ignora, é necessário primeiro ensinar as próprias coisas que Jesus ordenou — nada melhor nesse sentido do que seguir o exemplo de Paulo, ensinando "todo o conselho de Deus" (Atos 20.27).

Será que se faz assim na maioria das nossas igrejas? Não é mais mensagens evangelísticas que se ouvem? Mas pregação evangelística é praticamente inútil para crente. Ele vai fazer o quê, salvar-se de novo cada domingo? Ali está um crente que tem freqüentado a igreja dominicalmente durante vinte anos; mais uma vez ele vai e escuta o quê — ele ouve pela milésima vez como é que se salva. Mas ele já está salvo! Essa pregação é sem valor para ele; entrou com fome e sai com fome do mesmo jeito. Que tragédia! Comida de bode não serve para ovelha! (Refiro-me a crente e incrédulo, assim como em Mateus 25.33.) No entanto, se têm 300 ovelhas e três bodes num culto, já viu! A pregação vai em cima dos três bodes. E se têm 300 ovelhas e

nenhum bode — a pregação vai em cima dos bodes que não estão! É ou não é? Meus amados irmãos, comida de bode não serve para ovelha. Agora, comida de ovelha bode também pode comer. Se o pastor oferece uma refeição farta, bem preparada e temperada, pode dar vontade de comer em qualquer bode. Será que não? Mas o principal é que as ovelhas saiam bem alimentadas. Afinal, o negócio é **fazer discípulos**, e é esse o enfoque que deveria dominar os nossos cultos.

Até aqui eu vinha pressupondo a existência da Bíblia na língua do povo. Para ensinar a Palavra ela tem que existir. Certo? Quando Jesus disse em João 8.31, "se permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos," fatalmente estava pressupondo a existência dessa Palavra, pois como permanecer numa coisa que não existe? Quer dizer, tem que existir **para a pessoa**; a pessoa tem que ter acesso efetivo à Palavra. Então, se Deus te mandar para uma das 4.000 etnias que nada têm da Bíblia ainda, como você vai fazer?

Mesmo que você ache que basta evangelizar, com que autoridade vai falar se não existe Palavra de Deus na língua? E não estaria esquecendo da verdade que encontramos em Romanos 10.17, "a fé é pelo ouvir e o ouvir pela **Palavra de Deus**"? E se você conseguir algum convertido mesmo assim, onde está o alimento para essa criança recém-nascida? Como poderá chegar a ser discípulo? Se alguém não providenciar a Palavra de Deus nessa língua, esse convertido fica condenado a ser sempre criança. Está bom? Condenar um povo a ser sempre criança? Essa não!

Entre as ordens de Cristo não há nenhuma que mande

traduzir a Bíblia. Só tem a Grande Comissão que manda fazer discípulos. Mas no momento que entendemos que é impossível ser discípulo sem acesso efetivo às Escrituras, o fornecer das mesmas torna-se logicamente necessário. Não há como cumprir a Grande Comissão junto às 4.000 etnias sem sequer um verso da Bíblia enquanto alguém não traduz a Palavra para suas línguas. É por isso, diga-se de passagem, que existem entidades que fazem questão de ver a Palavra de Deus traduzida para cada língua que se fala no mundo (isso levando em consideração fatores como bilingüismo e extinção de língua). Onde a Bíblia já existe, mas há crentes analfabetos, devemos montar cursos de alfabetização nas igrejas para que cada um possa se alimentar em casa.

Creio existir uma analogia bastante estreita entre os âmbitos físico e espiritual no que diz respeito à alimentação. Já pensou, comer só aos domingos? Quem agüentaria fazer assim no âmbito físico? Mas multidões de crentes fazem exatamente assim no âmbito espiritual. Tem jeito? Crente que sabe ler e possui Bíblia passa fome porque quer – poderia ler e meditar na Palavra em casa. Já crente analfabeto está quase sem jeito, a não ser que alguém leia para ele em voz alta, ou a viva voz ou mediante uma gravação. Mas nesse caso como poderá **estudar** a Palavra, e meditar nela à vontade? Parece-me claro que a melhor opção é levar as pessoas a ler por conta própria, sempre que possível. Sei que existem missiólogos que vão discordar da ênfase que estou dando à alfabetização e à leitura, principalmente para povos cujos idiomas eram ágrafos até há pouco e que estão acostumados a fazerem tudo oralmente. Respeito as opiniões contrárias, mas por todos os argumentos já apresentados mantenho a posição aqui esboçada. Vamos

ver se levamos todo mundo a meditar na Palavra em casa, diariamente.

No que diz respeito a trabalho transcultural creio que só conseguiremos fazer discípulos se respeitarmos a língua e cultura do povo — assim como fez Jesus. Ele se encarnou na língua e cultura dos judeus da época (João 1.14). No dia de Pentecostes o Espírito Santo respeitou a língua materna de cada qual ao ponto de fazer milagre para garantir que cada um ouvisse mediante ela (Atos 2.4-11). Enquanto um missionário não vestir a língua e cultura do povo, e (mais importante ainda) enquanto a Palavra de Deus não for vertida para essa língua, o Evangelho fica condenado a ser sempre uma coisa estrangeira, uma coisa de fora. Será que qualquer porta-voz de Cristo não deveria se interessar por tornar seu ministério o mais eficiente possível?

Não é difícil encontrar pessoas que andam ministrando através de intérprete. Mas eu gostaria que refletíssemos um pouco na seguinte pergunta: é possível fazer discípulos mediante intérprete? Quem falar através de intérprete não tem como fiscalizar as alterações que o intérprete fatalmente vai introduzir. Fatalmente. Quando o intérprete é servo de Cristo, está por dentro do assunto da mensagem e é tranqüilamente bilíngüe então o recado poderá ser entregue de forma adequada (embora quase nunca tão bem como se o preletor dominasse a língua dos ouvintes). Mesmo com um intérprete assim, no entanto, numa tentativa de discipular alguém, não seria o intérprete que discipula em vez do missionário? Agora, quando o intérprete nem é convertido, a mensagem será fatalmente deturpada, muitas vezes de forma irreconhecível. O intérprete vai filtrar a mensagem por sua própria cosmovisão, inescapa-

velmente, mesmo inconscientemente. Se o missionário pudesse entender o que o intérprete realmente está dizendo ficaria horrorizado e arrasado! Dificilmente se faz discípulo mediante intérprete.

E cuidado com o bilingüismo. Muitos missionários se contentam em ministrar através de uma línguafranca ou nacional, mesmo quando lidando com pessoas que têm outra língua materna. Creio que raramente se conseguirá fazer **discípulo** através de uma segunda língua (quer dizer, não a língua materna), por mais bilíngüe que o evangelizando pareça ser (para comprar e vender ou tratar de assuntos corriqueiros ele pode até ser fluente na língua franca), pois quase sempre a vida espiritual de uma pessoa se processa na língua materna. Aqui eu poderia relatar vários exemplos dentro da minha própria experiência e do próprio conhecimento. Quando alguém é tão bilíngüe que tem praticamente duas línguas maternas (por assim dizer), ou se chegou até o nível superior (universidade) numa segunda língua, então essa língua poderá servir — é que aí ele já conseguiu o domínio de idéias abstratas e filosóficas nessa língua. Mas tais casos são muito poucos diante dos 350 milhões de pessoas que compõem as 4.000 etnias sem um versículo da Palavra de Deus. É claro que devemos traçar os planos e as táticas a fim de enfrentar e resolver o grosso, não as exceções. Cuidado com o bilingüismo!

Conclusão: Quem for fazer trabalho transcultural deve se esforçar para dominar a língua e a cultura do povo para o qual for enviado. Se não existe Escritura na língua ainda, deve fazer por onde providenciá-la. Onde já tem a Bíblia devemos incentivar o seu uso, por todos os meios. Enfim,

devemos ensinar a obedecer todas as coisas que Jesus ordenou. E nós temos que dar o exemplo, pois para fazer discípulo é preciso ser discípulo. Vários ministérios e missões têm preparado material que fornece instruções detalhadas acerca do discipulado. Qualquer livraria evangélica terá livros sobre o assunto, à disposição do interessado.

Implicações

Encerrando este capítulo gostaria de tecer umas rápidas observações sobre algumas implicações de tudo isso. Primeiro, sua compreensão da ordem e estratégia de Cristo vai determinar seu procedimento, sua maneira de trabalhar, fatalmente. Se alguém quer fazer uma barraca de palha, vai seguir um procedimento e utilizar material apropriado para tal. Se outrem quer edificar um prédio de vinte andares, aí o procedimento e o material vão ser bem diferentes. É evidente que nem todo mundo tem condições de construir um prédio de vinte andares — requer preparo adequado. Similarmente, nem todo obreiro tem condições de alimentar as ovelhas. Muitos não sabem estudar, não sabem como analisar e interpretar o Texto Sagrado. Não sabem preparar comida para ovelha — falta preparo. (Comida para bode qualquer um faz; bode come quase tudo.) Quando um pastor trabalha oito horas por dia numa atividade secular, será que vai ter tempo e energia para preparar refeições boas? Parece-me ser uma questão que merece ser estudada. Se vamos levar a sério a estratégia de fazer discípulos, poderemos enfrentar a necessidade de fazer algumas modificações nas nossas vidas. Fazer discípulo é uma coisa; meramente ganhar alma é outra.

Por favor, não me entendam mal! Não estou combatendo o ganhar almas; não sou contra o evangelismo. É claro que temos de ganhar as almas — ninguém pode crescer sem

nascer! Os problemas aparecem quando ficamos só nisso, quando não criamos nossos filhos. Também não estou propondo desprezo para com o dom de evangelista. Se você tem esse dom, graças a Deus! Só gostaria de sugerir que ao exercitar o dom tenha o cuidado de não deixar um rasto de menor abandonado. Deve se associar a quem tenha o dom de ensino para que juntos possam fazer um serviço melhor.

Quando enfatizamos as 2.000 etnias sem porta-voz de Cristo, ou as 4.000 línguas sem versículo da Bíblia, não é para sugerir que todos devam ir a outro povo, absolutamente. Imagino que se todo crente estivesse igualmente disponível na mão de Deus, Ele não mandaria mais do que 10% para outros povos. Primeiro, trabalho transcultural é muito difícil e nem todos têm capacidade para tanto. Segundo, é preciso que alguém fique discipulando por aqui. Terceiro, trabalho transcultural pioneiro exige tempo integral e portanto os obreiros que enfrentarem esse serviço precisarão de susten-to integral — alguém tem que trabalhar para produzir esse sustento. Nem todos devem ir, mas todos têm obrigação perante a Grande Comissão de Cristo. Todos devemos inter-ceder, contribuir, divulgar e incentivar. Tudo que fazemos deve ser em prol do reino de Cristo aqui na terra.

Já disse, nem todo mundo deve ser obreiro transcultural, mas todos devem ser discípulos e fazer discípulos, cada um no lugar e na função que Deus determinar. Entendo que Jesus quer seus discípulos atuando em todas as áreas e profissões honestas da nossa sociedade — sendo discípulo e fazendo discípulo. Qualquer um pode vestir a fachada de "santinho" aos domingos, na igreja, mas refletir adequadamente o caráter de Deus no "batente" durante os dias

úteis, aí a coisa muda de aspecto. A dona de casa faz discípulos dos próprios filhos, das vizinhas e das crianças delas. Professor e aluno fazem discípulos na escola. Carpinteiro, motorista, advogado, bancário, comerciante, político, etc., etc., cada um sendo discípulo e fazendo discípulos no seu ambiente. Penso que é assim que devemos fazer nosso evangelismo. Em vez de levar bode à igreja para ser evangelizado, devemos ganhá-lo primeiro e então levar o novel cordeiro à igreja para ser alimentado e discipulado. Penso que o ministério da Palavra em nossas igrejas deve girar em torno das ovelhas, não dos bodes.

Resumindo, a ordem (e estratégia) de Cristo é fazer discípulos, não meramente ganhar almas. **Criança não trabalha; dá trabalho.** Aqui termina a exposição do primeiro quesito colocado no final do capítulo anterior. Por tudo que acabamos de ver, torno a afirmar que é imprescindível que candidato a missionário seja um discípulo genuíno de Jesus Cristo. Caso contrário há de fracassar. Mas ainda mais importante, se possível, é o segundo quesito: tem de saber como conduzir a guerra espiritual. Senão, vejamos. (O capítulo que seguia aqui agora se encontra no meu livro, *Guerra Espiritual Bíblica*.)

VIVER EM FUNÇÃO DO REINO, NÃO PARA SI

Prosseguindo, vamos atentar para as palavras do Senhor Jesus que encontramos em Lucas 12.31: "Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." Novamente é uma palavra endereçada a Seus discípulos. Antes de ver o efeito estratégico desta ordem, vamos recordar o contexto imediato. Nosso texto se insere numa passagem maior que vai do verso 13 ao verso 48. Jesus vinha discorrendo sobre certas verdades básicas quando um homem interrompeu com uma questão de interesse financeiro pessoal. Jesus aproveitou para dirigir um alerta à multidão, uma palavra para todos. "Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui." Aí proferiu a parábola do rico louco, que diante da fartura reagiu assim: "Direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come, bebe e regala-te." Mas Deus lhe disse: "Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?" Aí Jesus arrematou: "Assim é aquele que para si ajunta tesouros e não é rico para com Deus."

Na nossa sociedade há uma falta de compreensão geral quanto aos valores, os princípios básicos ou fundamentais que regem a vida neste mundo; a vida de qualquer um, seja cristão ou não, quer acredite ou entenda, quer não. Aqui Jesus coloca dois desses princípios. Primeiro Ele alerta contra o materialismo – a vida não consiste nas coisas (verso 15). Segundo, quem ajunta tesouro para si é louco (verso 21) (até o fim do capítulo veremos porque). A partir do

verso 22 o Senhor restringe o enfoque e dirige uma palavra a seus discípulos.

A Mentalidade do Reino

A ordem que fornece a estratégia em pauta dá um resumo dos versos 22 a 34. Esses versos nos trazem nada menos que dez ordens, entre positivas e negativas, ordens que exprimem uma mentalidade, mentalidade que gira em torno do reino de Deus. Creio que devemos ler a passagem toda, antes de comentá-la.

22 [Jesus] disse aos seus discípulos: "Portanto vos digo: Não estejais ansiosos pela vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis.

23 Mais é a vida do que a comida, e o corpo mais do que a roupa.

24 Considerai os corvos, que não semeiam nem ceifam, não têm despensa nem celeiro, e Deus os alimenta: quanto mais valeis vós do que as aves?

25 Pois qual de vós, por estar ansioso, pode acrescentar um côvado [seja 45 cm.] à sua estatura?

26 Portanto, se nem podeis as coisas mínimas, por que estais ansiosos pelas outras?

27 Considerai os lírios, como crescem; não trabalham, nem fiam; digo-vos, porém, que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles.

28 Ora, se Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?

29 Não pergunteis, pois, que haveis de comer, ou que haveis de beber, e não andeis inquietos.

30 Porque todos os povos do mundo zelam por estas coisas; e vosso Pai sabe que necessitais delas.

- 31 Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.
- 32 Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino.
- 33 Vendei os vossos bens e dai esmola. Fazei para vós bolsas que não se envelheçam; tesouro nos céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão e a traça não consome.
- 34 Porque, onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração."

São dez ordens – "não estejais ansiosos," "considerai os corvos," "considerai os lírios," "não pergunteis" sobre comer e beber, "não andeis inquietos," "buscai antes o reino," "não temas," "vendei," "dai," "fazei" – dez ordens. São **ordens**, não pontos facultativos. Elas requerem uma mentalidade que se desprende das coisas e dos valores do mundo que nos cerca, uma mentalidade que gira em torno do reino de Deus, que vive em função dele. Se todo crente evangélico tivesse esta mentalidade, não faltaria mão de obra para alcançarmos o mundo e menos ainda o **dinheiro**, tanto para sustentar os obreiros como para custear todo o empreendimento. Aliás, bastaria os crentes do Brasil só – tomaríamos o mundo de assalto!

Jesus iniciou a palavra no verso 22 com o vocábulo "portanto". Ele estava partindo dos princípios básicos que acabava de anunciar nos versos 15-21. O trecho em pauta termina com estas palavras: "onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração". Eis a questão! Onde está o seu coração? Seu coração, meu irmão, onde está? Se está por aqui neste mundo, você é um coitado. Sim, porque isso vale dizer que seu tesouro está por aqui, e este mundo

não é lugar certo de se ter tesouro."Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele!" (1 Timóteo 6.7). (O verso 8 prossegue, "tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes".) Podemos mandar na frente, investindo no Reino, mas não levar junto. Diante da eternidade, quem pensar unicamente nos poucos anos que devemos passar aqui na terra é verdadeiramente louco.

Atentando agora para o verso 31 (Lucas 12), verificamos que Jesus fez uma promessa. Promete acrescentar "todas estas coisas" aos que vivem em função do reino. E quais são as ditas "estas coisas"? O contexto imediato deixa claro que são exatamente o que comer, o que beber e o que vestir. E só! Curioso, não é? Jesus não promete luxo e nem conforto, só as coisas básicas para manter a vida. Enxergo pelo menos dois motivos. Primeiro, não fosse assim seria ferir Seu próprio exemplo (ver Filipenses 2.5-8). A começar pelo nascimento Jesus levou uma vida humilde entre os humildes; trabalhou com as próprias mãos; andou a pé pelos caminhos empoeirados da Palestina; durante os três anos de ministério público dependia dos outros, literalmente. (Parece-me ser a resposta suficiente contra a filosofia "filhinhos do Rei". Eles argumentam assim: nós somos filhos de Deus; Deus é Rei; filho de rei é príncipe; príncipe tem direito de viver em palácio e passar muito bem, etc. Não é uma idéia atraente? Só que não procede – Jesus é muito mais Filho de Deus do que nós e Ele não viveu assim nesta terra.)

Segundo, os estudiosos do assunto nos afirmam que no mundo hoje 50% das pessoas são subnutridas, não têm o básico necessário; outros 40% têm o suficiente, mas é só;

apenas 10% das pessoas ora vivas neste planeta têm mais – são os privilegiados, materialmente falando. Parece-me uma questão de lógica: de cada dez obreiros disponíveis na mão de Jesus, nove devem ser destacados entre os necessitados. E como diz a sabedoria do povo, "comer sozinho é feio". Um porta-voz de Cristo que representa uma ilha de luxo num mar de miséria é uma contradição – Jesus não fez assim. Jesus identificou-se com o povo. É nosso exemplo. Quando eu morava numa aldeia indígena em plena selva amazônica nossa "casa" era de palha, a exemplo dos índios, comíamos o que eles comiam, etc. Procuramos vestir a realidade deles. Já em Brasília temos uma casa (simples), mesmo porque o zoneamento não admite casa de palha, e dirigimos um carro (também simples), pois trabalhar em Brasília sem carro é difícil. Deus pode dar conforto, mas não promete. É questão de contexto.

Bem, imagino que alguém vá pensar nas promessas feitas ao dizimista no Antigo Testamento. De fato, houve promessa de prosperidade para o dizimista. Aliás, entendo que Deus ainda abençoa o dizimista, apesar de muitos deles aparentemente julgarem que os 90% lhes pertencem, que Deus nada tem a ver com isso. Mas o dizimista "já era". Jesus não está mais esperando 10%; agora Ele quer 100%, tudo! Não é isso mesmo que Ele disse em Lucas 14.33? "Qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo." "Tudo" não é 100%? 100% não é tudo? Eu sei, você não está gostando. Parece um absurdo! E a gente, como fica? Vamos comer o que? Enfim, como será possível dar 100%? É simples; basta ser escravo de Jesus!

Sejamos Escravos do Soberano Jesus!

Quando alguém pergunta como eu encaro meu relacionamento com Jesus Cristo, e se temos tempo para uma resposta tranqüila, digo que sou escravo de Jesus. Estou em boa companhia, pois Paulo (Romanos 1.1), Tiago (Tiago 1.1), Pedro (2 Pedro 1.1) e Judas (não Iscariotes, Judas 1) assim se declararam. É uma escravidão que a gente abraça por amor (ver Êxodo 21.1-6), por amor a Jesus, de livre e espontânea vontade. Já sei, alguém não está gostando da idéia de ser um escravo. Tudo bem, mas nessa hipótese você está esquecendo de um pequeno detalhe. É que todo mundo é escravo; faz parte inerente da condição humana. Nascemos escravos, vivemos escravos e morremos escravos. Em João 8.34 o Senhor Jesus declarou: "Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado." O ser humano sem Deus não tem opção; nasce pecador e continua escravo do pecado até a morte. Ser escravo do pecado vale dizer ser escravo do "eu" – é a nossa desgraça; somos egoístas (é o que nos leva a rebelar contra Deus) – e ser escravo do nosso **ego** vale dizer ser escravo de Satanás, pois sozinho ninguém pode contra ele. Mas Jesus oferece opção, aleluia! A opção não é deixar de ser escravo, essa não. A opção é trocar de dono!

Passei a ser escravo de Jesus Cristo no dia 13 de abril de 1956, faltando poucos dias para meu vigésimo segundo aniversário. Praticamente nasci crente, pois desde que me entendi sempre criei no Senhor Jesus – era crente, mas não era discípulo; faltava a entrega sem reservas. Antes de 13-04-56 ainda estava às voltas com minhas próprias idéias e ambições, meus desejos e querereres. É que ainda estava tentando escolher o próprio caminho, dirigir os próprios

passos. Como era triste! Só "dava com os burros nágua". Não tinha nem burro e nem água que chegasse. Pois então, aonde um jovem com seus vinte anos iria achar a sabedoria, o conhecimento, a capacidade de mandar na própria vida? Teria aprendido quando e com quem? (E aos quarenta anos, ou aos sessenta, será que a coisa melhora o suficiente?) A Bíblia deixa claro que o ser humano não tem condições de dirigir os próprios passos (ler, por favor, Jer. 10.23, Prov. 28.26, Jer. 17.9 e Prov. 20.24). Antes de me tornar escravo de Jesus, eu estava na mão de um dono sem saber, sem poder e sem condições – estava numa situação triste. Mas agora estou numa "boa", na melhor delas, por sinal! Estou na mão de um Dono que tem todo saber, todo poder e que além do mais me quer bem, tanto prova que morreu por mim. Poderia existir um "galho" melhor?

Vamos ver como funciona. Pensemos no caso de um escravo no tempo de Jesus. Um escravo tinha direitos? Não. Para que existia um escravo? Para servir, servir a seu dono. Um escravo não possui nada, nem a si mesmo. Decorre dali que o dono tem de sustentar o escravo – o escravo não tem nada. Há mais de sessenta anos eu vivo na base de Lucas 12.22-34. Há mais de sessenta anos não sei de mês em mês o quanto que Deus vai me dar, pois quase nunca é a mesma quantia dois meses em seguida (é que não tinha salário ou ordenado fixo ou garantido, mas ultimamente tenho previdência social). No entanto, nunca passei fome. A esposa e as filhas também nunca passaram fome. Já andei com quatro nós no cadarço (antes de casar), mas nunca andei sem sapato. A família anda bem vestida. Na verdade nunca passamos necessidade.

E se o dono dá ordem que implica em despesa (construir uma casa, por exemplo), aí ele tem que fornecer o material, etc. Quer dizer, o que o dono encomendar ele tem que pagar. O que Jesus encomenda Ele paga. No meu caso específico Jesus encomendou dois mestrados e um doutorado. Custaram bastante dinheiro – Jesus pagou tudo; eu não tenho nada. O que já andei de avião daria para circundar a terra mais de uma vez – Jesus pagou tudo; eu não tenho nada. **O que Jesus encomenda Ele paga.**

De fato tenho só uma preocupação maior na vida: saber exatamente aquilo que meu Dono está encomendando. Uma vez que tenho certeza vou embora, sem olhar para trás. A coisa está garantida. Posso imaginar que meu Dono vai faltar à sua palavra? Posso duvidar que meu Dono possa ou queira me sustentar (Salmo 24.1)? Qual a dúvida que pode restar? Confesso não entender, de certa forma, porque tantos crentes não querem ser escravos de Jesus, não querem se entregar sem reservas (espero que ninguém se espante com esta abordagem, pois quando falo de "escravo" estou falando do discípulo verdadeiro que apresentamos no capítulo anterior, nada mais). Pode ser que estejam fazendo a pergunta errada. Imagino que muitos pensem assim: "Quanto será que vai me custar ser escravo (ou discípulo) de Cristo?" Não é a pergunta certa.

A pergunta certa seria: "Quanto vai me custar se eu **não** for um escravo de Cristo?" Em vez de pensar em tudo que Jesus possa exigir, no abrir mão das ambições e dos desejos, na possibilidade de ser enviado para a selva trabalhar com índio, deveríamos pensar nas conseqüências da falta de uma entrega sem reservas a Jesus. O preço de não viver em função do Reino de Cristo é tão somente perder sua

vida. É isso mesmo; custa a vida. Vejamos as palavras do Senhor Jesus em Lucas 9.24 e 25. Aliás, podemos começar pelo verso 23. "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me. Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas, qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará. Porque, que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando-se a si mesmo?" Jesus fala em perder a vida (não pode ser a alma, como sugere o rodapé de alguma Bíblia, pois perder a alma por amor de Cristo é impossível). Não seria exatamente a vida que se perde quando alguém dá um tiro na cabeça; é a vida vivida. É o que representa a minha vida, tudo que fiz até aqui e que irei fazer até a morte ou o arrebatamento da Igreja, o que ocorrer primeiro. É essa a vida que está em jogo.

Vamos ver se entendemos melhor essa palavra de Jesus. Parece ser quase uma contradição – se perder, salva; se quiser salvar, acaba perdendo. Como será que funciona? Voltemos ao texto para ver o contexto. No verso que segue à passagem em pauta, verso 26, Jesus se refere a sua segunda vinda. A passagem paralela, Mateus 16.27, esclarece melhor: "Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras." Cristo estava pensando na prestação de contas. É que "todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo" (Rom. 14.10) onde "cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus" (Rom. 14.12). "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal" (2 Cor. 5.10). Entendo que 1Coríntios

3.11-15 diz respeito ao mesmo acontecimento, a prestação de contas. Depois de declarar que o único fundamento é Jesus Cristo, Paulo fala de construir com "ouro, prata, pedras preciosas", ou com "madeira, feno, palha". (Embora a interpretação primária deste texto deva referir-se à atuação dos obreiros na igreja, parece-me claro que aplica-se também ao viver de cada um, desde que convertido.) É que nossas obras serão provadas por fogo. Se o fogo tem efeito sobre ouro e prata, é apenas purificar; já o efeito sobre feno e palha é devastador. Muito bem, e daí?

Vamos voltar à criação. Deus criou o ser humano para sua glória; para refleti-la e contribuir para a mesma. Creio que, por extensão, podemos entender Isaías 43.7 assim. Mas essa capacidade Adão jogou por terra quando rebelou-se contra Deus. É por isso que a condenação que pesa sobre o ser humano é que fica "aquém da glória de Deus" (Rom. 3.23). Mas o Filho veio ao mundo recuperar o potencial perdido. Efésios 1.12 e 14 explicam que o plano da salvação visa "o louvor da sua glória". E 1Coríntios 10.31 traz a seguinte **ordem**: "Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus." É que fomos "criados em Cristo Jesus para as boas obras" (Efésios 2.10). Com isso Deus não está querendo "estragar" nossas vidas, tirando todo o prazer delas (como muitos parecem imaginar). Ele não está sendo arrogante, exigente demais. Muito pelo contrário – Ele gostaria de evitar que percamos as nossas vidas. Sim, porque a glória de Deus é eterna (Salmo 104.31) e quando faço uma coisa para a glória dEle essa coisa se transforma, adquirindo valor eterno – passa a ser "ouro, prata, pedra preciosa". As obras feitas para a glória de Deus passarão pelo fogo sem prejuízo. Já as coisas feitas em função das próprias

ambições e idéias são "palha". Certamente todos já ouviram falar em "fogo de palha", mas você já viu? É impressionante!

Pois é isso aí. Ser escravo de Jesus implica em viver em função do Reino, implica em fazer tudo para a glória de Deus. Com isso o escravo "salva a vida" pois estará erguendo a vida com "ouro e prata" que passará pelo fogo do tribunal de Cristo tranqüilamente. Já aquele crente que rejeita a condição de escravo de Jesus vai erguer a vida com "feno e palha" que será consumido pelo fogo, e com isso ele "perde a vida" – ele viveu em vão; o potencial que representava sua vida foi jogado fora. Que tragédia!

(Imagino que alguém possa dizer: "Pois não, pois não. Entendi. Estou perdendo minha vida. E daí, o que você tem a ver com isso? Se quero jogar fora minha vida, o problema é meu!" Bem, de fato, é verdade, o problema é seu. Mas eu gostaria que você refletisse numa coisa: o problema não é unicamente seu; não é só **seu**! É também das pessoas que deveriam ter sido alcançadas através da sua vida, e não o foram. É também do próprio Cristo que foi lesado naquilo a que tinha direito.)

Entendo que cada crente deve viver em função do Reino, deve ser um discípulo verdadeiro de Cristo, deve ser um escravo de Jesus. Mas não quero deixar a impressão que todo mundo deve levar a vida exatamente como eu (nem quero deixar a impressão que eu seja um escravo ou discípulo perfeito; não, infelizmente ainda me rebelo contra meu Dono, vez por outra – sou pecador). Pelo contrário, imagino que muitos, até mesmo a maioria, vão exercer funções que implicam em salário ou ordenado, e isso

segundo a vontade de Deus. A questão fundamental é a mentalidade. Sua vida gira em torno de que? Você está vivendo em função de que? No íntimo você está dependendo de Deus, ou do salário? E esse salário, quem manda nele?

Também não quero sugerir que todo mundo deva ser pobre. Não necessariamente. Entendo, inclusive, que certas pessoas têm o ministério de ganhar dinheiro. Eu ia dizer o "dom", mas já catei todas as listas dos dons espirituais e não achei. (Já pensou? Fosse dom, aí todo mundo iria querer!) Mas digo "ministério" porque Deus dá o dinheiro para investir no Reino. Estou pensando nominalmente em vários homens da geração próxima passada que tinham este ministério. Eram multi-milionários em dólar. Deus abençoava de maneira impressionante. Mas é que eles tinham a mentalidade do Reino. Sabiam que aquilo tudo não era para eles curtirem sozinhos. Investiam 90% do lucro na causa de Cristo. Era sua função no reino de Deus. Importa é a mentalidade!

Resumindo, ser escravo de Jesus é questão de uma entrega sem reservas, de um compromisso total com Ele. Porém, posso imaginar que alguém esteja pensando: "Bem, essa idéia toda talvez funcione para norte-americano, onde todo mundo tem dinheiro (e dólar), mas aqui no Brasil vai ser diferente. Aqui estamos em plena crise econômica, e além do mais a maioria dos crentes evangélicos do país são pobres." Essa colocação merece uma avaliação cuidadosa.

Somos Pobres Demais?

Quer dizer que somos pobres demais? Obedecer as ordens de Cristo é privilégio só de ricos? Será que nossa Bíblia traz

Marcos 16.15 de forma completa? Talvez deveríamos ler assim: "Ide por todo o mundo, desde que seja norte-americano (ou sofrivelmente inglês, alemão ou sueco), pregai o Evangelho a toda a criatura." Que tal? Antes de aceitarmos essa tese, vamos examinar a questão com mais cuidado. Podemos voltar ao começo.

Os primeiros crentes, lá em Jerusalém, eram ricos ou pobres? Parece que a grande maioria era pobre; tanto assim que os poucos abastados começaram a vender propriedades para alimentar os demais. Deu-se aí o caso de Ananias e Safira (Atos 4.32-5.11). É que os crentes não quiseram sair de Jerusalém, apesar das palavras do Senhor Jesus que achamos em Lucas 24.49 e Atos 1.8. O próprio Deus mandou então as perseguições que dispersaram os crentes. Foi aquela turma de pobres que se espalhou pelo mundo pregando o Evangelho.

Em 2 Coríntios 8:1-5 encontramos um relato interessante que vem exatamente ao encontro do nosso assunto:

Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus dada às igrejas da Macedônia; como em muita prova de tribulação houve abundância do seu gozo, e como a sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade. Porque, segundo o seu poder (o que eu mesmo testifico), e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente, pedindo-nos com muitos rogos a graça e a participação deste serviço, que se fazia para com os santos. E não somente fizeram como nós esperávamos, mas a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor, . .

Os crentes macedônios eram paupérrimos ("profunda

pobreza"). Além do mais, estavam passando por muita tribulação. Mesmo assim, fizeram questão de contribuir. Pelo verso 4 podemos deduzir que o Apóstolo sentiu-se um pouco constrangido diante da situação dos macedônios – eles próprios precisavam de ajuda; como então levantar uma oferta nesse contexto? Mas eles insistiram junto a Paulo; queriam dar. E deram mais do que podiam ("acima do seu poder"). Mas como seria possível isso? É que tinham a mentalidade do Reino – no verso 5 lemos que "a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor". E certamente estavam por dentro do segredo da economia de Deus, que está descrita em 2 Coríntios 9.8. Mas antes de atentar para esse segredo, gostaria de pensar mais um pouquinho sobre **nossa** pobreza diante de um mundo perecendo sem Cristo.

Vem à mente o caso da multiplicação dos pães (Marcos 6.31-44, Mateus 14.13-21, Lucas 9.10-17, João 6.1-13). Jesus tentou se retirar (por água) para um lugar isolado, mas nada feito. Alguém percebeu e a multidão chegou na Sua frente (por terra). Como sempre, Ele sentiu compaixão, pois eram como ovelhas sem pastor. Passou a ensiná-los, o dia todo. Finalmente os discípulos chegaram ao pé dEle sugerindo que a multidão fosse despedida, pois por ali não tinha como achar alimento. Você se lembra da resposta de Jesus àquela iniciativa? "Dai-lhes vós mesmos de comer!" Já pensou? Já parou mesmo para refletir? Me diga aí por caridade, com que? Como poderiam os discípulos obedecer aquela ordem?

Vamos parar para lembrar o quadro. Diz o Texto Sagrado que eram quase 5.000 homens contados, sem calcular as mulheres e as crianças. Agora, quando se vê qualquer

multidão por ali, o que mais tem? Não é mesmo mulher e criança? Quer dizer, imagino que aquela multidão tenha sido composta de talvez 15.000 pessoas. Muito bem, procure imaginar que você seja um daqueles doze discípulos, e você acaba de ouvir o Mestre dizer: "Dai-lhes vós de comer". E agora, como fica? Os discípulos tinham alguma coisa? De fato, não. Nem dinheiro (que nada adiantaria, pois era um lugar isolado, sem mercado ou restaurante) e nem comida tinham. Mesmo os cinco pães e dois peixinhos eram de um rapaz na multidão.

Será que Jesus falou sério, ou teria sido uma brincadeira (meio sem gosto a essa altura)? Não sei, mas prefiro pensar que Jesus não iria brincar dessa forma. Mas se falou sério, como poderiam os discípulos obedecer? Só operando milagre. Mas eles se sentiram sem condições e devolveram o "abacaxi" para Jesus descascar – e Ele o fez muito bem. Mas foi Jesus que entregou o pão e peixe à multidão? Não. Vamos pensar mais um pouco no quadro, pois devemos ainda sentir a fé dos discípulos.

Diz o Texto Sagrado que a multidão saiu saciada. Não foi uma coisa só para enganar o estômago, ficaram satisfeitos. Agora, já pensou quanto pão e peixe levaria para fartar 15.000 pessoas (e que ficaram sem almoço)? Certamente quando Jesus abençoou e partiu aqueles pães e peixinhos não houve uma multiplicação instantânea tamanha que daria para a multidão – nesse caso a tremenda pilha de pão e peixe iria soterrar Jesus, os discípulos e quem mais por perto estivesse! Sério. Basta parar e pensar um pouquinho. Podemos ter certeza que não foi assim. Quando Jesus colocou pão e peixe nas mãos dos discípulos, era só o que tinha até esse momento.

Agora, procure imaginar que você fosse um daqueles discípulos, e você com esse pouco de pão e peixe na mão tinha que alimentar mais de mil pessoas (doze discípulos e quinze mil pessoas). Já pensou? Você não iria se sentir ridículo ao tomar o primeiro passo em direção ao povo? No entanto, sabe-se lá como, os discípulos acham a coragem e se aproximam do povo. O primeiro se serve e, maravilha, ficou no mesmo! O segundo se serve, e ficou no mesmo. Aleluia, não acabava nunca! Ao passo que foram distribuindo, a comida foi multiplicando. Se tivessem desistido pela metade, metade do povo teria ficado sem comer. Se tivessem comido primeiro, imagino que a coisa teria estancado logo no começo e a multidão ficava faminta. Os discípulos comeram por último, mas comeram muito bem, obrigado. (Você já experimentou comer um cesto de pão?)

Eu acho graça, pensando naquele quadro, até lembrar que o Senhor Jesus ainda está a nos dizer: "Dai-lhes vós mesmos de comer" – só que desta vez são nada menos que 2.000 etnias e 2,5 bilhões de pessoas perecendo diante de uma falta absoluta do Pão da Vida. E nós, que nem os discípulos, a dizer, "com que, Senhor?" Enquanto ficarmos olhando para as nossas mãos vazias, não vamos achar a coragem para enfrentar o desafio do mundo perdido. Não depende das nossas mãos vazias, depende das mãos cheias de Jesus! Não depende da nossa fraqueza e pequenez, depende de **Jesus**, do que Ele tem e pode. Temos que aprender como colaborar com Deus, e realmente fazê-lo. Enfim, precisamos entender como é que funciona a economia de Deus.

A Economia de Deus

Os capítulos 8 e 9, inteiros, de 2 Coríntios versam sobre oferta, dar, contribuir, enfim, dinheiro. Mas é a partir de 2

Coríntios 9.6 que encontramos a descrição de como a economia de Deus funciona. Esse verso enuncia um princípio básico, fundamental que é de aplicação geral, pois atinge a todos. "E isto afirmo: Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com abundância, com abundância também ceifará."

Qualquer agricultor entende disso. Se ele plantar pouco feijão, vai colher pouco feijão. Se ele quer mais, tem que plantar mais. Qualquer homem de negócios também entende. Se ele quer dinheiro, tem que plantar dinheiro, só que aí usamos o termo "investir". É o mesmo princípio. Mas tem um detalhe que às vezes pode ser incômodo – é preciso plantar primeiro, para colher depois. É melhor apertar o cinto do que comer a semente, por mais fome que esteja sentindo. É claro, pois quem comer a semente não vai plantar nada, e quem planta nada, colhe nada!

A natureza às vezes é pródiga. O campeão deve ser o milho. Imagino que muitos leitores já tenham plantado milho. A gente costuma colocar três ou quatro grãos numa cova, mas suponhamos que certa vez caia só um. Se esse grão germinar, nasce um pé. Certo? E esse pé deve produzir duas espigas boas (a terceira costuma ser murcha). Agora, você já contou quantos caroços uma espiga tem? Pois eu já. Se ela for franzina, talvez tenha 300 grãos. Uma boa espiga deve ter por volta de 500 grãos. Uma **senhora** espiga pode ter até 800! Suponhamos que nosso pé de milho nos dê duas espigas boas. Plantamos um grão e recebemos de volta 1.000 grãos! Não é negócio? Mesmo um feijão que nos dê apenas umas dúzias por um não deixa de ser negócio. É assim que Deus faz.

Como já observamos o contexto é financeiro, e o verso 7 deixa claro que ao falar sobre plantar e colher o autor quer que apliquemos o princípio ao dar. "Deus ama ao que dá com alegria." Creio que podemos tranqüilamente entender o seguinte: quem dá muito, recebe muito; quem dá pouco, recebe pouco; quem dá nada, recebe nada. Talvez seja por isso que muitos crentes, inclusive obreiros, estão sempre apertados financeiramente. Não dão; nunca contribuem. Lucas 6.38 mostra a reação dos homens e Provérbios 3.9-10 a reação de Deus, quando alguém dá.

Agora vamos ao "segredo"; está no verso 8 (2 Cor. 9). "Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra."

Vamos observar com cuidado o conteúdo semântico. É **Deus** que é poderoso, não a gente. É Ele que vai **fazer abundar** em nós, não a gente que vai abundar. E Ele vai fazer abundar em nós "toda a graça" – a graça no caso é a graça de dar, de contribuir (lembrar 2 Cor. 8.1, "a graça de Deus dada às igrejas da Macedônia", que foi exatamente a graça de dar, inclusive mais do que podiam). Agora o Texto amontoa palavras enfáticas: "sempre", "tudo", "toda", "suficiência", "abundeis", "toda". Essa ênfase toda é para garantir dois resultados: a gente deve sempre ter o suficiente (pelo menos), e a gente deveabençoar grandemente aos outros. Vamos ver como funciona.

Entendo que é o seguinte. Deus quer que sejamos canais, veículos ou canos através dos quais Ele pode encaminhar um fluxo de bênçãos, tanto materiais como espirituais, a terceiros. Muita coisa que a gente recebe não seria exatamente para o uso da gente – tem outro endereço, e a gente

tinha que reencaminhar a bênção (o outro endereço temos que discernir pelo Espírito). Quando a gente corresponde e colabora com Deus, aí Ele manda mais. Quanto mais fiel e sensível a gente for, mais Deus vai mandar, um fluxo de bênção cada vez maior. Mas se Deus enviar uma bênção, digamos uma quantia de dinheiro, que tem outro endereço e a gente não quer entender, não quer colaborar, segura para si, aí a gente passa a ser um "cano entupido". Que coisa triste um cano entupido, é uma negação! Aí estanco o fluxo da graça de Deus através da minha vida, pois Ele pára de mandar. É claro. Para que Deus vai continuar mandando se eu não deixo passar? Será que nossas igrejas não estão cheias de "canos entupidos"?

Quando colaboramos com Deus, Ele ganha, os outros ganham e nós também ganhamos. Mas quem recuar, se omitir, estará prejudicando a si mesmo, aos outros e ao próprio Deus. Vejamos os versos que seguem, 9-14 (2 Cor. 9). O verso 9 diz respeito à última frase do verso 8, sendo uma citação de Salmo 112.9. Versos 10 e 11: "Ora, aquele que dá semente ao que semeia, e pão para comer, também suprirá e aumentará a vossa sementeira; em tudo sendo enriquecidos para toda a generosidade, a qual faz que por nós se dêem graças a Deus." Mas que maravilha! Deus dá até a semente para a gente plantar; e para evitar que alguém coma essa semente, ao mesmo tempo Ele dá o pão para a gente comer. Ele visa exatamente a sementeira, Ele está querendo ver os frutos. Quando a gente é fiel, colabora, aí Deus não somente supre, mas aumenta nossa sementeira; em outras palavras Ele aumenta a nossa generosidade, ou pelo menos o fará ao passo e na medida que cooperamos com seu propósito. Como resultado certo e

justo desse processo, Deus recebe aquilo ao qual faz jus: os beneficiados rendem graças a Ele.

Versos 12 e 13 ampliam esse aspecto. "Porque o exercer deste ministério não só supre as necessidades dos santos, mas também redundam em muitas graças a Deus; através desta ministração aprovada, glorificam a Deus pela obediência que acompanha vossa profissão do Evangelho de Cristo, pela liberalidade da partilha com eles, e com todos, e através da oração deles por vós, tendo de vós grande saudade por causa da superabundante graça de Deus que em vós há" (2 Cor. 9.12-14). Assim, quando nos associamos à economia de Deus, Ele recebe a glória devida, as necessidades dos santos são supridas, e nós somos abençoados. Primeiro, as pessoas que recebem os benefícios do nosso ministério oram a nosso favor, e certamente Deus há de atender a essas orações. Segundo, mesmo sem tal oração, nossa obediência há de receber os efeitos da fidelidade de Deus. Não somente temos as declarações e promessas desta passagem, mas o próprio interesse divino está em jogo – um "cano" fiel e útil não pode morrer de fome.

Então, meus irmãos, é isso aí. Deus não fica devendo a ninguém. Vale a pena repetir: **Deus não fica devendo a ninguém!** Somos pequenos demais; não é à gente que Deus vai ficar devendo. Ele não aceita. Podemos confiar: quem dá muito, recebe muito; quem dá pouco, recebe pouco; quem dá nada, é porque quer receber nada. Parece-me ser verdade que este princípio, assim como o dízimo, funciona mesmo quando a motivação da pessoa é interesseira ou egoísta. No entanto, creio que o leitor há de convir que meu apelo todo tem sido contra o egoísmo. É devido às "compaixões de Deus" que devemos apresentar

as vidas em "sacrifício vivo" (Rom. 12.1). É pelo privilégio e o prazer de participar na graça de Deus que devemos dar. Creio ser verdade dizer que nossa prosperidade está nas próprias mãos, pelo menos em parte (infelizmente é também verdade que podemos sofrer pela desobediência dos outros, assim como eles podem sofrer pela nossa). Mais do que isso, a situação financeira do empreendimento missionário está também nas nossas mãos. Se colaborarmos com Deus não faltará dinheiro para sustentar os missionários que Ele está chamando, e nem para custear todos os demais aspectos da obra.

A "Promessa de Fé"

Um procedimento que muito se usa em nossos dias para levantar fundos para missões é a chamada "promessa de fé" (no sentido de uma promessa feita pela fé). Entendo ser exatamente uma aplicação específica da verdade exposta em 2 Coríntios 9.8. O procedimento funciona da forma seguinte. Vamos colocar o assunto em termos de igreja local, embora funcione também para indivíduo, bem como para uma convenção. (Há muitos anos apresentei este procedimento numa igreja e apenas um homem aceitou o desafio – ele, sozinho, passou a contribuir mais para missões do que o resto da igreja toda.) A aplicação do princípio independe do tamanho do grupo que vai pô-lo em prática. Vejamos, então, o caso de uma igreja local.

Creio que quem mais popularizou o procedimento foi o saudoso Dr. Oswald J. Smith e a "Igreja do Povo" em Toronto, no Canadá. Uma vez por ano eles fazem uma conferência missionária. (Fazer a conferência é opcional, pois o procedimento pode funcionar sem ela, mas serve para informar, orientar e entusiasmar o povo.) A essência da

proposta é o que segue.

Cada pessoa é convidada a procurar a face de Deus e fazer a seguinte indagação: "Senhor, quanto Tu queres enviar para missões através da minha mão neste ano?" Vamos devagar para entender bem essa proposta. Observe que a pergunta é quanto **Deus** vai enviar. Não se trata de espremer seu minguado ordenado para ver se tira mais um tostão. Nem se trata de mexer com seu dízimo ou outros compromissos já assumidos com a igreja ou outras repartições do Reino. Eu iria ainda mais longe – nem é questão, necessariamente, de mexer com seu orçamento doméstico (se bem que, se você tem três televisores, Deus talvez mande vender um, ou mesmo dois, etc.). Não. É ver o que Deus vai fazer. Ele vai suprir de maneira surpreendente, avulsa, extra, até milagrosa. Mas tem um detalhe; o que Deus enviar nesses termos é sagrado, é para missões! (Não vá comer a semente, por favor.) A proposta pode ser em termos mensais ou anuais.

Muito bem. Então cada um faz sua consulta a Deus. Pedese que cada um coloque num papel a quantia que ouviu de Deus e esses papéis são recolhidos. Atenção para um detalhe importante – quer coloque o nome no papel, quer não, não se trata de um compromisso legal que poderá ser cobrado depois. É justamente uma "promessa de fé"; é uma declaração, pela fé, daquilo que confia que Deus vai fazer durante o ano. Recolhem-se os papéis para que a comunidade possa ter uma idéia por alto do montante que deve entrar para missões durante o ano, a fim de assumir compromisso com obreiros e entidades onde o dinheiro será aplicado. É óbvio que tais compromissos também serão pela fé e os destinatários devem entender claramente a

natureza da proposta.

Tenho dito que a "promessa de fé" é uma aplicação específica de 2 Coríntios 9.8. Creio que sim, mas há uma variação. Na exposição da economia de Deus, feita acima, a iniciativa estava com o Espírito Santo e cabia à gente estar atento e sensível para entender quando reencaminhar uma bênção. Com a "promessa de fé" a gente se coloca conscientemente na mão de Deus visando uma proposta específica feita de antemão, que pode até incluir o destinatário. Acontece que funciona, e com efeitos tremendos. Já são centenas, se não milhares, de igrejas, que representam muitos anos de experiência com este procedimento, cujos testemunhos se avolumam.

Às vezes, quando uma igreja ouve pela primeira vez a proposta de sustentar missões através deste procedimento, a liderança da mesma fica com receio. Acham que deve ser um tipo de "conversa fiada", que qualquer dinheiro dado para missões vai sair mesmo é das contribuições destinadas ao orçamento da igreja. Mas quando se reitera que não é para ser nada disso, que ninguém deve tirar do dízimo ou das contribuições normais para a igreja, que deve ser dinheiro outro que o próprio Deus vai mandar, então às vezes aceitam fazer experiência para ver se funciona. Quando uma igreja resolve por a proposta em prática, acontece o seguinte, quase sempre. Todo o dinheiro prometido pela fé para missões efetivamente entra no Caixa até o fim do ano (doze meses após a conferência). O orçamento normal da igreja, longe de levar prejuízo, prospera. Se a igreja está em campanha de construção de templo, ou algum outro prédio, anda até mais depressa do que se esperava. O número de membros aumenta. Enfim, Deus

abençoa esse povo de forma geral. Para achar exemplos concretos não é preciso ir aos EEUU, pois os temos aqui no Brasil. Vez por outra as revistas denominacionais noticiam um exemplo. Um dos mais conhecidos deve ser o da Primeira Igreja Batista de Santo André.

Quero enfatizar que a coisa funciona até para um povo paupérrimo. No ano de 1975 participei da conferência missionária da Igreja do Povo em Toronto (justamente o ano quando romperam a barreira de um milhão de dólares). Um dos preletores foi um líder evangélico da Libéria, e ele relatou o resultado quando o seu povo resolveu pôr em prática a "promessa de fé". O povo dele vive no interior da Libéria, numa região semidesértica onde a vida é difícil. É um povo paupérrimo. Com lágrimas escorrendo pela face ele contou que esse povo tinha dado o equivalente a oito mil dólares para missões num ano. Já imaginou? Um povo paupérrimo, mas cujo Deus é **GRANDE**.

Volto a dizer que se cada crente evangélico do Brasil contribuísse com 1% de sua renda para missões, poderíamos semear até 100.000 missionários brasileiros pelo mundo. Mas tem igreja que faz bem mais do que isso. Há muitos anos tomei conhecimento de uma igreja nas Ilhas Filipinas. Lembrem que as Filipinas também fazem parte do chamado "terceiro mundo". Aliás, lá não têm os recursos naturais e o parque industrial que temos aqui. A situação econômica deles deve ser pior que a nossa. No entanto, aquela igreja, na época, com 500 membros sustentava 50 missionários! Quer dizer, cada dez membros sustentavam um obreiro. Dá para fazer; basta dar o dízimo em vez de só 1%.

Que tal, meus irmãos? Realmente o Brasil representa um

potencial muito grande para a expansão do reino de Cristo pelo mundo. Temos os recursos necessários, tanto humanos como materiais. Está faltando compromisso com a Causa; está faltando a mentalidade do Reino. Aliás, bastaríamos nós do Brasil só – se conseguíssemos levar cada evangélico do país a viver efetivamente para Cristo, ninguém mais segurava a Igreja, tomaríamos o mundo de assalto. Vamos lá?

A Prestação de Contas

Antes de encerrar este capítulo, eu gostaria de voltar a Lucas 12. Ao comentar "a mentalidade do reino" chegamos até o verso 34. Mas o Senhor Jesus continuou falando e creio que devemos atentar ainda para o conteúdo dos versos 35 a 48. Têm alguma coisa a ver com nosso assunto. É que, ato contínuo, o Senhor começou a falar de sua volta, a segunda vinda. "Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias, e sejam vós semelhantes a homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, . . ." (Lucas 12.35-36). "Portanto, ficai vós também apercebidos, porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais" (verso 40). Aí o Apóstolo Pedro perguntou se essa última palavra era só para eles, ou para todos. A resposta de Jesus foi que quem recebe mordomia é mordomo e terá que prestar contas da mordomia. Aí no verso 46 vem uma palavra dura – o mordomo delinqüente terá sua parte com os **infiéis!**

Vejamos agora os versos 47 e 48. "O servo que soube a vontade do seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade, será castigado com muitos açoites; mas o que não soube e fez coisas dignas de golpes, levará poucos açoites. Pois a qualquer que muito foi dado, muito lhe

será exigido, . . ." É a prestação de contas, é o tribunal de Cristo. Observar que esta palavra é endereçada aos discípulos, e de forma mais explícita é dirigida a Pedro, em resposta a sua pergunta. É o **servo** que soube e não fez que será castigado com muitos açoites. (Não sei a natureza desses açoites, mas talvez tenha algo a ver com o prejuízo de ter a vida queimada – lembrar a esse respeito o que já se expôs sobre o preço de não ser um escravo de Jesus.)

O servo que soube e não fez, . . . E nós, meus irmãos, e nós os crentes evangélicos do Brasil? Nós não sabemos a vontade do nosso Mestre? Nossa Bíblia não tem Mateus 28.19, Marcos 16.15 ou Atos 1.8? Nunca ouvimos falar das ordens de Cristo? "A Grande Comissão" é frase simplesmente estranha a nossos ouvidos? Com que "cara" vamos ficar, me desculpem a expressão, mas com que cara vamos ficar perante o Tribunal de Cristo quando Ele cobra de nós as suas ordens; quando Ele indaga sobre as etnias do mundo que nunca receberam porta-voz de Cristo; quando Ele quer saber porque metade das pessoas no mundo continuam a morrer sem ouvir de Jesus? Como explicar nossa omissão, nosso terrível descaso? Que resposta poderemos dar?

Devemos lembrar que nossa mordomia é bastante grande. O Evangelho chegou ao Brasil há mais de 150 anos. Quase todas as capitais de estado do país contam com pelo menos um seminário teológico ou instituto bíblico, e muitas outras cidades também têm. Quer dizer, o número de pessoas com preparo teológico já é grande, e cresce cada vez mais. É a mão de obra disponível. A Palavra de Deus existe em nosso idioma há mais de 300 anos, e a literatura evangélica se torna cada vez mais farta. Dispomos de muitas "ferramentas" para estudo bíblico e teológico, e o

quadro continua melhorando. O problema é que essa mordomia toda será cobrada.

Somos pelo menos quinze milhões de crentes evangélicos no país (colocando por baixo). Que potencial tremendo! Será que Deus não vai cobrar esse potencial? 2 Pedro 3.12 fala em "apressar a vinda" do dia de Deus. É que temos escolha, temos arbítrio. Nossas decisões têm valor, fazem diferença. Podemos efetivamente apressar a vinda de Cristo – decorre dali, fatalmente, que podemos atrasar a vinda também (tudo dentro dos limites impostos pela soberania de Deus). É por isso que tem prestação de contas. É por isso que Jesus vai cobrar a mordomia que a nossa vida representa, tudo que temos e somos.

Tem mais uma. Deus tem nos colocado nas mãos uma tecnologia nunca vista, coisas que nossos pais não tiveram, que nossos avós sequer sonharam. Será à toa? Não acredito. Deus não é de fazer as coisas à toa. Entendo que é esta nossa geração que tem o privilégio, e a responsabilidade, de terminar de cumprir a Grande Comissão, de terminar de fazer o que se há de fazer antes que Jesus venha. Se a geração dos Apóstolos, com pouca gente e os recursos de então, conseguiu alcançar seu mundo, que nos impede de alcançar o **nosso** mundo, também numa geração? Somos tantos! Temos tanto!

Meu pai andava a cavalo pela hinterlândia boliviana à cata dos moradores salpicados pelas matas. Trinta anos depois o filho andava pela selva amazônica de hidroavião e munido de radiofonia, à cata de grupos indígenas (também andei a pé e de canoa, mas essa é outra história). Certa vez, numa dessas viagens, o pai adoeceu. Ainda conseguiu

chegar até a casinha de um casal "perdido" na selva. Caiu na rede e ficou fora de si durante duas semanas, com febre alta. O casal o agüentou com chá e canja, e ele sem saber. Finalmente Deus achou por bem restabelecê-lo e chegou em casa com um mês de atraso. Poderia ter morrido por lá e a notícia nos alcançar muito depois. Também já adoeci na selva, numa dessas viagens. Liguei a radiofonia e avisei os colegas na cidade, pedindo oração (só isso já era um grande conforto que meu pai não tinha – eu não estava mais sozinho). Quando Deus não achou por bem me curar, pedi um avião para me resgatar e poucas horas depois estava a caminho da cidade e recurso médico. Que diferença fazem trinta anos! Agora colegas estão levando computadores portáteis, a pilha, à selva. Temos satélites, televisão, etc.etc. Está faltando apenas **a mentalidade do Reino** para que terminemos de alcançar o mundo com o Evangelho.

Pensando mais esta vez na mentalidade do Reino, eu gostaria de fazer um apelo aos amados irmãos. Meus irmãos, vamos exorcizar o espírito denominacionalista que grassa em nosso meio. Entendo que as diversas denominações podem ser úteis, e quem sabe até necessárias, por questões práticas. Se eu quero dar um banho completo no recém-convertido, mas um outro só quer molhar a cabeça, torna-se incômodo trabalharmos debaixo do mesmo teto. Escolheríamos tetos diferentes exatamente para preservar a paz e não ficarmos brigando a respeito de pormenores que não implicam na salvação. Mas nada disso deve impedir que trabalhemos juntos no grosso, no básico, no cumprir das ordens de Cristo. Em vez de imaginar que somos donos da verdade e nos digladiar entre nós, vamos concentrar nosso fogo contra o inimigo das nossas almas. Diante

do mundo perdido devemos somar nossas forças, pois nenhuma denominação sozinha tem as condições necessárias. Quando pensamos nas etnias nunca alcançadas e nas dificuldades que o trabalho transcultural nos apresenta, aí um esforço conjunto se nos impõe. Esse esforço conjunto vai incluir as entidades especializadas que Deus tem levantado para colocar à disposição das igrejas a perícia, a experiência e a infra-estrutura específicas que estas não têm (e que levariam muitos anos para adquirir). Elas devem ser consideradas como uma extensão das igrejas, não como "concorrência". Podemos nos respeitar mutuamente, e reconhecer as convicções diferentes no tocante a questões secundárias, e ainda dar as mãos para enfrentar o mundo sem Cristo. Que Deus nos ajude!

Para podermos alcançar o mundo inteiro e cumprirmos a Grande Comissão de Cristo está faltando **a mentalidade do Reino!**

PREGAR A CADA PESSOA

Prosseguindo, vamos atentar para as palavras do Senhor Jesus que encontramos em Marcos 16.15: "Indo por todo o mundo, pregai o Evangelho a cada pessoa". Novamente são palavras dirigidas a Seus discípulos. O efeito estratégico é transparente – se de fato pregarmos a cada pessoa, então cada pessoa terá recebido sua oportunidade de conhecer Jesus como Salvador e Senhor da vida. O problema não seria entender esta ordem, mas sim **acreditar**.

Um Neo-universalismo Recrudescente

Deus me tem permitido ministrar em muitas igrejas evangélicas pelo Brasil a fora, igrejas de mais de vinte denominações. Tenho constatado um fato alarmante. Muitos crentes, e até pastores e líderes, simplesmente não crêem ser necessário pregar o Evangelho a cada pessoa no mundo. Existe um "neo-universalismo" recrudescente em nosso país. Podemos colocar a idéia nas palavras que ouvi de um certo pastor, há muitos anos: "Um Deus bom, justo, de amor não poderá nunca condenar o índio inocente". É que eu andava conclamando os brasileiros a se engajarem no esforço de alcançar os povos indígenas do país, pois o nosso Governo vinha restringindo a ação dos missionários estrangeiros nesse setor. Mas aquele pastor não quis saber. Não era preciso se preocupar com a salvação do índio. Deus iria dar um jeito.

Estamos diante de uma hipótese que acarreta conseqüências gravíssimas. Não é necessário ser profeta para enxergar que essa hipótese corta pela raiz qualquer sentimento de urgência, qualquer preocupação maior com a sorte espiritual das pessoas e dos povos que nunca ouviram falar de

Jesus. Pois se Deus vai dar um jeito (daí se vê que deve ser brasileiro), então vai dar um jeito e podemos ficar despreocupados. Obviamente um jeito dado por Deus terá que ser adequado. Se o índio é inocente e se portanto não pode ser condenado, então Deus terá que salvá-lo (pois o espírito do ser humano é imortal, e só há dois destinos, ou ficar com Deus, que é vida eterna, ou ficar separado dEle, que é condenação eterna). Se existe "inocência" que implica em salvação, devemos reformular a nossa soteriologia, pois aí teria mais de uma maneira de alcançar a vida eterna.

Afinal, nosso **SENHOR**, Cristo Jesus, mandou fazermos discípulos em **todas** as etnias. Vamos obedecer ou não vamos? Mandou pregarmos o Evangelho a cada pessoa, indo pelo mundo inteiro. Vamos obedecer ou não vamos? Quem achar que não precisa obedecer, rejeitando inclusive os termos das ordens, deve ser coerente e parar de se apresentar como servo de Jesus! Alguma dúvida? Bem, sei que não iremos resolver o problema de uma vez dessa forma, pois as pessoas nem sempre são coerentes. Então, vamos avaliar cuidadosamente essa hipótese neo-universalista.

Não Há "Inocente"

Parece-me que a questão gira em torno da idéia de "inocência". É porque o índio (por exemplo) seria "inocente" que Deus não deveria condená-lo. Muito bem, como poderemos definir essa "inocência"? Vou conduzir a discussão em termos do índio por ter conhecimento de causa, por ter experiência íntima. Vivi numa aldeia de índios, em plena selva amazônica, um total de 24 meses. (Trata-se da nação indígena Apurinã do Rio Purus no Amazonas.) Contudo, creio que as observações feitas a respeito do nosso índio são igualmente válidas para os povos indígenas da

África, da Ásia e das ilhas do Oceano Pacífico, onde se encontram as etnias não-alcançadas do mundo. Vamos então à "inocência".

Muitos brasileiros duvidam da inteligência, da capacidade mental e moral do índio, como se não passasse de criança. Aliás, a política federal do país parece retratar essa visão pois a Fundação Nacional do índio (FUNAI), órgão federal, detém a tutela do índio. Quem precisa de tutela é menor, incapaz perante a lei. No norte do país é comum ouvir o índio tratado de "bicho". Já ouvi alguém expressar a idéia de que "a língua do índio" seria uma "besteira" de uns 300 vocábulos, uma coisa pouco mais evoluída do que o grunhir dos animais. (Observar de passagem que não existe "a língua" dos índios, pois são muitas – cada tribo tem uma língua diferente.) É engano total. São tão inteligentes quanto nós. Não faltam provas disso.

Podemos começar pela língua. Tenho doutorado em lingüística. Domino o Português e o Inglês. Já estudei o Grego e o Hebraico, e em escala bem menor Latim e Alemão. Tenho "triscado" em várias línguas ameríndias. Quero dizer que a língua Apurinã é a coisa mais complexa que já vi. Só para exemplificar, um verbo inglês é passível de até cinco flexões diferentes na estrutura interna da palavra, na morfologia. Já algum verbo português, dos bem irregulares, é passível de até 66 flexões diferentes na morfologia da palavra. Mas um verbo Apurinã, com suas três ordens relativas de prefixos e 14 ordens relativas de sufixos (que comportam uns 60 afixos, até onde eu domino, pois existem outros mais), se cada combinação matematicamente possível pudesse ocorrer (existem umas poucas restrições de co-ocorrência), seria passível de pelo menos **20 milhões** de flexões diferentes dentro da morfologia da palavra. É isso

mesmo, 20 milhões, e isso até onde eu domino tão somente. Daí o leitor poderá entender que eu perco a paciência quando alguém chega perto de mim querendo "fazer pouco" da inteligência do índio.

Queria que você estivesse na minha casinha de palha na aldeia a ouvir os homens discutindo os prós e os contras do Evangelho numa perfeita demonstração de compreensão e raciocínio. Ninguém se iluda, são seres humanos como nós, criados à imagem e semelhança de Deus. Às vezes eles nos parecem lerdos quando se encontram em nosso meio, por não entenderem nossa língua e cultura. Assim como nós pareceríamos igualmente lerdos no meio deles, exatamente por não conhecer a língua e cultura deles. Enfim, não podemos definir "inocência" em termos de falta de inteligência, raciocínio ou capacidade mental. Ou pelo menos, se assim fizermos, nem o índio e nem os demais povos indígenas do mundo se enquadram nessa definição.

Os povos indígenas do Brasil e, em grande parte, do mundo são animistas. Isto é, o culto ou religião deles consiste na tentativa de apaziguar os demônios, os espíritos malignos que entendem ser os responsáveis por todos os males que lhes atingem. (Mesmo as etnias da África aparentemente convertidas ao islamismo entendendo ainda estarem às voltas com os demônios numa espécie de sincretismo.) Sabem que existem espíritos bons também, mas conscientemente cultuam os maus. Não se trata de credice ou superstição. É uma atitude lógica e inteligente dentro da realidade que eles vivem. São verdadeiramente perseguidos pelos espíritos malignos, pois estes existem e assim atuam. Ignorando a existência de um poder benéfico maior capaz de livrá-los da perseguição dos demônios ou, no caso

dos que sabem existir um criador bom mas que há muito perderam contato com ele, não sabendo como acioná-lo em seu favor, fazem o que sobra para fazer. Procuram diálogo com os espíritos para ver se a coisa melhora, ao menos um pouco.

Ora vejam, quem conscientemente cultua os demônios, e por trás deles Satanás (pois sabem que os demônios têm chefe), deixando de lado os espíritos bons e o próprio Criador, não é "inocente" e nem deve ser assim considerado.

Depois tem a consciência que Deus coloca em cada ser humano (ver Romanos 2.14-16). Muito precioso neste sentido é o subsídio trazido por Don Richardson no seu livro, *O Fator Melquisedeque* (Editora Vida Nova, 1986). Ele argumenta que não somente as pessoas mas inclusive as culturas trazem aspectos, tipo memória da antigüidade, que preparam os povos para a chegada do Evangelho, e de certa forma os predispõem a aceitá-lo – ele cita um bom número de exemplos bastante interessantes.

E tem a luz da criação que deve levar cada ser consciente a se curvar diante do Criador (ver Romanos 1.18-20), pois todo o processo cognitivo do ser humano parte do princípio de causa e efeito. Observamos um efeito e procuramos isolar a causa que produziu esse efeito; pela lógica a causa tem de ser igual ou superior ao efeito que produziu, pois caso contrário não seria capaz de produzi-lo. Confesso não entender os cientistas que afirmam ser materialistas, pois toda experiência científica também se baseia no princípio de causa e efeito – me parecem incoerentes.

Suponho existir apenas uma definição de "inocência" possivelmente capaz de suportar a luz do dia: seria a ignorância, a falta de ouvir. Quer dizer, um Deus justo não poderia condenar uma pessoa que nunca ouviu falar de Cristo. Só tem um pequeno problema – Deus não aceita. Romanos 1:18-20 deixa claro que todo ser racional tem a luz da criação, e Deus vai cobrar essa luz: "para que fiquem **inescusáveis**" (ver também Salmo 19.1-4). Romanos 3.10-12 é mais do que claro: para Deus não existe "inocente"!! Segundo Isaías 64.6 até nossas "justiças" Deus tem como "trapos imundos".

Deus é Justo

Contudo, Deus é justo. Ele reconhece a diferença entre pouca luz e muita luz. "Para com Deus não há aceção de pessoas, porque todos os que sem lei pecaram sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados" (Romanos 2.11-12). Embora todos tenham a luz da criação, certamente ela não se compara com a luz da revelação escrita de Deus. Lucas 12.47-48 diz respeito ao tribunal de Cristo, e não ao julgamento dos incrédulos, mas também deixa claro que Deus reconhece graus de responsabilidade. Observem, no entanto, que os sem lei "perecerão" e os servos que não sabiam a vontade "serão castigados", embora menos.

Agora vamos ao juízo final dos ímpios, o grande Trono Branco que é descrito em Apocalipse 20.11-15:

"Vi um grande trono branco e Aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi

aberto. E os mortos foram julgados segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e Hades entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então a morte e Hades foram lançados para dentro do Lago de Fogo. Esta é a segunda morte, o Lago de Fogo. E se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do Lago de Fogo."

Eu gostaria de observar de passagem que não deverei comparecer diante do Trono Branco, mas fosse comparecer e ser julgado segundo minhas obras, fatalmente eu seria lançado no Lago de Fogo. Pois pelas obras ninguém se salva (ver Isaías 64.6, Jeremias 17.9, Romanos 3.20 e 23 entre outras – estou falando de salvação, não galardão). Não irei parar no lago porque pela graça de Deus meu nome está lavrado no Livro da Vida. Muito obrigado, Senhor Jesus! Mas gostaria de imaginar que seja possível observar esse julgamento. Suponhamos que chega a vez de um índio e nós podemos acompanhar o caso.

Ouve-se a bronca: "Mas Senhor Deus, como pode? Nunca jamais chegou alguém a nossa aldeia, a nosso povo para nos falar de Jesus. Todos nós nascemos, vivemos e morremos sem uma vez ouvir o Evangelho de Cristo. Como poderá me julgar?" É claro que o que segue é mera especulação, mas imagino que a resposta de Deus seria mais ou menos a seguinte: "É. Sei. Desgraçadamente você nunca ouviu. Através dos séculos cansei de mandar meus supostos servos mas nenhum deles prestou ouvidos e você ficou sem ouvir. Lamento profundamente! Mas quero que você saiba que não vou te julgar por um Evangelho que você

nunca ouviu. Vou te julgar, sim, segundo as tuas obras." Duas vezes no texto em pauta repete-se a expressão, "foram julgados cada um segundo as suas obras".

Agora, como é que se pode avaliar as obras de alguém? Tem que ser dentro do contexto que esse alguém viveu. É preciso saber o que ele estava sentindo, quais as pressões que estava sofrendo. É que cada povo tem lei, tem moral, tem normas de conduta. É claro que sua moral fica aquém da moral da Bíblia, mas tem moral. Eles entendem que certas coisas são boas e que outras são más. Então, Deus vai julgar aquele índio dentro de sua própria cultura, dentro da lei e moral que ele muito bem conhecia, reconhecia e abraçava. E Deus vai provar que mesmo dentro daquele contexto o índio **não** correspondeu (não esquecer da luz da criação e a consciência que também serão cobradas). Diante do Trono Branco não haverá ninguém a dizer que Deus é injusto.

Não, irmãos, que ninguém se iluda! O índio que nunca ouviu o Evangelho está condenado. Para Deus não existe "inocente".

A Hipótese Neo-universalista

Mas essa idéia "neo-universalista" exerce um fascínio tão grande sobre as pessoas em nossos dias que julgo conveniente tecer mais uns comentários a respeito. Vou partir da posição já exposta, que a única definição de "inocência" possivelmente válida seria a de ignorância. A saber, um Deus justo não poderia condenar a quem nunca ouviu. Pois bem, nesses termos o "cristão" neo-universalista tem um Jesus "monstro" e um deus "burro". (Sei que o irmão talvez sinta um malestar diante desses termos, mas os escrevo de

propósito, pois a repulsa que o próprio Deus sente diante da hipótese neo-universalista deve ser bem maior.)

É claro. Se Deus não pode condenar a quem nunca ouviu (pela hipótese) então o ignorante terá que ser salvo (lembrar que só há dois destinos para o espírito do ser humano). Mas aí o Evangelho de Cristo passa a ser uma mensagem de condenação e não de salvação, uma mensagem de morte e não de vida. Pois enquanto alguém não o ouvir é salvo (pela hipótese), mas no momento que ouvir, se não aceitar, fica condenado. Já imaginou tamanha "fria" para o proclamador do Evangelho – andar acabando com a "inocência" das pessoas?! Daí Jesus seria um "monstro", pois Ele manda pregar a cada pessoa, condenando assim a multidões que de outra forma seriam salvas! Já pensou?

E Deus seria "burro", pois enviar o Filho para assumir a forma de homem e sofrer tudo o que sofreu seria simplesmente desnecessário (pela hipótese). Bastaria Deus ficar caladinho lá no Céu, não fazer ou dizer nada, pois com isso todo mundo ficaria na mais perfeita ignorância, forçosamente, e portanto teria que ser salvo. Obviamente nem Deus é "burro" e nem Jesus é "monstro". A hipótese neo-universalista simplesmente não procede.

(É estranho como as pessoas se julgam mais justas e sábias do que o Criador. A Bíblia diz que Deus criou o homem à sua própria imagem e semelhança, mas de lá para cá parece que os homens estão empenhados em devolver o favor – pois, a exemplo do neo-universalista, não gostando do Deus da Bíblia, bolam um outro deus mais de seu agrado, um deus sem surpresas indesejadas, um deus bem do tamanho e do jeito deles. Só que um deus bolado por você

será fatalmente menor que você, um deus pífilo, um deus que não está com nada.)

Conclusão

Conclusão: temos que levar Marcos 16.15 a sério. O Evangelho de Cristo é a única saída para todas as pessoas. Já que não há inocente perante Deus, é totalmente necessário pregar a cada um. Mas aí vem a pergunta: e se alguém corresponder realmente à luz da criação? Teoricamente é possível, mas na prática é extremamente difícil por causa da pressão exercida sobre a pessoa pela cultura. Como diz em 1 João 5.19, o mundo "jaz no maligno" – há forte influência satânica nas culturas do mundo. E como já expliquei, em geral as culturas das etnias não-alcançadas são exatamente aquelas que giram em torno do culto aos demônios. Quer dizer, uma criança nascida dentro de uma dessas culturas é "programada" desde cedo com essa visão de mundo. Conseqüência: torna-se quase impossível para ela refletir livremente sobre a criação e tirar as devidas conclusões, curvando-se assim diante do Criador.

Novamente surge o problema da "justiça" de Deus. Como podia Ele criar uma raça que Ele muito bem sabia iria cair sob o domínio de Satanás, e como conseqüência nasceriam pessoas que seriam "programadas" por suas culturas e que ficariam quase sem condições de corresponder à luz da criação, pagando por isso o preço de passar a eternidade no Lago de Fogo? Como pode? Não sei. Deus não explica. Quando Deus não explica uma coisa dessas, temos só duas opções: aceitar ou rejeitar, nos rebelar contra Ele ou nos curvar diante dEle. Existem coisas que pertencem à soberania de Deus e quem entre nós for sábio as deixará com Ele! Não é isso que é declarado em Deuteronômio 29.29:

"As coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus"? Não temos o direito de entender tudo e nem a obrigação de explicar tudo. Parece-me ser a mensagem central do livro de Jó: no fim Deus não explicou, não satisfaz a perplexidade de Jó. Ele disse em outras palavras, "Eu sou grande e você é pequeno, eu sou o Criador e você não tem condições de discutir comigo" (capítulos 38 a 41). E ficou por isso. Jó saiu-se bem porque reconheceu sua pequenez e calou a boca (Jó 40.3-5, 42.1-6).¹

Quando introduzimos nossas idéias humanistas em qualquer questão é para mostrar mais uma vez a "queda" idólatra do nosso coração. Vejamos o caso de criancinha que morre; vai para o Céu ou para o inferno? A Bíblia não diz; simplesmente silencia perante esse assunto. (Nossas versões nos despistam ao traduzir "**dos** tais é o reino dos céus" em Mateus 19.14, Marcos 10.14-15 e Lucas 18.16-17; a tradução correta seria "**de** tais . . . ". Obviamente não é verdade que só criança entra no Reino, que parece-me ser o sentido natural da frase "dos tais . . . "; adulto também pode. A "Corrigida" nos despista quando traduz Marcos 10.15 por "receber o reino de Deus como menino"; a "Atualizada" está melhor quando diz "como uma criança". O que o Texto está dizendo é que um adulto tem de receber o reino assim como uma criança o recebe, que parece-me ser o sentido natural da frase "de tais . . . ". Criança é

¹ Foi isso que me ensinaram no Seminário a respeito do caso, mas agora entendo de forma diferente. Na palavra do próprio Deus, Jó era o melhor aluno que Ele tinha cá em baixo. Quando você é o 'melhor' em qualquer área, não tem mais com quem aprender, os outros que aprendam contigo. Aí a tendência é estagnar. Mas Deus viu que Jó tinha a capacidade de subir; só que para isso foi preciso 'amassar' o pacote teológico de Jó e seus amigos. E funcionou, Jó subiu! Jó 42.5: "Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos".

simples, criança é literalista, criança aceita cegamente a palavra dos pais. Também o Texto não diz que toda criança será salva, outro sentido aparente da frase "dos tais . . . "; versa sobre mentalidade ou atitude, "de tais".)

Pensar na condenação de uma criancinha nos é insuportável; então declaramos que criancinha que morre vai para o Céu. Será? Você já parou para pensar nas implicações? Se criança nasce "salva" mas depois não se submete a Cristo ela "perde a salvação"? O fato é que a maioria das pessoas não confia no Senhor Jesus pelo perdão dos pecados, e portanto vai para o inferno. Não seria melhor matar uma criancinha enquanto "salva" para evitar que ela cresça e fique condenada? Permitir que alguém fosse para o inferno quando poderíamos seguramente evitar esse desfecho (matando enquanto criança) seria uma maldade muito grande! Que tipo de sádico se prestaria a uma coisa dessas?! Que tal? Vamos matar todas as crianças? É claro que essa proposta é absurda! É igualmente claro que Deus não aceitaria semelhante "solução" para o problema, porque Ele mesmo proíbe o assassinio! É mais provável que matar uma criança não garantiria sua salvação pois é duvidoso que alguém nasça "salvo". Aliás, é possível entender Romanos 5.12 e Salmo 51.5 no sentido de que nascemos pecadores. E se "o salário do pecado é a morte" (Romanos 6.23), uma criança que morre está recebendo o salário de que? Apenas quero mostrar que nosso humanismo não resolve o problema. Dito e feito tudo temos que deixar o assunto com a **soberania** de Deus.¹

¹ Nos textos que tratam do assunto, a presciência sempre vem antes da predestinação. Para um Ser eterno, o tempo é irrelevante. Quanto a um bebê morto, Deus sabe as decisões que ele teria tomado se vivesse.

No entanto, estou plenamente convicto de que podemos confiar em nosso Deus – Ele sabe o que faz e um dia, uma vez glorificados, haveremos de entender a razão das coisas. Vejam o que está encravado exatamente no meio dos dez mandamentos, aquilo que foi gravado nas tábuas de pedra: "visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos" (Êxodo 20.5-6)! Já parou para pensar? Vale dizer que a misericórdia de Deus é 250 vezes maior que a punição! De Adão até aqui talvez não tenha havido 300 gerações ainda – a misericórdia de Deus é praticamente inesgotável. Pode confiar na justiça de Deus, meu irmão, pode confiar.

Já ouvi comentar uns dois ou três casos na história das missões modernas onde Deus fez milagre para garantir que o conhecimento do Evangelho de Jesus chegasse a alguém que aparentemente fazia jus à luz da criação. O caso de Cornélio (Atos 10) quase chega a ser um exemplo bíblico, mas ele estava cercado de judeus e certamente não estava limitado à luz da criação. (Pessoalmente, suponho ser exatamente assim que Deus faz frente aos eventuais casos onde alguém corresponde adequadamente à luz da criação. Remove céu e terra, se preciso, mas faz chegar a luz maior, e necessária, do Evangelho.) Muito bem, mas observe por favor que jamais no mundo devemos basear nossa estratégia missionária em dois ou três raríssimos casos. Certamente Jesus, Jeovah Filho, sabia que eventualmente poderiam surgir tais raríssimos casos, mas ao dar suas ordens nem sequer mencionou a possibilidade. Ao traçar suas estratégias missionárias o Senhor Jesus mandou pregar o Evangelho a cada pessoa. Vamos obedecer?

SEGUIR O EXEMPLO DE JESUS

Para completar vejamos as palavras do Senhor Jesus que encontramos em João 20.21, palavras endereçadas aos discípulos. "Disse-lhes pois Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós." Como muitas vezes acontece, o "segredo" está nas pequenas palavras, no caso "assim como". "Assim como" o Pai me enviou – e como foi, como fez o Pai? Melhor, como fez o Filho ao ser enviado? Ele ficou em casa, para assim dizer? Deixou sua "casa", deixou sua "terra", veio parar por aqui. E que fez Ele por aqui? Encarnou-se, se fez gente, identificou-se conosco. "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (João 1.14). Mais ainda do que o Apóstolo Paulo, Jesus é o exemplo mor daquilo que um missionário transcultural deve ser e fazer. Foi Ele que de mais longe veio; foi Ele que mais se humilhou. (Aliás, diga-se de passagem, quando alguém escolhe uma carreira missionária para passar melhor do que passaria de outra sorte, dá margem para dúvida; qual seria a motivação verdadeira?).

Como temos visto, as ordens e estratégias missionárias de Cristo implicam em trabalho **transcultural**, necessariamente. As 2.000 etnias sem obreiro e os 2,5 bilhões de pessoas por ouvir representam precisamente um desafio transcultural; para que sejam alcançadas alguém terá que transpor uma barreira de língua e cultura. Ao enfrentar esse tipo de trabalho devemos seguir o exemplo de Jesus, que nos fornece certas atitudes básicas. Todas as outras estratégias que já comentamos atingem a todo o povo de Deus, e algumas talvez sejam mais importantes para os que ficam do que para os que vão aos campos, mas esta estratégia diz

respeito primordialmente ao missionário. Se bem que, pensando com mais cuidado, pode ser que achemos aplicações bastante práticas também para os que não saem de sua cidade. Vejamos pois as atitudes básicas.

Identificar-se

O Verbo "se fez carne e habitou entre nós". Jeovah Filho aceitou o corpo preparado (Heb. 10.5), identificou-se efetivamente conosco. Pensando no tempo e no local específicos, Jesus comeu o que o povo comia, falou a língua que eles falavam, andou como pobre em meio de pobres, enfim, vestiu a pele daquela gente. Temos também o exemplo do Apóstolo Paulo. Ele declara seu procedimento em 1 Coríntios 9.20-22:

Tornei-me como que judeu para com os judeus para ganhar judeus, sob lei para com os sob lei para ganhar os sob lei, sem lei para com os sem lei (. . .) para ganhar os sem lei. Tornei-me como que fraco para com os fracos para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos para por todos os meios salvar alguns.

Aí nos versos 24 e 25 Paulo cita o exemplo de atletas que se submetem a certas disciplinas para alcançar a meta.

Fica claro que Paulo procurava identificar-se com o povo, ou as pessoas, que ele estava querendo ganhar para Cristo. Na história das missões transculturais modernas tem havido muita falha nesta área. Muitas vezes o missionário não tem sido sensível para com a cultura, e até mesmo a língua, do povo que ele objetiva. Qualquer falha desnecessária (às vezes têm aspectos da cultura que são objetivamente pecaminosos, coisas que a Bíblia claramente condena, e aí o porta-voz de Cristo não pode participar) diminui a eficiência do obreiro, pois atrasa a aceitação dele pelo povo o que

fatalmente acarreta atraso na aceitação do Evangelho. Se o povo rejeitar o mensageiro rejeitará a mensagem que ele leva também. O efeito estratégico desta atitude é de tanto alcance que merece mais atenção da nossa parte.

Procurar "Renascer"

A maneira mais fácil de aprender a língua e a cultura de um povo é como criança, nascendo no meio deles. Sucede que nós não temos mais essa opção, temos que começar nossa carreira missionária já adultos. Contudo, creio que devemos colocar como meta como que "renascer" na língua e na cultura do povo objetivado. Quer dizer, devemos nos esforçar conscientemente no sentido de dominar a língua e a cultura do povo, ver se um dia eles nem nos consideram mais como sendo "de fora". Para tanto será necessário abrir mão da nossa cultura, enquanto estivermos entre eles. Não seria questão de rejeitar a própria cultura, pois quando voltar para sua própria terra terá que "voltar" à cultura também. A gente se torna bilíngüe e bicultural, ou às vezes trilíngüe e tricultural, e até mais. Mas enquanto no meio do outro povo devemos fazer por onde entender e assumir a cultura deles – é uma tática importante visando ganhá-los para Cristo.

Muito bem, imaginemos que Deus dê à gente a incumbência de fazer discípulos entre um povo que até aqui nunca ouviu de Cristo. E agora, como fazer? Por ser um povo que nunca foi estudado por pesquisadores de fora e por ser uma língua que nunca foi escrita, não existirá escola no mundo inteiro que ofereça um curso sobre essa língua ou cultura. O único "remédio" que tem é se deslocar até lá e pedir licença para morar no meio deles. Quase sempre existe contato pacífico com pelo menos um povo vizinho,

e mediante uma língua franca da região deve ser possível falar do seu desejo e receber permissão (nem sempre dada com entusiasmo). Tentar contato com um grupo arredio exige muita prudência e sabedoria, e a direção específica de Deus.

Viver numa aldeia indígena, por exemplo, é um outro mundo – comida diferente (às vezes bem diferente), "casa" de palha ou pau-a-pique, costumes diferentes e até constrangedores, falta de higiene (pelo menos ao nosso ver), e um idioma tão difícil e complexo que a gente facilmente perde a esperança de um dia poder comunicar o Evangelho a contento através dele. É uma "parada" dura, sem sombra de dúvida, mas o apóstolo tem que enfrentá-la. O próprio povo vai testar sua disposição de identificar-se com eles. Em nosso caso a esposa e eu fomos "obrigados" a comer a larva que se acha no tronco podre de uma certa palmeira (eles comem cru mas ainda permitiram que frigíssemos!). Disse "obrigados" entre aspas porque eles não teriam apelado para a força física (mas já houve caso onde a "prova" foi imposta a pulso), mas quais teriam sido as consequências de uma recusa nossa? Seríamos reprovados, já que tratava-se de uma prova. Teria sido uma derrota para nós, pois na melhor das hipóteses (poderia haver reação violenta) eles diriam: "Sendo assim, vocês ficam para lá e nós ficamos para cá!". Por mais que nos esforcemos, no início seremos estranhos e diferentes, mas interessa sobretudo fazermos por onde diminuir a barreira cultural que nos separa do povo, **diminuir** e não aumentar.

A chave que abre o coração de um povo é sua língua materna. Apóstolo que se preze não descansará enquanto não dominar o idioma do povo objetivado. Enquanto não

dominar, continua sendo um elemento estranho, de fora. Pior ainda, um missionário que não domina a língua do povo condena o Evangelho também a ser sempre estranho, uma coisa de fora. Como pode? A língua do povo é a chave que abre o coração; aí do porta-voz de Cristo que não der o peso devido a este fator!

Parece-me que a falha mais generalizada no comportamento missionário é identificação a menos: por falta de preparo, orientação ou disposição o obreiro fica aquém da meta. Pode parecer uma contradição da minha parte, mas pode ser que alguém faça uma identificação muito seletiva que acabe sendo prejudicial – suponho que o prejuízo decorra da falta de uma visão global exatamente porque a pessoa não se deu ao trabalho de aprender a língua e cultura de forma abrangente. É fácil "sentir as dores" de um povo, se empolgar com problemas sociais, com questões políticas e econômicas, mas todo cuidado é pouco.

Cuidado com Questões Políticas e Econômicas

Conseguir um domínio razoável de uma língua e cultura (numa situação pioneira) costuma levar pelo menos dois anos, e olha lá. Diante da frustração de não ter condições de transmitir a Palavra de Deus durante esse tempo, é fácil ver nos problemas de ordem política ou econômica uma válvula de escape, uma maneira de "ajudar" o povo. Mas aqui também sua ignorância quanto à cosmovisão do povo representa uma armadilha. É mais provável que acabe tentando impor "soluções" que devem sua "validade" à sua própria cosmovisão mas que não são sensíveis à deles – é um tipo de imperialismo ou paternalismo. É necessário atentar também para o perigo de criar dependências. Às

vezes a pessoa cai na armadilha de forma "inocente", sem refletir nas implicações. Mas hoje em dia se propaga uma interpretação "social" do Evangelho, uma hermenêutica marxista que se impõe à Bíblia (quando não é ideologia marxista pura e simples), que ensina que é exatamente e de preferência na área social que o missionário deve concentrar seus esforços, fale ou não a língua, entenda ou não a cultura.

Todo cuidado é pouco! Nosso ponto de vista deve ser teocêntrico e não antropocêntrico. Não cair na asneira de servir a interesses egoístas, e nem criar esperança falsa! Qualquer atividade nossa que parte de pressupostos humanistas ou materialistas vai dar "com os burros nágua". Interesse egoísta é interesse egoísta, seja lá de quem for. O Evangelho de Cristo não existe para atender a nossos interesses egoístas; existe sim para atender à **glória de Deus**. Vejamos a doutrina de Jesus.

Primeiro vejamos as palavras dEle registradas em Mateus 5.38-41:

Ouvistes que foi dito: "olho por olho" e "dente por dente". Eu, porém, vos digo que não resistais ao malfeitor; mas a qualquer que te bater na face direita, volta-lhe também a outra; e ao que quer litigar contigo e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa; e se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.

Já pensou? É uma doutrina um pouquinho difícil de se por em prática, será que não? Mas aí está. Convida comentário maior o caso da segunda milha. No império romano, em qualquer país subjugado, um soldado romano podia obrigar um cidadão desse lugar a carregar seu bernal uma

milha (os romanos colocavam marcos nas estradas de milha em milha). Ora vejam! Que situação mais injusta e humilhante! Coisa de conquistador e explorador! Por que Jesus não mandou cuspir na cara do soldado e lutar para libertar a terra da opressão imperialista?

Em Mateus 22.17-21 Jesus ensinou pagar tributo a César, César o conquistador, César o explorador, César o injusto. Em Lucas 12.14-15 alguém pediu que Jesus tomasse partido numa questão de interesse particular, e Ele apenas aproveitou o ensejo para enunciar princípios fundamentais capazes de transformar vidas e sociedades, mas esses princípios têm que ser abraçados de livre e espontânea vontade; não podem ser impostos a pulso.

Agora vejamos Lucas 7.18-22. João Batista enviou homens para perguntar diretamente a Jesus se Ele era o Messias. Após presenciarem muitas curas, Jesus disse (verso 22): "Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres anuncia-se o Evangelho." Aos pobres anuncia-se o Evangelho. Nada de distribuir espadas, de levantar contra o governo, de gritar por uma distribuição mais eqüitativa dos bens materiais. Aos pobres anuncia-se o Evangelho. Agora, nesta mesma passagem Jesus demonstrou claramente sua compaixão perante o sofrimento físico das pessoas – curou a todos os enfermos que o procurassem. Curar, sim; meter-se em encrenca política ou econômica, não.

Obviamente não podemos dizer que Jesus não tinha fibra; sabia inclusive usar violência. Em João 2.14-17 Ele fez uso de violência física para "purificar" o templo. Paulo, em Atos

13.6-11, foi "violento" no caso de Elimas. Poderíamos dizer que Pedro foi "violento" com Ananias e Safira (Atos 5.1-10) e com Simão (Atos 8.18-24). Essas reações enérgicas da parte do Senhor Jesus e dos Apóstolos sempre se deram em defesa de princípios espirituais, nunca questões econômicas ou políticas. Um princípio bíblico relevante é que as autoridades são de Deus (por mais estranho que às vezes pareça) – ver Romanos 13.1-2 e 1 Pedro 2.13-18, entre outras. Quem prega ódio e violência não é de Deus. Aliás, é impossível ser marxista e cristão ao mesmo tempo, são ideologias antagônicas (há muitos anos encontrei-me no gabinete do Secretário de Missão da IECLB e ouvi-o dizer, cheio de prazer e satisfação, que estavam empenhados em bolar uma igreja que abrigasse harmoniosamente ao mesmo tempo "cristão" e marxista – olho vivo, minha gente!).

Quero deixar bem claro que meus dizeres a respeito de envolvimento em questões políticas e econômicas se restringem à atuação de um missionário no meio de um povo do qual ele não é nativo. Dentro da nossa própria sociedade podemos e devemos nos preocupar com a realidade econômica e política, agindo de maneira responsável.

Humilhar-se

Outra atitude básica exemplificada pelo Senhor Jesus está declarada em Filipenses 2.5-8:

Haja em vós a mesma atitude que houve também em Cristo Jesus, que, embora subsistindo em forma de Deus, não intentou apegar-se ao ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo assumindo a forma de escravo, tornando-se em semelhança de homens; e sendo

achado em figura humana humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte, inclusive morte de cruz!

Humilhou-se a si mesmo! Quem não aceitar ser humilhado simplesmente não serve para missionário. Aliás, o egoísta, o orgulhoso, o soberbo pouco prestará em canto algum, dentro do reino de Deus, pois a Bíblia é clara: "Deus resiste aos soberbos" (Tiago 4.6 e 1 Pedro 5.5). Ensoberbecer-se é maneira certa de fazer de Deus seu opositor e nenhum servo de Cristo deve sequer pensar em se dar a esse "luxo". Mas no que diz respeito a trabalho transcultural nem é opção – o missionário será humilhado, quer queira quer não, e várias vezes ao dia.

Quando fomos dar início a nosso trabalho entre os Apurinã, tanto a esposa como eu tínhamos curso de pós-graduação. Alguém poderia imaginar que fomos à selva ensinar alguma coisa ao índio. Bem, talvez um dia, mas no início tínhamos que aprender com eles, pois na selva o mestre é o índio – nossos graus pouco resolviam. Numa cultura reduzida cada pessoa tem seu papel, sua função, sua posição e é previsível que o povo procurará colocar a gente num "nicho" também. Quem levar assistência médica pode entrar no nicho de curandeiro; quem levar mercadorias pode ser visto como patrão, etc. Mas o primeiro papel que a gente pega é de aprendiz, aprendiz de língua e cultura. E daí? É que aprendiz de língua e cultura é papel de criança! Ainda me lembro bem. Fazia pouco tempo que estávamos na aldeia quando alguém disse para mim: "Gilberto, que é que você tem? Nossas crianças com cinco anos de idade já estão falando nossa língua perfeitamente bem e você aí, grande desse jeito, não consegue falar. Qual é teu

problema?!" Confesso que doeu um pouco, e isso aconteceu mais de uma vez. Minha esposa também sofreu – tinha uma das mulheres que gostava de zombar de suas tentativas de falar; mas segurava no pé dela, não perdoava mesmo! Muitas vezes deixava a esposa angustiada, coitada, ao ponto das outras mulheres ficarem revoltadas com aquela. Não é fácil.

Muitas vezes as pessoas pensam no índio (no caso) como sendo aquela figura exótica, esquisita, diferente, mas quero dizer que quando a gente primeiro chega por lá, nós é que somos os diferentes, esquisitos e exóticos. É melhor que um circo! Tem uma platéia constante a observar tudo que a gente faz e tem – observar e comentar! Intercalam seus comentários com risadas (quando não gargalhadas), e a gente entendendo "patavina" – quer dizer, sabe que é a nosso respeito que estão rindo, mas não entende as palavras. O espaço permitisse, poderia colocar experiências várias, mas creio não ser necessário. Podem ter certeza que ignorância da língua e cultura imporá humilhações diárias ao missionário. Fora isso não faltarão também outras coisas a testar nossa humildade. É imprescindível termos "a mesma atitude que houve também em Cristo Jesus".

Limitar-se

Em Mateus 15.21-28 encontramos um relato que me comove. Uma mulher cananéia clamou a Jesus pedindo libertação para a filha. Ele sequer respondeu. Como ela não parou de clamar os discípulos pediram uma providência. Aí Jesus disse: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (verso 24). Com isso deu-se uma conversa entre a mulher e Jesus onde ela dá um exemplo

de humildade e fé quase sem igual nas Escrituras, e ganhou sua "migalha". Mas interessa no momento é a declaração do Senhor Jesus que está no verso 24 – no seu ministério terreno Ele se limitou, concentrou-se no esforço de alcançar um só povo. Ele deixou cair umas poucas "migalhas" para os outros, mas não chegou a interromper sua atuação junto ao povo de Israel. Foi na cruz que Ele ia "atrair todos" (João 12.32), mas pouco antes de dizer isso, aparentemente negou-se a receber uns gregos (João 12.20-23), embora estivesse a poucos dias dessa cruz.

Missionário transcultural precisa saber se limitar, momentaneamente se for trabalho pioneiro. Será duro e demorado, mesmo se concentrar seu esforço para alcançar um só povo. Se fracionar ou diluir seu esforço, dificilmente conseguirá ganhar o povo objetivado. Tem havido caso de brasileiro intentar alcançar uma tribo indígena do país onde por falta de preparo e orientação adequados não suportou a frustração de passar meses a fio sem poder evangelizar (não dominando a língua); aí foi evangelizar os civilizados que moravam na região e agora tem igreja entre eles, mas entre os índios ainda não. Por isso também, ao meu ver, trabalho pioneiro entre povos não-alcançados não poderá ser realizado por "fazedores de tendas", i.e. pessoas que vão a outro país para exercer uma função profissional – o ofício apostólico exige esforço integral.

É questão de propósito e incumbência. Se Jesus me manda fazer discípulos entre uma etnia, então é essa a minha incumbência. Sucede que lidar com um povo minoritário sempre implica em enfrentar um terreno minado. Sempre os povos minoritários são explorados pelos majoritários. Sempre existem preconceitos de raça, de religião, de

cultura, de qualquer coisa – sempre! Sempre existem choques de interesses, interesses comerciais, políticos, pessoais, etc. – sempre! Lidar com povo minoritário é um terreno minado. A aldeia onde fomos morar ficava a uma hora, selva adentro, de uma vila (hoje sede de município) à beira do rio Purus. Quando escolhemos morar na aldeia o pessoal da vila tomou como insulto, não gostaram nem um pouquinho (pois nossa presença viria valorizar e proteger um povo que eles vinham desprezando e explorando). Mas a nossa incumbência era alcançar a aldeia e não a vila, mesmo porque já existia igreja evangélica na vila (com a qual não deixamos de colaborar). Se tivéssemos escolhido ficar na vila seria interpretado pelos índios como uma identificação com os exploradores, com os perpetradores de toda sorte de desgraça, e com isso iríamos criar uma barreira psicológica que nos atrapalharia durante bastante tempo. Mesmo contra o nosso gosto, às vezes somos obrigados a "tomar partido", obrigados pelo terreno estragado que existe e pelo próprio povo que queremos atingir. É questão de propósito e incumbência.

Cabe aqui mais uma observação. Exatamente devido a esses terrenos estragados, muitas vezes um estrangeiro terá melhor aceitação do que um cidadão do país, junto a uma etnia minoritária, precisamente porque não está implicado nos atritos da região. Em muitas áreas do mundo, povos vizinhos vêm se digladiando há séculos e existem ódios e rancores que só Deus pode sanar – num contexto assim uma pessoa obviamente "de fora" pode encontrar mais facilidade do que uma outra que poderia ser "dos inimigos". Para complicar, o clima político a nível nacional costuma ser o contrário – o estrangeiro pode ser melhor aceito a nível tribal mas encontra rejeição a nível nacional,

às vezes. Não tenho solução a propor, a não ser o uso das nossas armas espirituais; no momento só quero alertar para a problemática. Devemos andar prevenidos, e dispostos a aceitar limitações.

Respeitar

Para sustentar esta atitude não tenho uma passagem bíblica a citar. No entanto é uma coisa óbvia que está implícita no identificar-se. Precisamos entender que cultura é necessária. Na sua essência cultura é o conjunto das normas de trato e procedimento que uma comunidade adota. Só não precisa de cultura quem estiver sozinho num deserto ou numa ilha perdida no oceano. Nenhuma cultura é totalmente boa, e nem totalmente má. O uso da expressão "cultura pagã" pode levar as pessoas a imaginar que uma tal cultura seja totalmente imprestável, que não é o caso. Se comemos com garfo, colher, pauzinhos ou dedos, nada tem a ver com moral; se dormimos em cama, rede ou chão, idem. Muitas coisas nas culturas são neutras, moralmente falando; apenas são costume. No momento que duas ou mais pessoas querem viver pacificamente numa área, tem que existir cultura.

Missionário transcultural precisa saber respeitar a cultura do povo objetivado. Não deve chegar querendo impor mudanças. O Evangelho não se impõe. O próprio Deus não quer saber de culto fingido, de "obediência" forçada (pelo menos nesta era da graça) – Ele quer culto sincero, obediência que brota do coração. Quando logramos impor alguma mudança a um povo, mas que eles não entendem ou que não representa convicção deles, além de criarmos

hipócritas, é arriscado criarmos um vácuo na cultura. Quando o povo larga uma prática por imposição nossa o propósito ou a função dessa prática cai no vazio, com conseqüências quase sempre negativas.

Em todo caso, se achar que tem que mexer numa prática, por favor, procure saber a razão primeiro. É quase inevitável que o missionário vai ver práticas que ele acha absurdas, imorais, horrendas, até criminosas. Que fazer? Procure saber a razão! Vamos dar apenas um exemplo. Em muitas culturas indígenas do Brasil, e de outros países também, quando uma mulher dá à luz, quem faz "resguardo" é o pai! Ele cai no fundo da rede e lá fica, uma semana ou duas – já a mulher tem que levantar e trabalhar como de costume. Imagino que você possa achar isso um absurdo, talvez chegue a se revoltar até.

Suponhamos que você resolva "moralizar" essa situação; avança em cima do homem, chama de tudo quanto é nome, tanto fala e tanto faz que ele acaba levantando e indo trabalhar. Bom, acontece que teria sido interessante entender o porque desse procedimento. É que eles crêem que de uma maneira misteriosa, nos primeiros dias de vida de um filho, quaisquer energias que o pai consegue poupar são transferidas para o filhinho, garantindo assim a saúde e o bemestar da criança. Se você acredita ou não é fator irrelevante – é assim que **eles** crêem, e é por isso que o homem age dessa forma. Pois bem, vejamos agora as seqüelas de sua interferência: se por infelicidade a criança adoecer, o pai será responsabilizado (ele privou seu filho das forças necessárias para enfrentar a vida), e se por desgraça maior a criança vier a morrer, aí ele é tido por assassino. Tem mais uma: quando um homem faz resguardo

assim, ele está reconhecendo a legitimidade do filho; se não fizer, é como que dizer para a comunidade: "Sei lá onde ela arrumou, mas não foi comigo!". Os reflexos sociais são sérios e vão longe.

Irmãos, é melhor não mexer; é melhor deixar por conta do Espírito Santo. Vamos nos esforçar para fornecer a Palavra de Deus o quanto antes para que eles possam se converter e chegar a ser verdadeiros discípulos de Jesus. Aí eles também terão o Espírito Santo na vida e Ele se encarregará de cobrar as mudanças necessárias. Quando procedemos dessa forma acontece o seguinte: Ele deixa em paz algumas coisas que nós queríamos mudar e altera outras que nem nos incomodaram. Com isso cada cultura retrata a graça de Deus de forma um pouquinho diferente, que nem as facetas de um brilhante.

Infelizmente, na história missionária têm havido casos onde missionário provocou estrago na cultura do povo (cabe observar de passagem que certos tipos que mais gostam de criticar os missionários costumam eles mesmos provocar estragos maiores e piores quando lidam com povos indígenas). Missionário pode provocar algum estrago, tem acontecido, mas ele não destrói culturas, como às vezes é acusado. É importante fazermos uma distinção entre missionário e Evangelho. O Evangelho não destrói cultura, e nem mesmo danifica – o Evangelho **aperfeiçoa** cultura, qualquer uma, inclusive a nossa. Um missionário eventualmente pode fazer algum mal, mas o Evangelho só faz bem. Precisamos urgentemente criar consciência e sensibilidade no sentido de distinguir e separar entre o que é Palavra de Deus e a nossa própria cultura religiosa. Muita coisa que pregamos e ensinamos tem base bíblica escassa, quando

não inexistente. Vamos pregar o **Evangelho**, meus irmãos, e não nossa cultura religiosa!

Devemos comentar mais uma coisa aqui. Temos que respeitar a cultura do povo objetivado, mas ao mesmo tempo temos que confrontar o reino das trevas. Devemos nos identificar com o povo, exceção feita a práticas que a Bíblia condena. Já que o missionário está lá precisamente a fim de oferecer uma cosmovisão diferente, não deve comprometer essa cosmovisão. O culto aos espíritos malignos é ingrediente central de muitas culturas. Precisamos de discernimento espiritual para separarmos coisas "neutras" de coisas diretamente relacionadas com os espíritos. Nem sempre é fácil distinguir.

Tenho citado Hebreus 2.14 várias vezes, mas o período inclui o verso 15 também, que traz uma verdade triste mas de grande importância para nós. Em **todas** as culturas dos homens o medo da morte escraviza as pessoas. Muitas práticas se prendem ao intuito de afastar a morte – é impressionante ver quantas vezes tais práticas resultam em morte (lembrar que um dos passatempos de Satanás é levar as pessoas à morte). Por exemplo, muito derramamento de sangue resulta da suspeita de feitiço; mata-se o "responsável" para evitar que ele mate. Poderíamos encher a página de exemplos. Não posso oferecer uma fórmula mágica para dirimir as dúvidas. Novamente tenho que me contentar em alertar para a problemática. Peçamos a Deus discernimento e respeito!

Preparar-se

O Senhor Jesus passou trinta anos preparando-se para três anos de ministério público. Trabalho transcultural pioneiro

é pelo menos dez vezes mais difícil e demorado que evangelismo comum (i.e. na sua própria língua e cultura). É isso mesmo, dez vezes mais, e estou sendo moderado. Além do mais, mesmo com o melhor preparo e a melhor orientação disponíveis, o obreiro que enfrentar uma situação transcultural fatalmente sofrerá "choque cultural". Choque cultural é um mal-estar emocional e psicológico que resulta quando alguém mergulha numa língua e cultura estranha, desconhecida. Nosso equilíbrio psicológico depende muito do conhecido, da rotina, do previsível – ao nos encontrarmos numa situação onde é tudo estranho, onde não entendemos nada, onde não conhecemos as regras de comportamento ficamos desorientados, ficamos "doentes". Sempre recomendo ao novel missionário que não fique mais que três meses na primeira estadia na aldeia (no caso) – deve sair para um contexto mais conhecido e reaver o equilíbrio psicológico. O obreiro tem que estar avisado para não ficar desesperado, imaginando que esteja perdendo a sanidade. Cada vez que volta à aldeia sente menos choque.

Por tudo isso declaro e insisto que para trabalho transcultural o obreiro precisa receber preparo especial e específico. Mandar um missionário para outra terra sem tal preparo é um ato irresponsável, é um crime, pois o coitado vai sofrer desnecessariamente e será muito menos eficiente e produtivo do que poderia ser; e o risco de fracasso é bem maior. Um bacharelado em teologia não resolve – preparo bíblico ou teológico é necessário, mas não é o suficiente. É preciso receber as ferramentas técnicas para enfrentar outras línguas e culturas, inclusive partindo da estaca zero se necessário.

Sei que alguém vai pensar na volta de Cristo e a provável escassez de tempo. Se Jesus vem aí, até aonde devemos "perder" tempo com preparo? Baseado em tudo que sei acerca do assunto, eu quase diria que todo preparo é pouco, mas obviamente se não sobra tempo para trabalhar o preparo perde a razão de ser; temos que achar um meio termo. Imaginemos que de alguma maneira Deus nos desse uma revelação segura dizendo que Jesus voltaria daqui a cinco anos. Assim ficaríamos sabendo que tínhamos só cinco anos para terminar de fazer o que ainda resta para fazer. Digamos que tenha dois jovens com idade, preparo bíblico (três anos de seminário), disposição e capacidade nativa mais ou menos iguais. Todos os dois sentem que devem tentar alcançar uma das etnias não-alcançadas.

Um diz: "Puxa vida, Jesus vem aí; só temos cinco anos; não posso perder mais um minuto com preparo; lá vou eu!", e se manda. Já o outro diz: "Puxa vida, Jesus vem aí; mas não tenho condições de enfrentar um trabalho pioneiro; vou pegar as ferramentas primeiro." O segundo passa dois anos pegando preparo específico. Pois nos três anos que restam ele fará mais efeito do que o primeiro faz em cinco – o primeiro fica lá se batendo sem saber como fazer. Se o prazo for maior a vantagem do segundo aparece cada vez mais. Sem um nível mínimo de preparo específico, quase não adianta seguir para o campo.

Implicações

Temos que criar uma nova mentalidade nos meios evangélicos, mentalidade que reconhece a realidade de trabalho transcultural. Às vezes não estamos acostumados com trabalho demorado e oneroso. Se um pastor resolve abrir

um ponto de pregação para ver se surge uma congregação, o que ele faz? Escolhe um jovem, talvez um seminarista, para liderar a equipe e tocar o trabalho. Dentro de poucas semanas o pastor já quer ouvir de resultados: "Graças a Deus houve três conversões hoje; já ganhamos cinco almas," etc. Certo? Se passar dois meses sem resultado aparente o que acontece? O pastor tira aquele e coloca outro, será que não? Se a mesma igreja enviar um jovem para um trabalho transcultural, e se ele escrever uma carta após um mês, essa carta não vai cantar as almas ganhas não; vai versar mais ou menos assim: "Graças a Deus ainda estou com vida; escapei até aqui! Já consegui aprender cem palavras," etc. É um outro mundo.

Creio que um médico cirurgião pode entender o negócio. Sacar o apêndice de alguém é uma operação simples (se não supurou) que custa relativamente pouco. Já um transplante de coração é uma operação bastante complexa, delicada e cara – e exige muito mais preparo e capacidade da parte do médico. Creio que um engenheiro civil também pode entender. Construir uma casa é uma coisa; erguer um prédio de vinte andares é **outra** coisa – o tempo, a perícia, o material não se comparam! Quero dizer que trabalho transcultural pioneiro é como o prédio ou o transplante, é mais demorado e custa bem mais caro que evangelismo por aqui, e exige mais preparo. Se vamos levar a sério as ordens de Cristo, temos que assumir essa realidade.

Quero contar a história dos colegas que trabalham com a tribo Lacandon no sul do México. Deram início à obra por volta do ano 1940, creio, e os anos foram passando. Passaram cinco anos de esforço e luta, e nada – nenhum índio se converteu! Agora eu pergunto, quem agüentaria dar duro

por cinco anos sem ver resultado? E qual a igreja que agüentaria mandar dinheiro mensalmente durante cinco anos sem ouvir de resultado? Mas eles agüentaram e os mantenedores também, e lá se foram mais cinco anos, e nada – nenhum índio se converteu! Como pode? Quem agüenta uma coisa dessas? Sabe lá como, eles agüentaram, e os mantenedores também; e lá se foram **mais** cinco anos, e nada! Nada mesmo, nenhum índio se converteu! Já imaginou? Como agüentar uma coisa dessas? Por incrível que pareça, "seguraram a barra", e os mantenedores também! Se a memória não me falha, no décimo sexto ano varreu o Espírito Santo por lá e grande parte da tribo converteu-se quase de uma só vez, no décimo sexto ano! E se eles tivessem desistido após dez anos, alguém criticaria? Graças a Deus não desistiram, e a safra veio! É claro que esse caso foi um exemplo fora de série; felizmente não costuma ser tão demorado assim, mas pode ser, e precisamos estar preparados para pagar o preço.

Como disse no começo do capítulo, esta estratégia se aplica primordialmente a trabalho transcultural, mas não exclusivamente. Quem for da classe média e quiser alcançar uma favela vai enfrentar tudo que apresentei aqui, só que em grau menor. Têm outras sub-culturas – os roqueiros, os toxicômanos, as prostitutas, etc. – que exigem uma abordagem específica. Depois têm os descendentes das diversas colônias – a mentalidade alemã difere da italiana, e da japonesa, e da libanesa e assim por diante – cada grupo requer uma abordagem específica. Além de tudo isso, todo mundo deve estar por dentro desta estratégia pelo seguinte. Os que não farão trabalho transcultural pessoalmente precisam entender o que os outros enfrentam, para poder orar inteligentemente, compreender, encorajar, incenti-

var, sustentar, conscientizar, enfim. Todo mundo deve participar ativamente, de alguma forma, no cumprir da Grande Comissão.

Como `ouvir` o Espírito Santo

Claramente, para começar, você tem que ter o Espírito Santo, antes de poder ouvi-Lo. Então, como alguém pode obter o Espírito Santo?

Permita-me dar a que eu entendo ser a sequência de eventos envolvidos no recebimento de uma nova vida em Cristo:

1) Eu creio para dentro de Jesus. O Texto sempre traz ‘crer para dentro de’ (εἰς) Jesus ou Seu nome, nunca ‘crer em’ (εἰν). Refere-se a uma mudança de localização, de estar fora de Cristo para estar nEle. Essa mudança envolve compromisso e uma mudança de cosmovisão.

2) Ele me batiza com Espírito Santo. Mateus 3.11, Marcos 1.8 e Lucas 3.16 todos têm o Batizador dizendo que Jesus batizará as pessoas com Espírito Santo. Em João 1.33 o próprio Deus diz isso. Então, quando e como Jesus faz isso? Presumo que depois do Pentecostes Ele o faz a partir da Sua posição à direita do Pai (1 Pedro 3.21-22), e o faz assim que uma pessoa crê para dentro dEle. Cornélio oferece um exemplo concreto.¹ (Por favor, veja meu artigo, “Batismos na Bíblia”, o último capítulo neste livro.)

3) O Espírito Santo me regenera, dando-me uma nova natureza.

¹ “A **Ele** todos os profetas dão testemunho de que mediante Seu nome todo aquele que crê para dentro dEle recebe perdão de pecados.” Enquanto Pedro ainda falava estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem (Atos 10.43-44). Essa era a informação crucial que eles esperavam, o que precisavam fazer para serem salvos. No momento em que Pedro disse: “crê para dentro de Jesus”, eles creram! E o Espírito Santo desceu sobre eles!

4) Provavelmente ao mesmo tempo, Ele me batiza para dentro do corpo de Cristo. 1 Coríntios 12.12-13 explica que é o Espírito Santo quem nos batiza para dentro de Cristo: “. . . assim também é o Cristo. Porque todos nós também fomos batizados para dentro de um só corpo por um só Espírito.” A referência principal aqui é provavelmente à Igreja como sendo o corpo de Cristo.¹

5) Então o Espírito Santo passa a residir dentro de mim, e meu corpo se torna Seu templo (1 Coríntios 6.19). É o Espírito Santo dentro de mim quem me ajuda e me capacita a apropriar-me dos benefícios que a vitória de Cristo na cruz projeta para mim.

Por que iria, ou deveria, alguém querer ‘ouvir’ o Espírito Santo? Presumivelmente para receber instrução e orientação, com o objetivo de segui-la ou obedecê-la. Em João 4.23-24, o Soberano Jesus disse que o Pai está procurando aqueles que O adorarão em espírito e em verdade. Adorar “em verdade” exclui a mera curiosidade. Precisamos estar comprometidos em obedecer antes de sabermos qual é a ordem. Tiago 1.5-8 afirma claramente que Deus geralmente não responde a uma pessoa de mente dividida. Não podemos brincar com o Soberano do Universo!

Como podemos saber quando o Espírito Santo está lidando conosco? Depende da intimidade e do relacionamento. Em João 15.14-15 (no cenáculo) Jesus disse: “Vocês são meus amigos se fizerem tudo o que eu lhes ordeno. Já não vos chamo

¹ Uma referência secundária poderia ser ao corpo físico de Jesus. Se nos tornarmos parte do corpo de Jesus, então tudo o que aconteceu com esse corpo aconteceu conosco. Se esse corpo morreu, nós morreremos. Se foi enterrado, nós também. Se foi ressuscitado dentre os mortos, nós também o seremos. Correção – já temos uma nova vida em Cristo e devemos viver nessa base.

escravos, porque o escravo não sabe o que seu dono está fazendo; antes, tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer”. Incrível, o Soberano nos oferece o privilégio de sermos Seus amigos, mas primeiro temos de ser Seus escravos, fazendo tudo o que Ele nos ordena. Um proprietário partilhará o seu sonho, a sua ‘grande ideia’ com um amigo, mas não necessariamente com um escravo. Agora considere o Salmo 32.8-9: “Instruir-te-ei e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; Eu te guiarei com meu olho. Não seja como o cavalo ou como a mula.” Morde-duras e chicotes causam dor física, e vezes em demasia é assim que Deus tem que tratar conosco. Ser guiado pelo olho de alguém requer intimidade, e desenvolver intimidade requer tempo. Para desenvolver intimidade com o Espírito Santo, devemos gastar tempo lendo a Sua Palavra e pedindo-Lhe que nos instrua enquanto o fazemos. Para ser guiado pelo olho de alguém, você tem que prestar atenção nesse olho.

“Tudo o que eu lhes ordeno” — antes de Deus nos dar mandamentos individuais, temos que viver de acordo com os padrões estabelecidos nas Escrituras. A Revelação escrita de Deus é o ponto de partida e é expressamente chamada de “espada” do Espírito Santo (Efésios 6.17), e Ele a usa de várias maneiras (1 Timóteo 3.16-17, Hebreus 4.12). Tiago 1.22-25 compara a Palavra a um espelho, só que este espelho nos diz a verdade sobre nós mesmos e, portanto, é desconfortável. Ordens individuais são reservadas para escravos e amigos. Visto que um escravo existe para fazer o que seu dono ordena, é do próprio interesse do dono ter certeza de que o escravo sabe o que deve fazer. Um escravo tem que saber o que deve fazer, mas não será necessariamente informado por que o proprietário deseja que ele faça isso. Para saber o que devemos fazer, devemos pedir especificamente para sermos orientados.

De passagem, deixe-me dizer que nem sempre estou cheio do Espírito, mas nunca estou sem Ele. Isso é importante. Se você pedir a Ele para avisá-lo quando você estiver em perigo ou prestes a fazer algo que não deveria, Ele geralmente o fará. Creio que foi Oswald Chambers quem escreveu sobre os ‘alertas’ do Espírito; Ele te ‘alerta’ ou avisa quando você precisa. Certo dia, um ex-colega meu estava caminhando por uma trilha na selva amazônica quando sentiu o Espírito dizer-lhe para parar, e ele o fez. Ele olhou ao redor e para baixo e viu uma cobra muito venenosa no caminho à sua frente. Se ele não tivesse parado, teria sido picado. Além dos ‘alertas’ do Espírito Santo, todos nós precisamos de discernimento, e o Espírito Santo dá discernimento. Precisamos desenvolver o hábito de sempre pedir a Ele discernimento e orientação sempre que nos deparamos com uma situação em que precisamos. Dependendo do nosso nível de intimidade, às vezes o recebemos sem pedir.

Também de passagem, como evitar tornar-se um ‘odre velho’? Muitas ‘igrejas’ começaram com ‘vinho novo’, mas não continuaram a crescer. Eles adotaram um procedimento habitual e, por sua vez, tornaram-se “odres velhos”. Eu diria que a única maneira de evitá-lo, seja como indivíduo ou como grupo, é ouvir constantemente o Espírito Santo enquanto lemos a Sua Palavra. Devemos estar abertos à mudança e de fato mudar, à medida que Ele chama a nossa atenção para as coisas. **No entanto**, isso nos tornará imprevisíveis.

Lembre-se do que o Soberano Jesus disse a Nicodemos em João 3.8: “O vento sopra onde quer, e tu escutas o seu som, mas não sabes de onde vem ou para onde vai. Assim é com cada um que foi gerado pelo Espírito”. Observe que o Senhor está dizendo aqui que somos **nós** que devemos ser

imprevisíveis, como o vento ou o Espírito (“vem” e “vai” estão no tempo presente). Se você estiver realmente sob o controle do Espírito, fará coisas inesperadas, assim como Ele faz. E isso fará de você uma *persona non grata*.

Como assim? Bem, nenhuma denominação ou escola religiosa pode tolerar alguém que ouve e obedece ao Espírito Santo. Todas essas instituições estão comprometidas com um ‘pacote’ doutrinário específico,¹ e o Espírito Santo não gosta de pacotes; Ele não pode ser colocado em uma caixa. Nenhuma escola desse tipo pode tolerar um aluno, ou um membro do corpo docente, que ouve e obedece ao Espírito Santo. Uma das condições para fazer parte do corpo docente é respeitar os colegas: o respeito pelos colegas supera o respeito pelo Espírito Santo. O que quero dizer é que ouvir o Espírito Santo tem um preço. Não espere aprovação humana. João 12.43 refere-se a algumas pessoas que “amavam mais o louvor dos homens do que o louvor de Deus”, e ele não estava elogiando.

Além disso, há a questão de morrer para si mesmo. Em 1 Coríntios 15.31 Paulo escreveu: “Eu morro todos os dias”. Paulo não poderia estar se referindo à morte física, obviamente, já que Hebreus 9.27 afirma que está determinado aos homens morrerem apenas uma vez (não há reencarnação). Ele bem que pode ter enfrentado uma possível morte com bastante frequência, mas suponho que ele esteja se referindo a morrer para si mesmo, para as suas próprias ambições, ideias e desejos, de modo a abraçar a vontade de Deus. Lembre-se do que o próprio Senhor Jesus disse em Lucas 9.23. “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.” Cerca de 13% dos manuscritos gregos acrescentam

¹ A sobrevivência financeira da instituição pode depender de ‘ficar na linha’.

“diariamente”, como na maioria das versões, mas se você a tomar, você a terá. Parece que ficar sem cruz não é uma opção para quem segue Jesus. Naqueles dias, uma cruz representava a morte; assim como Paulo, Jesus não estava falando sobre morte física.

Depois, há Romanos 12.1-2:

Agora pois, irmãos, exorto-vos pelas compaixões de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus – a vossa obrigação inteligente. Sim, porem de se amoldar ao padrão deste mundo; antes, transformem-se pela renovação de vossa mente, para que possam experimentar a vontade de Deus – que é boa, gratificante e perfeita.¹

Qualquer animal no Antigo Testamento tinha que morrer para se tornar um sacrifício; então o que quer Paulo dizer com “vivo”? Você vive ‘morrendo’. ‘Apresentar o corpo’ deve ser uma metonímia dizendo respeito ao ser inteiro (se Deus leva o corpo, o resto vai junto).

Agora considere Romanos 8.14, “tantos quantos são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus”. Eita, espere um minuto; não foi isso que me ensinaram no seminário! O Texto diz que para ser filho de Deus você deve ser guiado pelo Espírito de Deus! O versículo 12 é dirigido aos “irmãos”, e o versículo 13 diz que viver segundo a carne resulta em morte. Mas alguém que vive segundo a carne obviamente não está sendo guiado pelo Espírito. Você não pode morrer a menos que esteja vivo; observe também o “se de fato” no versículo 17. Para ser guiado pelo Espírito Santo, você tem que ouvi-Lo!

¹ “O padrão deste mundo” pertence a Satanás, e portanto tem de ser rejeitado para poder fazer a vontade de Deus.

Considere também Gálatas 5.16-18:

Por isso digo: andem no Espírito, e jamais cumprirão qualquer desejo desordenado da carne. Porque a carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito, o que é contrário à carne – eles se opõem mutuamente – segue-se que não devem fazer o que possam desejar. Contudo, sendo de fato guiados pelo Espírito, não estão debaixo de lei.

O que a ‘carne’ quer te faz mal; o que o Espírito quer te faz bem. Ser guiado pelo Espírito não significa estar debaixo de uma lista de regras; é um relacionamento.

Caminhar é dar uma sequência de passos individuais. Na caminhada física não pensamos nos passos individuais, eles são ‘automáticos’, a menos que circunstâncias incomuns nos obriguem a fazê-lo. Eu diria que andar no Espírito é semelhante. Todos temos responsabilidades e compromissos que ocupam a maior parte do nosso tempo, mas um compromisso com Cristo e o Seu Reino deve ser o nosso fator de controle. Todas as manhãs entrego a mim mesmo e às atividades do meu dia ao Espírito Santo e peço Sua proteção e direção. Eu então faço a coisa lógica e razoável dentro do meu contexto, exceto que peço expressamente ao Espírito Santo para me ‘alertar’ quando necessário.

Considere também 1 Tessalonicenses 5.19: “Não extingam o Espírito!” Quando você extingue uma vela acesa, você extingue sua luz. Extinguir o Espírito é presumivelmente ‘extinguir’ ou rejeitar a Sua luz, suprimir ou ignorar a Sua voz quando Ele fala conosco – isto incluiria qualquer rejeição da vontade revelada de Deus.

Para recapitular:

- 1) Havemos de **ter** o Espírito Santo, antes de podermos ouvi-Lo.

- 2) Havemos de estar dispostos e prontos para obedecer.
- 3) Havemos de manter um relacionamento ativo com Ele.
- 4) Havemos de estar abertos à mudança e de fato mudar, à medida que Ele chama a nossa atenção para as coisas.
- 5) Havemos de morrer para nós mesmos.

Contentamento

O que é ‘contentamento’? É estar tranquilo e satisfeito dentro da situação em que você se encontra. O nosso intuito aqui é estudar o que a Bíblia diz a respeito. Creio que iremos constatar que o que Deus espera de nós é estarmos contentes com o suprimento das coisas físicas que recebemos: o que comer, o que vestir e um abrigo básico. Quanto a crescimento espiritual, utilidade para o Reino e o sofrimento, o que Deus espera é diferente. Essas questões serão consideradas uma por uma.

Suprimento material: Podemos começar com 1 Timóteo 6.6-10:

“Ora, a piedade com contentamento é sim grande fonte de lucro. É que nada trouxemos para este mundo, e é manifesto que dele nada podemos levar. Tendo, pois, comida e roupa, havemos de ficar satisfeitos com isso. Já os que querem enriquecer caem tentação adentro, bem como em laço e em muitos desejos estúpidos e nocivos, que mergulham as pessoas na ruína e na destruição; porque o amor ao dinheiro é uma raiz de todo tipo de males; levados por essa cobiça, alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas angústias.”

O verso 7 faz lembrar Lucas 12.15-21, a parábola do homem rico que só pensava em amontoar dinheiro. Repito aqui a conclusão: “Mas Deus lhe disse: ‘Tolo! Esta mesma noite a tua alma te será tomada de volta;¹ então quem ficará com as coisas que preparaste?’ Assim mesmo é aquele que acumula tesouro para si e não é rico para com Deus.” “Assim mesmo”

¹ “Tomada de volta” – temos a vida como um empréstimo, uma fiança, e uma prestação de contas será cobrada.

= “Tolo!” Ser rico para com Deus significa investir no Reino dEle. É isso mesmo; levar daqui ninguém pode, mas se você pertence a Jesus, pode enviar na frente, investindo no Reino de Deus por aqui.

O verso 8 faz lembrar Mateus 6.31-33, palavra do Soberano Jesus: “Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?’ Porque os pagãos procuram todas essas coisas, e vosso Pai celestial sabe que vocês necessitam de cada uma delas. Antes, busquem primeiro o Reino de Deus e Sua retidão moral, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas.” As ditas “estas coisas” são comida, bebida e roupa – o básico. Jesus não promete luxo, e nem sempre ‘conforto’. A exata maneira em que o buscar primeiro do Reino funcionará na prática será diferente de pessoa em pessoa.

No verso 10, o amor ao dinheiro é apenas uma raiz, não ‘a’ raiz. Amor ao dinheiro é apenas uma das causas que levam as pessoas a praticar o mal. Quanto às ‘angústias’, como bem diz o Texto, “o caminho do transgressor é duro” (Provérbios 13.15). Lembrar que o Soberano disse: “Não podem servir a Deus e a Mamom” (Lucas 16.13). Alguém que muda de Deus para Mamom provavelmente nunca mudará devolta. A ‘angústia’ final vai ser o Lago de Fogo.

Comentando o trecho todo, deve ser óbvio que o Texto não está ensinando ficar à toa fazendo nada. 2 Tessalonicenses 3.10 e 12: “Se alguém não quer trabalhar, também não coma!” Ora, quem fica sem comer acaba morrendo. Trabalhar é obrigatório. Agora o verso 12: “Exortamos por nosso Senhor Jesus Cristo que trabalhem em silêncio e comam o seu próprio pão”. Ora, para comer teu próprio pão, você tem que ganhá-

lo primeiro. Para ganhar o teu pão será necessário pegar o trabalho disponível, não ficar esperando um ‘trabalho digno’. Se não comer enquanto estiver esperando, vai morrer!

Aliás, parece que Deus não gosta de preguiçoso. “Seis dias trabalharás” está dentro dos Dez Mandamentos (Êxodo 20.9). O livro de Provérbios critica o preguiçoso várias vezes. A primeira está em 6.6: “Vai ter com a formiga, ó preguiçoso; olha para os seus caminhos, e sê sábio”. Onde moro eu mesmo tenho uma luta constante com as formiguinhas: elas não param nunca! Existem outros textos sobre o assunto, mas já comentei o suficiente.

Agora vejamos Filipenses 4.11-13:

“Não estou dizendo isso por estar necessitado, pois já aprendi a contentar-me em toda e qualquer circunstância. Sei o que é estar apertado, e sei o que é ter abundância; em todo lugar e em cada circunstância tenho sido instruído, tanto a comer bem como a passar fome, tanto a ter abundância como a passar necessidade. Posso enfrentar qualquer coisa por Cristo que me fortalece.”

No verso 11 Paulo diz que teve que **aprender** o contentamento, logo não é uma coisa automática, e nem mesmo fácil. No verso 13 Paulo não está alegando ser todo-poderoso (‘tudo posso’), mas a graça de Deus é suficiente para enfrentar qualquer coisa que aparecer. Essa graça é dada caso por caso, e às vezes temos de pedi-la.

Vejamos também Hebreus 13.5:

“O modo de vida deve ser sem amor ao dinheiro, e contentem-se com o que vocês têm, porque Ele mesmo disse: ‘Jamais te desampararei; jamais te abandonarei.’”

Que maravilhosa promessa! A referência é a Deuteronômio

31.6 e 8. No verso 8 Moisés disse isso a Josué, mas no verso 6 Moisés o disse a todo o povo. Então, a promessa vale para qualquer pessoa que estiver vivendo em função do Reino.

Crescimento espiritual: Podemos começar com Efésios 4.11-13:

Sim, Ele próprio deu uns para apóstolos, uns para profetas, uns para evangelistas, uns para pastores e mestres,¹ visando o equipar dos santos para a obra do

¹ Podemos imaginar que esta lista segue a sequência cronológica dos diversos ministérios. Um apóstolo introduz o Evangelho a uma área ou um contexto; um profeta atrai a atenção do povo e um evangelista exorta o povo a crer; mas uma vez que têm pessoas regeneradas são os pastores e mestres que entram em cena – são eles que equipam os santos. Contudo, na prática, mormente na situação de um missionário pioneiro, dificilmente têm tantas pessoas no lugar. O missionário prega o Evangelho e compete a ele ensinar os primeiros convertidos; ele está só. Um missionário pioneiro, o primeiro a introduzir o Evangelho a um grupo étnico ou uma área, tem uma função apostólica (quer seja mesmo um apóstolo, quer não). Mas ele tem que funcionar como evangelista e mestre também (quer tenha esses dons, quer não).

No entanto, a maioria de nós moramos e trabalhamos onde existem congregações estabelecidas e funcionando. Então, qual seria a função de um apóstolo dentro de uma congregação já funcionando? Se ele mora e comunga naquela comunidade, provavelmente nenhuma, nessa capacidade específica – poderia funcionar como mestre ou profeta. Num país, ou numa região, onde não existe mais trabalho pioneiro a ser feito, o exercício da função apostólica seria itinerante, funcionando como emissário de Deus, um interventor divino, para propósito de disciplina e correção.

E quanto a evangelista; qual seria a função dele dentro de uma congregação estabelecida? Bem, faria sentido evangelizar alguém que já foi regenerado? É evidente que a função evangelística se direciona a não-crentes, que não deveriam ser membros da congregação (embora possam ser). É claro que um evangelista poderia funcionar também como

ministério para a edificação do corpo de Cristo, até atingirmos todos a unidade da fé e do real conhecimento do Filho de Deus, um homem completo, resultando na plena estatura de Cristo;

O verso 13 enfatiza a verdade no verso 12 – o alvo é que cada crente alcance a plena estatura. Só porque ficamos aquém de dado alvo não invalida aquele alvo. Enquanto não alcançamos “a plena estatura de Cristo”, não devemos parar de crescer.

pastor ou mestre. Um evangelista deveras ungido funcionará além dos limites de uma congregação local.

Quanto à função profética, começarei com a questão de revelação sobrenatural ou informação não disponível nos canais existentes. (1 Coríntios 14.3 fala de ‘edificação’, ‘exortação’ e ‘conforto’ sendo proferidos por profeta, mas não tratarei disso aqui.) Entendemos que o Cânon das Escrituras Sagradas está fechado; Deus não mais está dando revelação escrita que é de aplicação geral ou universal. Mas isso não significa que Deus parou de tratar de situações específicas. Direção divina é um tipo de profecia; Deus está dando informação que não tem outra maneira de saber. Eu mesmo já recebi uma profecia entregue por alguém que não tinha a mínima ideia de quem eu era, e não foi no contexto de uma congregação local. A função de profeta verdadeiro não pode ser limitada a uma congregação. Aliás, Deus pode utilizar um profeta a nível de cidade, de estado ou até mesmo de país. O nosso mundo está precisando desesperadamente de vozes proféticas.

Um mestre normalmente reside numa comunidade específica, mas o seu ministério pode ser mais abrangente. A função de um pastor é local, assim como ele foi escolhido e ordenado num local. É um simples fato que alguém com coração de pastor nem por isso será um bom mestre, e um mestre de mão cheia pode não ter coração de pastor. As funções devem se complementar, e o objetivo é fazer com que todos os crentes verdadeiros sejam envolvidos no trabalho do ministério. A vida em Cristo não deve ser como um espectador assistindo um jogo!

Agora vejamos Lucas 10.27:

De repente, um certo interprete da Lei levantou-se para testá-lo dizendo, “Mestre, o que preciso fazer para herdar vida eterna?” Aí Ele disse-lhe: “Que está escrito na Lei? Como a lê?” E respondendo ele disse: “Amarás o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de toda a tua força, e de toda a tua mente, e, o teu próximo como a ti mesmo”.¹ Aí Ele disse-lhe, “Respondeste corretamente; faz isso e viverás!”

Notar que Jesus concordou com ele. Quem atentar para Deuteronômio 6.5 poderá observar que lá só constam três componentes do homem, ao passo que aqui em Lucas 10.27 são quatro. A resposta que dou é que o terceiro vocábulo hebraico tem uma área semântica tão abrangente que em grego foi considerado necessário utilizar dois vocábulos para tentar cobrir a mesma área semântica. O que está sendo dito é que devemos amar o nosso Deus com todo o nosso ser, com tudo que somos e temos. Deve ser óbvio que não é para parar com isso nunca.

Vejamos também João 14.21-23:

Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama. Ora, quem me ama será amado por meu Pai; e eu o amarei, e me revelarei a ele.” Disse-lhe Judas (não o Iscariotes), “Senhor, o que aconteceu que estás para te manifestar a nós e não ao mundo?” Jesus respondeu e disse a ele: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra. E meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos morada com ele.”

¹ Ver Deuteronômio 6.5 e Levítico 19.18 – para incluir o ‘próximo’, ele foi obrigado a citar um livro diferente.

No verso 21 o Senhor nos fornece uma orientação importante quanto à maneira que o crescimento espiritual funciona: nosso amor leva a nossa obediência; nossa obediência leva ao amor dEle; o amor dEle leva à auto revelação dEle. Você consegue amar alguém que nem conhece? Talvez na teoria, mas não na prática. Quanto mais você conhece alguém, tanto mais você ama esse alguém (principalmente se é pessoa agradável). Quanto mais conhecemos o Senhor, mais O amamos, o que produz obediência, o que leva Ele a se revelar a nós, o que aumenta nosso conhecimento dEle, o que aumenta o nosso amor por Ele, o que aumenta a nossa obediência, o que aumenta a auto revelação dEle, o que aumenta o nosso conhecimento, e assim por diante. É um espiral para cima, que nos leva cada vez mais perto dEle. Tem um ‘pequeno’ senão: se pararmos, Ele também para.

Agora o verso 23: Ora que coisa! Você entendeu? Sempre fomos ensinados (corretamente) que o Espírito Santo mora no crente verdadeiro, mas aqui Jesus disse que o Pai e o Filho podem fazer morada em nós também. Quer dizer, todas as três pessoas da Trindade! No entanto, há uma condição – devemos guardar a palavra de Jesus, que é também do Pai (verso 24). A prova necessária de que amamos Deus é obedecer a Sua palavra; o que estimula o amor dEle para nós. Parece haver um sentido em que nós influenciemos a manifestação do amor de Deus, pelo menos. A resposta para a pergunta de Judas é que o ‘manifestar’ é de Um para um, e o ‘gatilho’ é a obediência da pessoa. É por isso que o mundo fica fora.

Vejamos também Mateus 13.12: “Pois quem quer que tenha, a ele mais será dado e terá em abundância;¹ mas quem quer

¹ Mas ele terá de prestar contas de tudo.

que não tenha, até o que tem lhe será tirado.” O crescimento espiritual é algo como subir um auge de bicicleta sem freio; se você parar de pedalar, começa a retroceder. Temos que estar sempre aprendendo e crescendo; se pararmos, começamos a perder.

Utilidade para o Reino: O nosso crescimento espiritual tem tudo a ver com a nossa utilidade para o Reino, óbvio. Depois, quando você entender que Deus tem uma direção específica para a tua vida, você deve fazer o possível para se preparar para esse ofício. Cada vida representa um potencial, e a realização plena desse potencial só pode ser alcançada se a vida for levada em prol do Reino de Cristo na terra. Quando alguém joga fora esse potencial, escolhendo um caminho inferior, é motivo para tristeza, não para contentamento. A satisfação faz parte do contentamento, e não é para ficarmos satisfeitos com caminhos inferiores.

Existem também textos de aplicação geral:

1) “Busquem primeiro o Reino de Deus e Sua retidão moral” (Mateus 6.33). ‘Buscar’ é um processo, e é algo que todo cristão deve fazer.

2) Mateus 5.13-14: “Vocês são o sal da terra; mas se o sal se tornar insípido, com que se salgará? Para nada mais presta senão para ser jogado fora e ser pisoteado pelos homens.¹ Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte.” O ‘ponto’ é que tanto sal como luz são agressivos. Se colocar uma pitada de sal numa panela de arroz,

¹ ‘Cristãos’ que cedem diante dos valores e estilo de vida do mundo são como sal insípido – só servem para ser jogados fora. (Sal insípido era jogado no caminho, que ajudava a diminuir a poeira.) As implicações disto se tornam cada vez mais sérias no mundo de hoje.

tempera tudo. Escuridão é simplesmente a ausência de luz. Temos o dever de promover ativamente os valores do Reino em todos os ambientes onde trabalhamos.

3) 1 Timóteo 3.1-2: “Eis uma palavra fidedigna: se alguém almeja ser supervisor,¹ ele deseja uma boa obra. Agora, é necessário que o supervisor seja irrepreensível, mulher única tipo de homem,² moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro, apto para ensinar [e a lista continua].” O ‘ponto’ aqui é que essa ambição é declarada ser uma coisa boa. A longa lista de requisitos prévios serve para evitar que alguém o faça por mera ambição pessoal, e não visando o bem do Reino.

4) 1 Coríntios 7.20-21: “Que cada um continue na mesma condição em que foi chamado. Foi você chamado sendo escravo? Não se incomode com isso, mas se realmente puder se tornar livre, faça isso.” Não é para ficarmos aflitos perante a nossa condição social, mas se o Senhor abrir uma oportunidade para melhorá-la, creio que podemos (e devemos) aproveitá-la, assim como o escravo. Espera-se que essa melhora se traduza em benefício para o Reino. Existem outros textos, mas creio que podemos prosseguir.

¹ O termo aqui é comumente traduzido como ‘bispo’, mas hoje em dia um bispo é alguém que tem autoridade sobre um número de outros pastores/presbíteros/anciãos, ao passo que no NT esses quatro termos dizem respeito a um único ofício na igreja, aparentemente.

² A rigor, é isso que o Texto diz, enfatizando a qualidade – um homem que só tem uma esposa, mas que fica olhando outras mulheres, não se qualifica. Contudo, como o termo ‘mulher’ pode significar ‘esposa’ (tanto em grego como em português), e por causa da referência a filhos no verso 4, a maioria das versões traduzem como ‘esposa’. O termo ‘homem’ aqui diz respeito unicamente a machos; não há lugar para supervisor feminino.

Sofrimento: Creio ser óbvio que é difícil estar contente quando você está sofrendo. Depois, se é o próprio Deus que mandou o sofrimento, não é para ficar contente; é para aprender a lição que Ele está querendo nos ensinar. Vejamos Hebreus 12.5-11:

Já se esqueceram da exortação que vos instrui como a filhos: “Filho meu, não desprezes a disciplina do SENHOR, e não fiques desanimado quando por Ele fores repreendido; porque o SENHOR corrige a quem ama; aliás, açoita a cada filho a quem aceita”. Se estão passando por disciplina, Deus está vos tratando como filhos; pois qual é o filho cujo pai não disciplina? Mas se estão sem disciplina (da qual todos participam),¹ então são bastardos e não filhos. Além disso, tínhamos os nossos pais humanos como disciplinadores e os respeitávamos. Não nos sujeitaremos ao Pai dos espíritos,² para vivermos? De fato, aqueles nos disciplinaram, por pouco tempo, como bem lhes parecia; mas Ele o faz para o nosso bem, para que participemos de Sua santidade. Ora, nenhuma disciplina parece ser agradável no momento, mas sim penoso; mais tarde, porém, produz fruto pacífico de retidão moral, para os que por ela foram exercitados.

A citação é de Provérbios 3.11-12. Quando eu era menino, meu pai tinha um cavalo, uma criatura mansa, e um chicote de verdade para uso eventual. Acontece que o chicote era aplicado a mim mais do que ao cavalo (eu era peralta), e posso assegurar ao leitor que não era experiência agradável.

¹ Naquele tempo provavelmente não existia cultura dominada pelo humanismo relativista.

² “O Pai dos espíritos” – que ideia interessante! Todo espírito criado deve a sua existência a Ele.

Então, quando Deus nos açoita, também não será agradável; mas se acabamos participando de Sua santidade (ver o verso 10), valerá a pena. O verso 11 termina dando o ‘segredo’: temos de ser “exercitados” pela disciplina; isto é, temos de aprender a lição qualquer que o Senhor está tentando nos ensinar. Existem casos notórios, como a experiência de Jó e o ‘espinho’ de Paulo.

Existe também o problema das conseqüências dos pecados. Tudo na vida tem conseqüência; podem ser tanto boas como más, dependendo da causa. Passamos a vida vitimando e sendo vitimados. Vitimamos os outros com as conseqüências dos nossos pecados e somos vitimados pelas conseqüências dos pecados dos outros. Essa rua tem duas mãos, mas o fluxo não é igual nas duas. Obviamente uns pecam mais do que outros, e uns fazem mal aos outros de propósito. E o ofício entra na equação: quando chefe de família peca, a família sofre; quando pastor peca, a igreja sofre; quando prefeito peca, o município sofre; quando governador peca, o estado sofre; quando o presidente peca, o país sofre. E não há como escapar desse sofrimento, a não ser que Deus faça milagre em casos específicos. E tem mais uma: os pecados acumulam. Quando o ‘balde’ finalmente fica cheio (Gênesis 15.16), Deus determina a destruição da entidade, e quem estiver por perto sofre. O capítulo 45 de Jeremias trata de um caso desses. Baruque achava que merecia trato especial, mas os versos 4 e 5 nos dão a resposta de Deus.

E ainda tem a questão de ‘completar’ os sofrimentos de Cristo. Vejamos Colossenses 1.24: “Agora regozijo-me nos meus sofrimentos¹ por vocês, e no meu corpo vou comple-

¹ Confesso que ainda não alcancei esse nível espiritual, de regozijar-me em sofrimento.

tando as coisas que restam das aflições do Cristo, em favor do Seu corpo, que é a Igreja”. Transparece que o bemestar em seguimento da Igreja requer sofrimento da nossa parte (mas não podemos acrescentar nada à obra salvífica de Cristo), o suportar de aflição – Satanás e seus seguidores estão muito ativos neste mundo.

Vejamos também 2 Coríntios 1.5: “Porque assim como os sofrimentos do Cristo transbordam para dentro de nós, assim também o nosso encorajamento transborda por meio do Cristo”. Recebemos a nossa parcela de sofrimento, participamos nos sofrimentos de Cristo. Para o Reino de Deus crescer entre os homens, na medida que continuamos a desfazer as obras de Satanás no mundo, nós temos de sofrer. 1 Pedro 4.13 vincula esse sofrimento a nosso galardão: quanto mais sofremos em prol do Reino, maior será a recompensa.

Conclusão: O que é ‘contentamento’? É estar tranquilo e satisfeito dentro da situação em que você se encontra. O que Deus espera de nós é estarmos contentes com o suprimento das coisas físicas que recebemos: o que comer, o que vestir e um abrigo básico. Naturalmente Ele terá de suprir as coisas necessárias para fazermos o trabalho que Ele nos determinar. Quanto a crescimento espiritual, utilidade para o Reino e o sofrimento, o que Deus espera é diferente, como explicado acima.

Batismos na Bíblia

O nosso vocábulo ‘batismo’, e seu verbo ‘batizar’, são transliterações dos termos correspondentes no Novo Testamento grego. Vocábulos exatamente correspondentes em hebraico parecem não existir, de sorte que somos obrigados a basear este estudo no Novo Testamento, mesmo para batismos no Antigo Testamento. Agora, por que será que os tradutores, quer para português, quer para inglês, escolheram transliterar, em vez de traduzir? Porque, a exemplo do hebraico, não temos termos exatamente correspondentes que sirvam para uma tradução; se bem que, a esta altura, já fazem parte do nosso vocabulário. Este estudo dos batismos será organizado em três divisões: 1) na antiga aliança, 2) na transição, 3) na nova aliança.

Batismos na antiga aliança

1) Em 1 Coríntios 10.2 nossas versões dizem que o povo que saiu do Egito foi ‘batizado em Moisés, na nuvem e no mar’. A rigor, uma tradução mais acurada seria, “e todos foram batizados para dentro de Moisés, pela nuvem e pelo mar”. Mas, como assim? O povo estava identificado com Moisés, e essa identificação se traduziu em dependência e obediência. Sem Moisés, eles não teriam atravessado o mar, e tiveram que obedecer cegamente. Eles foram guiados e protegidos pela nuvem, mas debaixo da autoridade de Moisés. Uma identificação que se expressava em dependência e obediência poderia servir para uma definição do batismo cristão, pelo menos em parte.

2) Marcos escreveu para um público romano, e em 7.3-4 ele explica certos costumes dos judeus:

“Porque os fariseus, aliás todos os judeus, não comem sem lavar as mãos de forma cerimonial, seguindo a tradição dos anciãos. 4 Quando voltam do mercado, eles não comem sem se batizar. E têm muitas outras coisas que eles receberam e seguem – batismos de copos, jarros, utensílios de cobre e leitos.”

‘A tradição dos anciãos’ se baseava nas instruções escritas por Moisés que tinham a ver com purificação. Essa purificação se fazia com água. A ideia de purificação não é alheia ao batismo cristão.

3) A partir de informação extra bíblica (não está na Bíblia), sabemos que um gentio que se convertia ao judaísmo era batizado – era uma das exigências que tinha de cumprir. Esse batismo se fazia com água, mas existe dúvida quanto à exata maneira em que se fazia. Contudo, parece que representava uma declaração formal no sentido de que a pessoa estava mudando de religião, ou maneira de viver (inclusive no mundo pagão). Era um procedimento que acarretava consequências significativas nos âmbitos social e espiritual. Podemos entender que esse batismo serviu de pano de fundo para o batismo de João – o povo estava acostumado com a ideia.

Batismos na transição

1) Todos os quatro Evangelhos falam do ministério de João o Batizador. João começou seu ministério proclamando e oferecendo um batismo de arrependimento para perdão de pecados¹ (Marcos 1.4). Mateus e Marcos registram que os

¹ Existem pessoas que se contorcem perante o sentido claro do Texto: João estava oferecendo perdão de pecados. Pois então, durante o Antigo Testamento, quem trouxesse um animal como sacrifício estava confessando ser pecador, e esperando ser perdoado. Na condição de arauto

candidatos confessavam os seus pecados; claro, era dos pecados que estavam se arrependendo. Todos os quatro Evangelhos registram que João estava preparando o caminho do SENHOR. O próprio João afirmou que batizava com água, mas o Texto não diz a maneira que ele utilizou.

2) João batizou Jesus. Este foi um caso único que foge da natureza declarada do batismo oferecido por João. Jesus não tinha pecado; não tinha de que se arrepender; não precisava de perdão. E João não gostou: “Eu é que preciso ser batizado por Ti, e vens Tu a mim?” (Mateus 3.14). Como resposta Jesus disse a ele, “Deixa por agora, pois assim nos é apropriado cumprir toda retidão moral”. Essa resposta tem dado margem a uma variedade de interpretações, mas a verdade é que não precisamos interpretá-la, pois não é uma norma a ser seguida; foi um acontecimento *sui generis*.

3) João 3.22, 26; 4.1 e 2 mencionam que os discípulos de Jesus estavam batizando – João 4.2 deixa claro que o próprio Jesus não batizava. O Texto não nos oferece detalhes quanto à natureza desse batismo. Podemos imaginar que eles estivessem seguindo o exemplo de João, ajudando a preparar o caminho do SENHOR. A absoluta falta de detalhe deixa claro que esse batismo não se transformou em norma a ser seguida. Contudo, se é que estavam mesmo usando o batismo de João, esse batismo seguiu sendo usado, cá e lá, durante algum tempo, como fica claro a partir de Atos 18.25 e 19.3.

do Cordeiro de Deus, que iria providenciar o pagamento final e definitivo por pecado, João representava uma transição, do velho para o novo. Caso alguém pergunte, “Como poderia uma pessoa pagar pelos pecados do mundo inteiro?”, ofereço a possibilidade que segue: pagar uma dívida infinita requereria uma pessoa infinita, e Jesus era, e é, uma pessoa infinita.

4) Em Lucas 12.50 Jesus disse, “Tenho que passar por um batismo, e como estou angustiado até que venha a cumprir-se!” Quando Jesus respondeu ao pedido ambicioso de Tiago e João, Ele se referiu ao mesmo batismo (Mateus 20.22-23, Marcos 10.38-39). Parece dizer respeito a sofrimento dentro do Plano de Deus Pai. Respondendo a Tiago e João, Ele falou também do ‘cálice’, o mesmo que Ele mencionou em Getsêmani. Quanto a Jesus, o dito batismo se cumpriu na cruz em Gólgota, que foi antes da nova aliança. Quanto a Tiago e João, eles passaram por esse batismo mais tarde. Se a minha descrição desse batismo for correta, então ele existe até hoje (1 Pedro 4.19).

Batismos na nova aliança

1) João o Batizador disse que Jesus batizaria “com Espírito Santo e com fogo” (Lucas 3.16). Não têm faltado interpretações para esse dizer, mas parece-me a mim que o verso seguinte esclarece a questão. “Ele tem a pá de joeirar na Sua mão; e ele limpará completamente Sua eira, e ajuntará o trigo no Seu celeiro, mas queimará a palha com fogo inextinguível.” Ver também Mateus 3.11-12. Ora, o fogo inextinguível só pode ser o Lago de fogo e enxofre, a segunda morte, e nesse caso a ‘palha’ diz respeito às pessoas perdidas – são os perdidos que serão batizados com fogo.¹ Então o ‘trigo’ diz respeito às pessoas salvas – são os genuinamente salvos que serão batizados com o Espírito Santo. Mas como e quando Jesus nos batiza com o Espírito Santo? Ele o faz a partir da Sua posição à direita

¹ Segundo 1 Coríntios 3.11-15, as obras dos salvos serão provadas por fogo. Embora João certamente disse, “e fogo”, tanto Mateus (segundo 80% dos manuscritos gregos) como Marcos omitem a frase. Por que? Imagino porque eles estavam enfatizando o presente e o futuro próximo, ao passo que o ‘fogo’ faz parte do Juízo final.

do Pai (1 Pedro 3.21-22), quando cremos para dentro dEle. A partir dali, o Espírito Santo passa a habitar dentro de nós, e tem muito a ver com o nosso ‘novo homem’. Entendo que Atos 1.5 se refere a este batismo, e Atos 11.16 também, o que começou no dia de Pentecostes.

O caso de Cornélio merece seu próprio parágrafo. Cornélio queria **muito** conhecer a Deus e agradá-lo – ele era mais do que sério! Portanto, quando Pedro começou sua exposição, Cornélio prestou o máximo de atenção. Quando Pedro chegou ao “todo aquele que crê para dentro dEle¹ receberá perdão dos pecados”, Cornélio creu! Com isso Jesus o batizou com o Espírito Santo. Coitado do Pedro, Jesus o deixou para trás, e como Pedro disse mais tarde na sua defesa, “quem era eu para poder impedir Deus?” (Atos 11.17). Aí Pedro mandou trazer a água (Atos 10.47) – favor de notar a sequência: primeiro Espírito Santo, depois água!

Entendo que Marcos 16.16 se refere a este batismo. “Aquele que creu e foi batizado será salvo; mas aquele que não creu será condenado.”² Batismo com água não salva; não vai faltar pessoas batizadas com água no Inferno. O Texto diz que a pessoa que não creu será condenada, sem mencionar batismo; deve ser óbvio que Jesus não batizará quem não creu. Vamos repetir: deve ser óbvio que Jesus não batizará quem não creu! É a pessoa que crê de fato que recebe o Espírito Santo. Convém também lembrar que a comissão que Jesus proferiu aqui em Marcos foi dada na noite da Ressurreição, ao

¹ O Texto sempre diz ‘crer para dentro de’, nunca ‘crer em’ – é uma mudança de lugar que está em jogo, mudar do lado de fora para o lado de dentro, o que requer compromisso.

² No Texto, os verbos ‘crer’ e ‘batizar’ são participios no tempo passado – seria possível traduzir, ‘aquele tendo crido e tendo sido batizado’. Infelizmente, todas as versões que eu já vi colocam esses verbos no tempo presente, o que facilita pensar em termos de água.

passo que a comissão que Jesus proferiu em Mateus, que inaugurou o batismo cristão, foi dada semanas depois na Galileia. Aqui em Marcos o batismo cristão não existia ainda.

Declarei que batismo com água não salva; mas como, então, posso explicar Atos 2.38? “Arrependam-se e sejam batizados, cada um de vocês, sobre o nome de Jesus Cristo, para perdão de pecados, e receberão o dom do Espírito Santo.” Para começar, isto aconteceu no próprio dia de Pentecostes, e poderia ter sido algo como uma transição. Depois, o contexto é o rei da interpretação, e o contexto aqui é bastante específico, de modo que o dizer de Pedro não deve ser levado como sendo padrão genérico. Os versos 36 e 40 são determinantes para entender Pedro. “Portanto, que toda a casa de Israel fique sabendo, com absoluta certeza, que este Jesus a quem **vocês** crucificaram,¹ Deus O fez tanto Senhor como Cristo!” (verso 36). Então eles perguntaram o que deveriam fazer. Pedro concluiu com, “salvem-se desta geração perversa!” (verso 40). A ‘geração’ referida era a que havia crucificado o Messias. Por serem batizados sobre o nome de Jesus Cristo, eles estariam se desassociando daquela geração, bem como o juízo que estava vindo sobre ela. Este é o primeiro uso do título, Jesus Cristo, depois dos Evangelhos; o próprio Jesus havia inaugurado o título cinquenta dias antes (João 17.3) – o título afirma que Jesus é o Messias. Qualquer um sendo batizado sobre esse nome estaria declarando publicamente que estava aderindo a Jesus na condição de Messias. Pedro prometeu perdão de pecado e o dom do Espírito Santo a qualquer um que assumisse aquele **compromisso**. Qualquer um que fizesse isso estaria

¹ Nada como fazer tudo para que seu ouvinte entenda o recado! Mas por que “tanto Senhor como Cristo”? Talvez existissem uma variedade de ideias a respeito do Cristo, mas Pedro enfatiza que Ele é o Senhor.

crendo para dentro de Jesus, e com isso Ele o batizaria com Espírito Santo. Não foi a água que os salvou.

Entendo que 1 Pedro 3.21 também se refere a este batismo – o coitado do verso tem sofrido bastante às mãos de comentaristas. Como para a Arca de Noé não faltou água, os interpretes costumam levar a água para o batismo que segue, o que não procede; senão, vejamos. Os versos 19 e 20 mencionam certos anjos rebeldes nos dias de Noé, “enquanto se preparava a Arca; na qual poucas (isto é, oito) almas foram preservadas através d’água”. O verso 21 segue, que eu traduziria assim: “Agora é o antítipo disso [a Arca] que salva a nós também, um batismo através da ressurreição de Jesus Cristo; 22 o qual está à direita de Deus, tendo subido ao Céu, havendo sido sujeitados a Ele anjos e autoridades e poderes.” Mas, que batismo é esse? É Jesus nos batizando com o Espírito Santo. Assim como a Arca preservou as oito da água, o batismo com o Espírito Santo nos preserva de Satanás e seus subalternos. O leitor atento terá percebido que o verso 21 não está completo; deixei de incluir o aparte parentético explicativo: “(não a remoção de sujeira física, mas o apelo para dentro de Deus a partir de uma boa consciência)”. A rigor, o aparte deve ser inserido entre os vocábulos ‘batismo’ e ‘através’. Pedro deixa claro que não está falando de batismo com água.

No batismo de João, ele é o agente; no batismo de Cristo, Ele é o agente; um batismo onde o Espírito Santo é o agente é diferente. No batismo de João, o veículo usado foi água; no batismo de Cristo, o veículo é o Espírito Santo. No batismo de João, a pessoa ficou molhada, mas depois secou, de sorte que o sentido verdadeiro do procedimento era uma transação espiritual; quanto mais, então, no batismo de Cristo. Creio que podemos vincular o batismo onde Cristo é o agente a João 4.13-14 e 7.38-39. Primeiro, 4.13-14:

Jesus respondeu e disse a ela: “Quem quer que beba desta água tornará a ter sede, mas quem quer que beba da água que **eu** o darei jamais terá sede; antes, a água que eu o darei se tornará dentro dele numa nascente artesiana transbordando para dentro de vida eterna”.¹

Segundo, 7.37-39:

Jesus se levantou e bradou, dizendo: “Se alguém está com sede, que venha a mim e beba. A pessoa crendo para dentro de mim, assim como a Escritura já disse, do seu ser interior fluirão rios de água viva.”² (Ora, Ele disse isso a respeito do Espírito, que os crendo para dentro dEle iriam receber,³ sendo que o Espírito Santo ainda não havia sido dado, porque Jesus ainda não havia sido glorificado.)

Em outras palavras, quando Jesus te batiza, você é regenerado, você recebe uma nova natureza, você recebe o Espírito Santo.

¹ É isso que o Texto diz, “para dentro de vida eterna”. Vida eterna é uma qualidade de vida, para ser mais preciso, é uma vida em comunhão com o Pai. O quadro não seria de um gêiser, necessariamente, jogando água para o ar, mas deve existir um flux constante. Ao passo que a nossa capacidade aumenta, o volume do fluxo deve aumentar também. É claro que a água deve ser compartilhada com outros, caso contrário, estagnamos.

² Mas, exatamente aonde a Escritura diz isso, e por que ‘rios’ (plural); um não seria suficiente? Bíblias com referências darão uma variedade de sugestões, nenhuma das quais ‘bate’. Pessoalmente, entendo que a referência é a Ezequiel 47.1-12, e especialmente ao verso 9, onde o Texto hebraico diz ‘dois rios’ (ou torrentes) – quando aquele rio chegou ao Mar Morto, parece que se dividiu, para poder correr por ambas as margens ao mesmo tempo. Água viva leva vida e saúde por onde passar. Então, quanta água viva está fluindo a partir de mim, ou de você? O segredo daquela água é dado no verso 12: “a sua água [das árvores] flui a partir do santuário”. Comparar com 1 Coríntios 6.19.

³ Quando você crê para dentro de Jesus, você recebe o Espírito Santo.

Efésios 4.5 fala de “um Senhor, uma fé, um batismo”. Mas como todos sabem, existem vários batismos na Bíblia, e mais que um na era da Igreja. O único candidato adequado para esse “um batismo” é aquele em que Jesus Cristo, o único Senhor, é o agente. Quem não foi batizado por Jesus não faz parte da Igreja.

2) O texto principal para o batismo cristão, assim chamado, é a Grande Comissão em Mateus 28.18-20:

E aproximando-se, Jesus declarou-lhes dizendo: “Foi me dada toda a autoridade no céu e sobre a terra. Ao irem,¹ façam discípulos em todas as nações étnicas: batizando-os para dentro do nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;² ensinando-os a obedecerem todas as coisas que eu ordenei a vocês;³ e atenção, eu permaneço com vocês todos os dias, até o fim da era!”⁴ Amém.

A ordem é fazer discípulos, não meramente ganhar almas. E como se faz discípulo? Os dois gerúndios explicam: ‘batizando-os’ e ‘ensinando-os’, o que deve ser feito por pessoas que já

¹ O ‘portanto’ que se encontra em todas as versões, se baseia em talvez 5% dos manuscritos gregos, mas é uma inferência lógica.

² O nosso Senhor define a Trindade aqui. Segundo a gramática grega, o uso de ‘e’ mais o artigo definido com itens em série deixa claro que os itens são entidades distintas. Com isso, “o Pai” é diferente de “o Filho” que é diferente de “o Espírito Santo”. Portanto, temos três pessoas. Mas Jesus também disse, “do nome”, singular, não ‘nomes’. Portanto, temos somente um nome. Deus é um ‘nome’, ou uma essência, subsistindo em três pessoas.

³ O “vocês” aqui diz respeito aos Onze (verso 16), de sorte que eles receberam a incumbência de repassar todas as ordens que Jesus havia dado a eles. Para sermos discípulos de Jesus, havemos de fazer tudo que Jesus mandou os Onze fazerem – isto inclui curar enfermos e expulsar demônios, além de pregar o Evangelho.

⁴ Como “a era” ainda não terminou, Jesus permanece conosco. Muito obrigado, Senhor!

são discípulos de verdade. O que nos interessa aqui é o batizar. O veículo é água, como no batismo de João, mas os agentes são discípulos de Jesus. E este batismo é para ser ministrado para dentro do nome da Trindade, o que representa uma revelação nova a respeito da natureza de Deus. Representa também uma nova 'religião', bem diferente das que se conheciam até ali. No AT temos referências veladas, que olhando para trás podemos associar à Trindade, mas aqui temos a primeira declaração clara a respeito (ver a nota). Mas que significa ser batizado para dentro do nome da Trindade?

O nome de uma pessoa representa essa pessoa. Fazer uma coisa 'em nome do rei' significa que é ordem desse rei; quem falou está representando o rei (ou alegando fazê-lo). Pois então, que significa ser batizado para dentro da Trindade? Bem, se você está dentro da Trindade, você fica protegido por Ela, pois qualquer coisa que queira te atingir tem de passar por Ela. Isto é tremendo! Contudo, isto também exige uma mudança radical no comportamento – ficar pecando dentro da Trindade não deve ser uma boa ideia! Então, o sentido verdadeiro deste batismo deve ser o seguinte: é uma declaração pública, uma tomada de posição pública, pela qual o candidato rompe formalmente com Satanás, e o mundo controlado por ele, e se coloca debaixo da proteção do Deus Triúno. É mudar de lado, de time, de reino, o que acarreta uma mudança apropriada no estilo de vida.¹

Confesso não entender porque, a julgar pelos registros inspirados, o pessoal nem sempre foi rigoroso no obedecer da Comissão. Pelo menos, segundo Atos 10.48 Pedro mandou

¹ Caro leitor, será que existe sequer uma igreja local, no Brasil inteiro, que ensina este valor para este batismo? Que tristeza!

batizar Cornélio e companhia “no nome do Senhor Jesus”.¹ E segundo Atos 19.5 Paulo batizou aqueles discípulos de João “para dentro do nome do Senhor Jesus”. Refletindo um pouco, parece que o resultado prático seria o mesmo – estar debaixo da proteção do Soberano Jesus valeria estar debaixo da proteção da Trindade.

De fato, Jesus foi a revelação máxima da natureza de Deus ao homem. Como Ele mesmo disse a Filipe, “quem me vê, vê o Pai” (João 14.9). “Em Ele toda a Plenitude achou por bem habitar” (Colossenses 1.19), e “toda a Plenitude da Divindade habita nEle corporalmente” (Colossenses 2.9). Enfim, enquanto Jesus andou nesta terra, Ele representava a Trindade.

A exemplo do batismo de João, o Texto não fala da maneira usada para fazer o batismo. Com isso, através dos séculos, tem havido discussão e discórdia a respeito, quanto à quantidade d’água a ser utilizada. Não vejo como fechar a questão, e provavelmente não faça diferença no mundo espiritual. O que importa é a natureza da transação no âmbito espiritual, não o veículo material utilizado. Pensemos no batismo de Saulo de Tarso (Atos 9.18). Naquele tempo não existia água encanada; qualquer água tinha de ser carregada para dentro das casas. Na casa onde Saulo se encontrava, em Damasco, certamente não tinha piscina, e nem tanque de tamanho suficiente para caber o corpo de Saulo (e mesmo que tivesse, o dono não iria querer que sua água fosse contaminada). Certamente Ananias usou pouca água.² Tudo isso valeria para a casa de Cornélio

¹ Os manuscritos gregos estão divididos quanto ao nome: 35%, incluindo a melhor linha de transmissão, têm ‘o Senhor Jesus’; 57% têm ‘o Senhor’; 8% têm ‘Jesus Cristo’. De qualquer maneira, nenhuma das variantes traz a Trindade.

² Em Atos 22.16 o próprio Paulo (Saulo) relata aquela experiência; ele cita Ananias dizendo, “e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor”. Invocando o Senhor, ele creu para dentro deEle, e foi isso que

também (Atos 10.48) – tinha pouca água para muita gente. Também valeria para a casa do carcereiro em Filipos (Atos 16.33) – pouca água para muita gente. Enfim, o importante é a transação espiritual, não o veículo ou a maneira.

3) Em 1 Coríntios 12.12 Paulo utiliza a figura dos membros do corpo para falar da Igreja, e prossegue com o verso 13: “Porque todos nós fomos batizados para dentro de um corpo por um Espírito – quer judeu ou grego, quer escravo ou livre – e todos recebemos beber para dentro de um Espírito.” Entendo que Gálatas 3.26-28 versa sobre o mesmo batismo: “Assim, todos vocês são filhos de Deus através da fé em Cristo Jesus. Pois todos quantos, entre vocês, foram batizados para dentro de Cristo, se revestiram de Cristo – não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há ‘macho e fêmea’;¹ pois todos vocês são um em Cristo Jesus.”² Parece que Paulo está dizendo que o Espírito Santo nos batiza para dentro de Cristo. Mas como assim? Quando e como seria isso? Deve ser simultâneo ao momento em que Jesus batiza a pessoa com o Espírito Santo.

Devido a limitação humana, a linguagem é linear – é impossível dizer tudo ao mesmo tempo; a informação relevante tem que ser dada uma peça de cada vez. Um acontecimento

lavou os pecados. (Em vez de “o Senhor”, 6% dos manuscritos gregos trazem ‘ele’ [como em NVI, Atual, Cont, etc.])

¹ O Texto não diz ‘não há macho nem fêmea’; a expressão muda, como indiquei. Imagino que a referência seja a Gênesis 1.27, e à razão pela criação da fêmea em Gênesis 2.18. Todos são salvos na mesma base.

² A referência é ao âmbito espiritual, não o físico – um judeu que crê para dentro de Jesus não deixa de ser um judeu físico; um escravo que crê para dentro de Jesus não muda de condição social automaticamente; um macho que crê para dentro de Jesus não deixa de ser um macho físico. Claro.

complexo, como a transformação espiritual de uma pessoa, pode, e deve, ser descrito a partir de ângulos, ou perspectivas, diferentes. Quando cremos para dentro do Soberano Jesus, recebemos o Espírito Santo; mas ao mesmo tempo ingressamos no ‘corpo’ de Jesus ainda na terra, que é a Igreja. E a presença do Espírito Santo na gente é a prova de que somos de Jesus e fazemos parte desse ‘corpo’ – essa prova Paulo descreve como um batismo. Um ‘batismo no Espírito’ como sendo uma segunda, ou terceira, ‘obra de graça’, simplesmente não está no Texto. O que têm, sim, são enchiementos repetidos – quanto mais, melhor.

4) Devido à limitação da linguagem ser linear, parece-me que em Romanos 6.2-4 Paulo versa sobre outro aspecto da transformação espiritual que recebemos em Cristo. Ele insiste na necessidade de santidade de vida, utilizando o argumento que estivemos em Jesus quando Ele morreu, e com isso nós morreremos também, e morto não deve pecar. Mas como o corpo físico de Jesus foi sepultado e depois ressurreto, nós também o fomos, desfrutando agora do poder de Deus para levar uma vida nova, diferente. Para cobrir tudo isso, Paulo utiliza a frase, “batizados para dentro de Cristo Jesus”, que provavelmente diga respeito à ação do Espírito Santo descrito no item anterior. Parece-me que Colossenses 2.11-12 é paralelo a Romanos 6.2-4.

5) 1 Coríntios 15.29 tem dado muito ‘pano para manga’, inclusive na tradução. Seria batizados ‘pelos mortos’ (NVI), ou ‘em favor dos mortos’ (LH), ou ‘por causa dos mortos’ (Atual), ou ‘no lugar dos mortos’? O contexto é o rei da interpretação, e o contexto aqui é a realidade da ressurreição. Se não existe ressurreição, então a nossa fé é vã, estamos sofrendo à toa. Entendo que a tradução correta é ‘no lugar dos mortos’; isto é, novos convertidos ocupando o espaço deixado pelos que

morreram – naquele tempo, muitos foram martirizados. Não havendo ressurreição, não existiria vantagem em se tornar cristão, só para alimentar os leões. O ‘batismo’ aqui talvez reúna tanto o batismo com o Espírito Santo como o com água.

6) Resta comentar Hebreus 6.2 e 1 Coríntios 1.17. Em Hebreus 6.2 “instrução a respeito de batismos” faz parte dos “ensinos elementares” (verso 1) que devem ser deixados para trás, para podermos prosseguir rumo à perfeição. Como essa instrução está na companhia de arrependimento, fé, ressurreição e juízo eterno, que fazem parte essencial da nossa Fé, então não se trata de menosprezo. Essas coisas perfazem o fundamento para o crescimento espiritual, mas esse crescimento depende de fatores além das verdades básicas.

Mas como pode Paulo dizer em 1 Coríntios 1.17 que “Cristo não me enviou para batizar”, se na Grande Comissão Jesus mandou fazê-lo? Outra vez, devemos de atentar para o contexto. A partir do verso 10, Paulo está combatendo as divisões em torno de pessoas; existiam ‘partidos’, um deles sendo do próprio Paulo. No afã de combater esse ‘partido’, ele argumenta que ninguém foi batizado para dentro do nome de Paulo (verso 13); e segue agradecendo a Deus que ele tinha batizado poucas pessoas, exatamente para ninguém dizer que ele usou o próprio nome. Então vem o verso 17: “Porque Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho”. Estaria Paulo negando que batismo com água faça parte do Evangelho? Quase parece que sim. Ou estava ele fazendo distinção entre essencial e não-essencial? Se definimos ‘essencial’ como sendo os elementos que são necessários para que alguém se salve, então batismo com água não é essencial – faz companhia com outros elementos que são relevantes para crescimento espiritual, para viver a vida cristã, e tais elementos são importantes, certamente.

Conclusão

Para nós hoje, o único batismo de suma importância é aquele em que Jesus é o agente e a substância utilizada é o Espírito Santo. A chave é crer para dentro de Jesus. Quando cremos para dentro de Jesus, Ele nos batiza com Espírito Santo. Uma pessoa que nunca foi batizada por Jesus não faz parte da Igreja. “Ora, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle” (Romanos 8.9).